

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FRANCIELE AMARAL RODRIGUES DOS SANTOS

**AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS E A FORMAÇÃO HISTÓRICA E CIDADÃ DE
JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (ITUIUTABA-MG, BRASIL, 2016)**

UBERLÂNDIA-MG

2019

FRANCIELE AMARAL RODRIGUES DOS SANTOS

**AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS E A FORMAÇÃO HISTÓRICA E CIDADÃ DE
JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (ITUIUTABA-MG, BRASIL, 2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito à obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

UBERLÂNDIA-MG

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S237o Santos, Franciele Amaral Rodrigues dos, 1984-

2019 As ocupações secundaristas e a formação histórica e cidadã de jovens estudantes do ensino médio (Ituiutaba-MG, Brasil, 2016) [recurso eletrônico] / Franciele Amaral Rodrigues dos Santos. - 2019.

Orientador: Astrogildo Fernandes da Silva Júnior.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.948> Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. 2. Estudantes do ensino médio. 3. Estudantes - Atividades políticas. 4. Juventude - Atividades políticas. I. Silva Júnior, Astrogildo Fernandes da, 1966-, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Franciele Amaral Rodrigues dos Santos

**AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS E A FORMAÇÃO HISTÓRICA E CIDADÃ DE
JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO (ITUIUTABA-MG, BRASIL, 2016)**

Uberlândia, ____ / ____ /2019.

Nota: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Júnior (Orientador)

Prof. Dr. Luis Fernando Cerri

Prof^a. Dra^a Alexia de Pádua Franco

RESUMO

Este trabalho propõe investigar e refletir a experiência dos jovens estudantes do ensino médio na ocupação secundarista da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil, como elemento constitutivo da formação histórica e formação cidadã dos secundaristas. Configura-se uma oportunidade de repensarmos e reforçarmos experiências que propiciam a formação do pensamento histórico, para além da sala de aula. O desenvolvimento deste trabalho teve como principal objetivo analisar as contribuições da experiência das ocupações secundaristas, como forma de luta, para formação histórica e formação cidadã crítica dos jovens estudantes do ensino médio. Nessa perspectiva, este trabalho propõe investigar e refletir sobre a experiência das ocupações secundaristas para a formação histórica e formação cidadã dos jovens estudantes do ensino médio. Configura-se uma oportunidade de repensarmos e reforçarmos experiências que propiciam a formação do pensamento histórico, para além da sala de aula. O segmento deste trabalho encerra dimensões teóricas e intervenções em experiências concretadas junto aos secundaristas, com o objetivo de estimular o debate sobre a temática proposta, considerando os muitos questionamentos e o contexto histórico desse evento, por ser recente e se tratar da chamada história imediata. Através de entrevistas analisamos as vozes dos estudantes que ocuparam a escola, através da História Oral e apresentamos nossas percepções acerca dos resultados a partir da interpretação sistematizada pelo debate teórico apresentado ao longo deste trabalho e identificamos que as experiências vivenciadas pelos jovens estudantes durante a ocupação da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba-MG foram colaborativas para o processo da formação histórica e cidadã quando se colocam a frente de articulações e decisões frente as políticas públicas negligenciadas ao direito a uma Educação pública, gratuita e de qualidade.

Palavras-chave: ocupação secundarista; formação histórica; formação cidadã

ABSTRACT

This work proposes to investigate and reflect the experience of young high school students in the secondary occupation of the Governador Israel Pinheiro State School in Ituiutaba, Minas Gerais, Brazil, as a constitutive element of the historical formation and citizen education of secondary school students. It is an opportunity to rethink and reinforce experiences that allow the formation of historical thinking, beyond the classroom. The main objective of the development of this work was to analyze the contributions of the experience of secondary occupations, as a form of struggle, for historical formation and critical education of the young high school students. From this perspective, this work proposes to investigate and reflect on the experience of secondary occupations for the historical formation and citizenship formation of young high school students. It is an opportunity to rethink and reinforce experiences that allow the formation of historical thinking, beyond the classroom. The segment of this work closes theoretical dimensions and interventions in concrete experiences with the secondary students, with the purpose of stimulating the debate on the proposed theme, considering the many questions and the historical context of this event, being recent and dealing with the so - called immediate history. Through interviews we analyze the voices of the students who occupied the school through Oral History and present our perceptions about the results from the interpretation systematized by the theoretical debate presented throughout this work and we identify that the experiences experienced by the young students during the occupation of the State School Governador Israel Pinheiro in Ituiutaba-MG were collaborative for the process of historical and citizen formation when they put themselves in front of articulations and decisions in front of the public policies neglected to the right to a public Education, free and of quality.

Keywords: secondary occupation; historical formation; citizen training

RESUMEN

Este trabajo propone investigar y reflejar la experiencia de los jóvenes estudiantes de la enseñanza secundaria en la ocupación secundaria de la Escuela Estadual Governador Israel Pinheiro en Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil, como elemento constitutivo de la formación histórica y formación ciudadana de los secundarios. Se configura una oportunidad de repensar y reforzar experiencias que propician la formación del pensamiento histórico, además del aula. El desarrollo de este trabajo tuvo como principal objetivo analizar las contribuciones de la experiencia de las ocupaciones secundarias, como forma de lucha, para formación histórica y formación ciudadana crítica de los jóvenes estudiantes de la enseñanza media. En esta perspectiva, este trabajo propone investigar y reflexionar sobre la experiencia de las ocupaciones secundarias para la formación histórica y la formación ciudadana de los jóvenes estudiantes de secundaria. Se configura una oportunidad de repensar y reforzar experiencias que propician la formación del pensamiento histórico, además del aula. El segmento de este trabajo encierra dimensiones teóricas e intervenciones en experiencias concretas junto a los secundarios, con el objetivo de estimular el debate sobre la temática propuesta, considerando los muchos cuestionamientos y el contexto histórico de ese evento, por ser reciente y tratarse de la llamada historia inmediata. A través de entrevistas analizamos las voces de los estudiantes que ocuparon la escuela a través de la Historia Oral y presentamos nuestras percepciones acerca de los resultados a partir de la interpretación sistematizada por el debate teórico presentado a lo largo de este trabajo e identificamos que las experiencias vivenciadas por los jóvenes estudiantes durante la ocupación En el caso de las mujeres, las mujeres y las mujeres, en el caso de las mujeres, en el caso de las mujeres.

Palabras clave: ocupación secundaria; formación histórica; formación ciudadana

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dissertações relacionadas às ocupações secundaristas no portal da CAPES ...	19
QUADRO 2 - Teses relacionadas às ocupações secundaristas no portal da CAPES.....	21
QUADRO 3 - Universidades públicas e cursos ofertados respectivamente em Ituiutaba-MG (2018)	49
QUADRO 4 - Escolas públicas que ofertavam ensino médio no ano de 2016 em Ituiutaba-MG	50

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Número de ocupações por estado (2016).....	43
--	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa da Localização da Cidade de Ituiutaba/MG	47
FIGURA 2 - Mapa de localização das escolas ocupadas em Ituiutaba-MG	51
FIGURA 3 - Fachada da Escola Estadual Coronel Tônico Franco na reportagem do dia 24 de outubro de 2016, do jornal Pontal em Foco em Ituiutaba-MG (2016).....	52
FIGURA 4 - Ampliação dos cartazes fixados no portão da EECTF no dia 24 de outubro de 2016 em Ituiutaba-MG (2016).....	53
FIGURA 5 - Fachada da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba-MG (2016)	55
FIGURA 6 - Portão de acesso interno da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba-MG (2016)	56
FIGURA 7 - Enquete realizada pelo jornal local Pontal em Foco para saber se a população era a favor ou contra as ocupações secundaristas em Ituiutaba-MG divulgada no dia 31 de outubro de 2016.....	58
FIGURA 8 - Secundaristas da EEGIP segurando cartaz contra a PEC/241 durante as ocupações em Ituiutaba-MG (2016)	83
FIGURA 9 - Cartaz fixado no portão externo da EEGIP durante a ocupação em Ituiutaba-MG (2016)	84
FIGURA 10 - Estudantes secundaristas em reunião na Câmara Municipal de Ituiutaba no dia 08 de novembro de 2016, na reportagem do jornal Pontal em Foco em Ituiutaba-MG (2016)	85
FIGURA 11 - Cronogramas de atividades desenvolvidas pelos secundaristas durante a ocupação na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	89
FIGURA 12 - Cronogramas de atividades desenvolvidas pelos secundaristas durante a ocupação na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	90
FIGURA 13 - Resposta de uma estudante em uma publicação do <i>Facebook</i> que desqualificava o movimento secundarista na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016).....	94
Figura 14 - Aula pública pré-ENEM ministrada por professora voluntária na ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	96
FIGURA 15 - Aula pública pré-ENEM ministrada por professor voluntário na ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	97
FIGURA 16 - Estudantes preparando lanche coletivo na cantina durante a ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016).....	98
FIGURA 17 - Estudantes fazendo a limpeza da EEGIP durante ocupação em Ituiutaba-MG (2016)	100
FIGURA 18 - Roda de conversa realizada na ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	108
FIGURA 19 - Roda de conversa durante a ocupação na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016) ...	109
FIGURA 20 - Atividade recreativa educativa durante a ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	110
FIGURA 21 - Atividade recreativa educativa durante a ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	112
FIGURA 22 - Atividade recreativa educativa na EEGIP durante a ocupação em Ituiutaba-MG (2016)	113
FIGURA 23 - Atividade recreativa educativa na EEGIP na ocupação em Ituiutaba-MG (2016)	114
FIGURA 24 - Atividade recreativa educativa na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)	115

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EECTF	Escola Estadual Coronel Tonico Franco
EEGIP	Escola Estadual Governador Israel Pinheiro
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACIP	Faculdades de Ciências Integradas do Pontal
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFTM	Instituto Federal do Triângulo Mineiro
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MBL	Movimento Brasil Livre
MEC	Ministério da Educação e da Cultura
MG	Minas Gerais
MP/746	Medida Provisória 746
MPL	Movimento Passe Livre
PEC/241	Proposta de Emenda à Constituição 55/2016
PEC/55	Proposta de Emenda à Constituição 241/2016
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
RMS	Rede Minha Sampa
SEED	Secretaria de Educação do Estado do Paraná
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SP	São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
UBES	União Brasileira de Estudantes Secundaristas
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais

UFU Universidade Federal de Uberlândia
UNICAMP Universidade de Campinas
VPR Vem pra Rua
LGBTQ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e *Queer*

AGRADECIMENTOS

A palavra-chave que escolho para esse momento é GRATIDÃO. Durante a realização do mestrado fui imersa em um universo de muitas possibilidades com pouco tempo para explorar tudo que gostaria, por isso muito intenso. Aprendi com a pesquisa que ninguém é jovem demais para grandes realizações e nem experiente demais que ainda não possa aprender com esses jovens. As ocupações secundaristas foram uma lição de cidadania e perseverança. Às juventudes brasileiras por essa inspiração, gratidão.

A minha mãe por compreender minha ausência, me apoiar, respeitar minhas escolhas. Aos meus irmãos Fabrício e Farley pela amizade. E a todos os familiares que acompanharam meu processo de crescimento durante o mestrado, em especial minha tia Marlene, gratidão. Ao meu querido e amado companheiro Lucas, pela paciência, pela amizade, por me acalmar nos momentos mais difíceis, por não me deixar desistir, por me mostrar que podemos trilhar nossos próprios caminhos com sabedoria e irreverência, e sobretudo por me lembrar todos os dias que não somos perfeitos. A você minha mais terna gratidão. Agradeço minha sogra, Lourdes, pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador Astrogildo por me proporcionar a oportunidade de me tornar uma profissional da educação, assim como ele, apaixonada pelo faz. Por me ensinar que uma pesquisa é realizada com muita dedicação, tropeços e que podemos sempre melhorar. Por respeitar e compreender minhas limitações ainda como aprendiz. Por me fazer acreditar e sonhar em um dia poder ser um grande mestre como ele. A você a minha mais sincera gratidão.

À Gizelda, seus filhos e neta por ter me acolhido, por ter sido de fundamental importância para a realização desta etapa em minha vida, gratidão.

Aos meus amigos e companheiros de todos os momentos Bolada, Marcos Flávio e Orlando. À Camila pela aproximação e amizade. Pelos nossos momentos de descontração e apoio incondicional à minha jornada, minha eterna gratidão.

À Flávia, Marcos, Alexandre e Vó Aurea pelo acolhimento e carinho, gratidão.

Aos meus amigos ituiutabanos Antônia e família, Teodora, Fernando, Antônio, Jéssica e Húrbio por todos os nossos encontros e entretenimentos, gratidão.

A todos e todas colegas de mestrado, em especial à Fernanda pela companhia e pelo companheirismo durante as disciplinas realizadas, gratidão.

Aos professores e professoras com quem tive a satisfação de aumentar meus conhecimentos a respeito da Educação e das necessidades da luta por um país mais justo a partir

da formação dos indivíduos em escola pública e de qualidade que se comprometa com as questões sociais de nossas crianças e adolescentes, gratidão.

À Camila pelo carinho e confiança, Kerenn e Orlando por terem compartilhado comigo um lar em Uberlândia durante o período do mestrado, gratidão.

À CAPES pela oportunidade de poder realizar minha pesquisa como bolsista e a ela poder me dedicar mais e contribuir com os estudos acadêmicos acerca da Educação.

Ao grupo de pesquisa GEPEGH, pelos encontros e pelos projetos realizados. Aprendi e cresci muito com as contribuições do grupo, gratidão.

Às professoras Aléxia e Jorgetânia por participarem da minha banca de qualificação e pelas contribuições que permitiram o segmento deste trabalho, gratidão.

A todas e todos que direta e indiretamente contribuíram durante o período em que passei pelo mestrado. Gratidão!

O Trono do Estudar

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá*

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar*

*A vida deu os muitos anos da estrutura
Do humano à procura do que Deus não respondeu
Deu a história, a ciência, arquitetura
Deu a arte, deu a cura e a cultura pra quem leu
Depois de tudo até chegar neste momento me negar
Conhecimento é me negar o que é meu*

*Não venha agora fazer furo em meu futuro
Me trancar num quarto escuro e fingir que me esqueceu
Vocês vão ter que acostumar*

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá*

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar*

*E tem que honrar e se orgulhar do trono mesmo
E perder o sono mesmo pra lutar pelo o que é seu
Que neste trono todo ser humano é rei
Seja preto, branco, gay, rico, pobre, santo, ateu
Pra ter escolha, tem que ter escola
Ninguém quer esmola, e isso ninguém pode negar
Nem a lei, nem estado, nem turista, nem palácio
Nem artista, nem polícia militar
Vocês vão ter que engolir e se entregar
Ninguém tira o trono do estudar*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1. Aproximação temática e justificativa	16
1.1.2 Apresentação das produções que tiveram como objeto as ocupações secundaristas em 2015 e 2016 no Brasil.....	18
1.2. Problema e objetivos	22
1.3. Metodologia	25
1.3.1. Segmentos da pesquisa.....	26
1.4. Sujeitos da pesquisa	31
1.5. Organização da dissertação	32
2. PANORAMA HISTÓRICO-POLÍTICO BRASILEIRO DE 2013 A 2016: manifestações populares, conservadorismo e ocupações das escolas secundaristas.....	34
2.1 Manifestações, ascensão do conservadorismo e o golpe de 2016.....	35
2.2 . Ocupações secundaristas: movimento de jovens estudantes contra o retrocesso da educação brasileira.....	40
2.3. As ocupações secundaristas na cidade de Ituiutaba-MG, Brasil	46
3. JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: diálogos com os jovens da pesquisa	59
3.1. Juventudes	59
3.2. Protagonismo juvenil	64
3.3. Ensino médio, juventude e reforma.....	68
4. O PROTAGONISMO DOS JOVENS SECUNDARISTAS NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA ISRAEL PINHEIRO: reflexões acerca da formação história e cidadã, autogestão e resistência	75
4.1. Formação histórica e cidadã a partir da experiência com a ocupação da EEGIP	75
4.2. Autogestão e redes sociais digitais	86
4.3. Pressão para desocupar e resistência para pressionar.....	101
4.4. A escola que reinventamos: a ressignificação do espaço escolar pelos secundaristas	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	120

1. INTRODUÇÃO

1.1. Aproximação temática e justificativa

Início¹ este trabalho com a epígrafe da canção O Trono de Estudar, de Daniel Black, composta em homenagem as ocupações secundaristas em São Paulo, Brasil, em 2015. A canção nos remete a um processo de luta pela educação de adolescentes e jovens estudantes pelo direito de estudar, contra fechamento de escolas e de como esses indivíduos eram silenciados. Conquistaram seu espaço, soltaram sua voz, foram duramente hostilizados e reprimidos, mesmo assim comemoraram vitória diante do retrocesso escolar proposto pelo governador. A representação do movimento secundarista me chamou a atenção pela notoriedade das ações de indivíduos, embora ainda jovens, foram expressivos e determinados. Os primeiros contatos que tive com estudantes adolescentes jovens foram durante a graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), campus do Pontal em Ituiutaba, Minas Gerais (MG), em 2015. Nesse período participei de dois projetos de iniciação científica, ambos como bolsista. O primeiro projeto intitulado “Pesquisas escolares da disciplina História: influências na formação da consciência histórica”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), teve duração de um ano, cuja proposta era caracterizar processos de aprendizagem e práticas educativas que influenciam ou interferem na formação da consciência histórica de estudantes da educação básica, particularmente, no âmbito de pesquisas escolares da disciplina História realizadas na Biblioteca Municipal de Ituiutaba-MG. O segundo projeto “Diferentes fontes e linguagens no processo de ensinar e aprender história: um estudo com jovens estudantes do nono ano da educação básica”, teve duração de três anos e foi financiado pelos órgãos de fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e CNPq. O projeto teve como objetivo analisar o potencial das diferentes fontes e das diferentes linguagens da cultura contemporânea como filmes, canções, quadrinhos, obras de ficção, poesias, internet, documentos, história oral, jornais dentre outras no processo de ensino e aprendizagem em história, e o papel na formação cidadã de jovens estudantes. A experiência com os projetos me permitiu repensar as práticas docentes reproduzidas em sala de aula e a

¹ O tópico 1.1 Aproximação temática e justificativa está escrito em primeira pessoa para efeito de aproximação do tema de pesquisa com a experiência da autora.

compreender o processo de construção do conhecimento histórico a partir dos saberes inerentes aos alunos, adquiridos com experiências do cotidiano da vida prática. A oportunidade de interagir com jovens adolescentes e suas multiculturalidades, despertou meu interesse pelo universo das juventudes e se tornou o principal incentivo para essa pesquisa.

No ano de 2016 atuei como professora de História nos anos finais do ensino fundamental em escola pública municipal e acompanhei a repercussão das ocupações secundaristas na cidade de Ituiutaba, MG, Brasil. Ao visitar uma escola que aderira ao movimento, a atuação dos estudantes do ensino médio despertou interesse e curiosidade pela forma como se organizavam e desenvolviam as atividades na escola ocupada. O movimento era uma resposta as mudanças impopulares que o governo estava propondo para a área da educação, um exercício cidadão de luta pelo direito à uma educação pública e gratuita. Os estudantes estavam protagonizando uma história de luta de que se estendia por todo o país em 2016. Tratava-se de uma experiência vivida por sujeitos históricos em um movimento em favor do bem coletivo, que poderia nos revelar através de investigações, o que estava ocorrendo no interior das ocupações e o que essa experiência significava para os secundaristas. Seguindo o pensamento de Rüsen (2010), tive a percepção da experiência dos secundaristas como um engajamento, um agir coletivo de sujeitos históricos que atuaram em seu próprio tempo. Para o autor, “engajamento” significa vida prática, realização da própria existência na luta social pelo reconhecimento, na adoção e na defesa das próprias convicções no exercício do poder ou na inserção nele, nas participações nos processos culturais que determinam o próprio “eu”.

As ocupações secundaristas no Brasil começaram em 2015 em São Paulo (SP), após o anúncio de uma “reorganização escolar” proposta pelo governo do estado Geraldo Alckimin, o que acarretaria no fechamento de várias escolas. Em 2016 as ocupações tomaram maior proporção e foram deflagradas em quase todo o país, diante das mudanças propostas pelo presidente Michel Temer, como a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, após passar pelo Senado tornou-se a PEC/55, previa o congelamento dos gastos públicos em educação e saúde por vinte anos. A Reforma do Ensino Médio imposta pela Medida Provisória (MP) 746 que foi considerada arbitrária e inviável, por especialistas pois, não teve diálogo com a comunidade escolar e não havia estrutura na grande maioria das escolas para viabilizar o que estava proposto no documento. E ainda o projeto de lei “Escola sem Partido”, de forte apelo religioso cristão, o projeto criminalizava docentes alegando haver proselitismo em sala de aula em que temas ligados aos termos gênero, marxismo, desigualdade social são vistos como doutrinação esquerdista e seria necessário, fiscalização sobre o trabalho docente. O movimento estudantil reagiu e ocupou instituições públicas de ensino, dentre elas universidades e escolas

secundárias de ensino médio, com o objetivo de pressionar o governo a rever as mudanças propostas para a área da Educação. A luta de estudantes em prol de uma educação gratuita e de qualidade em nosso país se estende há anos e se foi reacendida em 2016, com as ocupações em universidades, mas o destaque foi para as ocupações secundaristas que ficaram conhecidas como “Primavera Estudantil”, ganharam notoriedade com a cobertura dos principais jornais televisivos e mídias digitais, além de grande movimentação em redes sociais. Em vários momentos, foi questionada a ação dos secundaristas de ocupar as escolas, foram chamados de “baderneiros” e “invasores” pela opinião pública, conservadores acreditavam que os estudantes estavam sendo doutrinados por professores simpatizantes ao comunismo.

Nessa perspectiva, este trabalho propõe investigar e refletir sobre a experiência das ocupações secundaristas para a formação histórica e formação cidadã dos jovens estudantes do ensino médio. Configura-se uma oportunidade de repensarmos e reforçarmos experiências que propiciam a formação do pensamento histórico, para além da sala de aula. O segmento que almejo desenvolver encerra dimensões teóricas e intervenções em experiências concretadas junto aos secundaristas da escola Estadual Governador Israel Pinheiro, Ituiutaba-MG, que ocuparam a instituição em outubro de 2016, com o objetivo de estimular o debate sobre a temática proposta, considerando os muitos questionamentos e o contexto histórico desse evento, por ser recente e se tratar da chamada história imediata. Com essa proposta fizemos um levantamento das produções que refletiam sobre as ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016, o que foi fundamental no processo da delimitação da temática e dos objetivos da investigação neste trabalho. No próximo tópico é registrado esse processo.

1.1.2 Apresentação das produções que tiveram como objeto as ocupações secundaristas em 2015 e 2016 no Brasil

Para melhor compreensão da abordagem acadêmica em relação à temática deste trabalho buscamos as pesquisas que investigaram as ocupações secundaristas de 2015 e 2016, sendo necessário fazer um levantamento sobre trabalhos já concluídos. Realizamos uma busca no banco de teses e dissertações da plataforma digital² da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de pesquisas realizadas com o tema das ocupações secundaristas. Para isso usamos as palavras-chave “ocupações secundaristas”. Fizemos a leitura dos resumos dos trabalhos encontrados e identificamos que não há algum que trata

² Encontrado em < [https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/).

especificamente da formação cidadão e/ou histórica dos secundaristas a partir da experiência com as ocupações das escolas.

Foram encontrados 25 trabalhos no banco de teses e dissertações da CAPES. As produções são datadas de 2016 a 2018 totalizando 22 dissertações e 3 teses em nível nacional. As pesquisas encontradas têm em comum o mesmo objetivo principal que é analisar e refletir acerca das ocupações secundaristas. Cada uma apresenta recorte espacial, temporal e área de conhecimento, distribuídas entre mestrados em Educação; Direito; Ciência da Informação; Comunicação e Práticas de Consumo; Gestão Integrada do Território; Tecnologias da Inteligência e *Design* Digital; Educação, Cultura e Comunicação; Planejamento Urbano e Regional; Sociologia; Comunicação; Ciências Sociais; Psicologia Institucional; Estudos da Linguagem. E três trabalhos de doutorado em Educação, Psicologia e Sociologia Política.

Algumas pesquisas não foram pensadas inicialmente na investigação das ocupações secundaristas e algumas foram redirecionadas para essa temática porque as ocupações aconteceram durante as investigações de outros temas realizadas pelos pesquisadores nas escolas.

QUADRO 1 – Dissertações relacionadas às ocupações secundaristas no portal da CAPES

Autores	Título	Área	Repositório
BEZERRA, Walter Ivan de Albuquerque	DIREITO À EDUCAÇÃO: análise da luta dos secundaristas de São Paulo na perspectiva de Amartya Sen E Joaquín Herrera Flores	Mestrado em DIREITO	Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis - Biblioteca Depositária: UCP 31/08/2016
DIEGUES, Alexandre Florence	ESTUDO DE CASO: mídias sociais e produção de subjetividade em uma escola estadual no Morro da Providência -RJ/2016	Mestrado em EDUCAÇÃO	Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Duque de Caxias - Biblioteca Depositária: <i>undefined</i> 16/09/2016
AYMONIN, Andrea Doyle Louzada de Mattos Dodebei.	Competência crítica em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro	Mestrado em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Biblioteca Depositária: UFRJ 17/02/2017
FERREIRA, Sofia Rodrigues	JUVENTUDES SECUNDARISTAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA: o fenômeno das ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS	Mestrado em EDUCAÇÃO	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre - Biblioteca Depositária: Central da PUCRS 03/03/2017
RICO, Omar Alejandro Sanchez	COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E CONSUMO DE AFETOS: Narrativas sobre protestos e ocupações contra a Reorganização Escolar em São Paulo	Mestrado em COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO	Escola Superior De Propaganda e <i>Marketing</i> . São Paulo - Biblioteca Depositária: ESPM 27/03/2017

LIMA, Maruza Cruz Pinto	EMPODERAMENTO JUVENIL: um fenômeno territorial de conformação identitária	Mestrado em GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO	Universidade Vale Do Rio Doce. Governador Valadares - Biblioteca Depositária: Biblioteca Univale 31/03/2017
DIOS, Valesca Canabarro	JOVENS E SEUS CELULARES: narrativas audiovisuais produzidas nas ocupações de 2015	Mestrado em TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - Biblioteca Depositária: Biblioteca da PUC-SP 11/04/2017
CORREA, Patrícia Augusto	#Ocupaescola: Juventude e mobilização no Rio de Janeiro	Mestrado em EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO	Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Duque de Caxias - Biblioteca Depositária: Rede Sirius – UERJ 20/06/2017
OLIVEIRA, Nayara Cristine Sousa	JOVENS E O ESPAÇO ESCOLAR: ocupações, concepções e expectativas sobre a escola	Mestrado em EDUCAÇÃO	Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia - Biblioteca Depositária: Biblioteca Depositária da UFU 29/06/2017
VIANNA, Carolina Calcavecchia Dos Santos	OCUPA ESCOLA: Resistência no Rio de Janeiro	Mestrado em PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Biblioteca Depositária: IPPUR/UFRJ 12/12/2017
SOUZA, Thaisa Elis de	“OCUPA E RESISTE”: discursos da Folha de São Paulo sobre as ocupações das escolas nos anos de 2015 e 2016	Mestrado em EDUCAÇÃO	Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis - Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFMT 26/02/2018
PACHECO, Carolina Simões	OCUPAR E RESISTIR: as ocupações das escolas públicas como parte do ciclo atual de mobilização juvenil no Brasil	Mestrado em SOCIOLOGIA	Universidade Federal do Paraná. Curitiba - Biblioteca Depositária: Universidade Federal do Paraná 05/03/2018
BORGES, Scarlett Giovana	A dialética das experiências escolares na emergência da prática de ocupar e resistir	Mestrado em EDUCAÇÃO	Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. São Leopoldo - Biblioteca Depositária: Unisinos 21/03/2018
RIBEIRO, João Carlos Cassiano	OCUPAR E RESISTIR: sentidos e significados atribuídos por alunos ao movimento de ocupação de uma escola pública paulista	Mestrado em EDUCAÇÃO	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - Biblioteca Depositária: Monte Alegre 02/04/2018
KETZER, Araciele Maria	“LUTAR TAMBÉM É EDUCAR”: o potencial político e educacional do movimento estudantil secundarista brasileiro nas escolas e redes sociais online (2015-2016)	Mestrado em COMUNICAÇÃO	Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria - Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Manuel Marques de Souza Conde de Porto Alegre 06/04/2018
CORBO, Wagner de Queiroz	EM BUSCA DA ESCOLA DESEJADA: um estudo de duas ocupações de escolas públicas do Rio de Janeiro (RJ)	Mestrado em EDUCAÇÃO	Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH 16/04/2018

REAL, Danielly da Costa Vila	PRIMAVERA SECUNDARISTA: engajamento estudantil nas ocupações de Vitória-ES em 2016	Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS	Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória Biblioteca Depositária: <i>undefined</i> 03/05/2018
CASTELLO, Naiara Ferreira VIEIRA	IDENTIDADES DISPERSAS; UMA NOVA SENSIBILIDADE: dos ativismos LGBT às ocupações estudantis de 2016	Mestrado em PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória Biblioteca Depositária: <i>undefined</i> 15/06/2018
FIGUEIREDO, Maria Paula Eppinghaus de	MAS QUEM DISSE QUE PRECISAVA SER ASSIM? fragmentos de discursos de estudantes de uma escola pública de Petrópolis sobre as ocupações	Mestrado em EDUCAÇÃO	Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis - Biblioteca Depositária: UCP 22/08/2018
CANESIN, Eduardo Marangoni	COMUNICAÇÃO E ESFERA PÚBLICA: análise da cobertura do Jornal Folha de São Paulo (versão <i>online</i>) sobre a reorganização escolar (2015) e as ocupações secundaristas	Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS	Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos - Biblioteca Depositária: eflch unifesp 24/08/2018
CAMASMIE, Mariana Junqueira	O Movimento de Ocupação das escolas e as novas formas de fruição da juventude escolarizada nas classes populares do Brasil'	Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC-Rio 04/09/2018
CASTILHO, Débora Muramoto Alves de	ERA ELE, E ERA EU: atravessamentos entre gênero e horizontalidade em narrativas de ocupação estudantil secundarista	Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da PUC-Rio 17/09/2018

Fonte: Banco de teses e dissertações da CAPES (2018); Organização: SANTOS, F.A.R. (2018)

QUADRO 2 - Teses relacionadas às ocupações secundaristas no portal da CAPES

Autores	Título	Área	Repositório
PEREIRA, Fábio de Barros	PROTAGONISMO ESTUDANTIL NA DEMOCRATIZAÇÃO COTIDIANA DA ESCOLA: das ocupações à gestão democrática no CE Amaro Cavalcanti	Doutorado em EDUCAÇÃO	Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Biblioteca Depositária: Rede Sirius 28/03/2017
FERNANDES, Maria Clara Alves de Barcellos	O GOVERNO DAS JUVENTUDES, O IMPERCEPTÍVEL E ESTRANHO AOS CONTROLES: as ocupações secundaristas no Rio de Janeiro	Doutorado em PSICOLOGIA	Universidade Federal Fluminense Niterói - Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Campus do Gragoatá 05/12/2017
PINTO, Ubirajara Santiago de Carvalho	VOZES NA OCUPAÇÃO: sociabilidades, envolvimento e sentidos de (in)justiça nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro	Doutorado em SOCIOLOGIA POLÍTICA	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes - Biblioteca Depositária: Biblioteca Nacional 19/04/2018

Fonte: Banco de teses e dissertações da CAPES (2018); Organização: SANTOS, F.A.R (2018)

Os estudos realizados sobre as ocupações secundaristas se tornaram instigantes para pensar como os jovens estudantes se organizaram no espaço escolar ocupado e como a articulação dos alunos se deu com autonomia e autogestão das escolas. Algumas pesquisas que apresentam atividades desenvolvidas pelos estudantes nas escolas com temas multiculturais despertaram interesse para uma reflexão acerca das multiculturalidades juvenis e temas importantes que promovem a inclusão e a desconstrução de estereótipos de uma parcela considerável de alunos e alunas na comunidade escolar. Alguns trabalhos revelam o cotidiano de atividades que demonstram ressignificação do espaço democrático, que legitimam as múltiplas culturas juvenis e, conseqüentemente, a formação de uma cidadania crítica.

Encontramos diversas publicações de artigos e dossiês acerca das ocupações secundaristas em 2015 e 2016. Algumas das quais foram utilizadas como referências para construção teórica deste trabalho, bem como livros sobre a luta estudantil dos secundaristas entre eles a obra de Gohn (2018) que faz uma análise, especificamente, do movimento secundarista em 2015 e 2016.

Não intencionamos o exercício de mapear e discutir as produções encontradas no banco de teses e dissertações encontradas, mas analisar o andamento de produção qualitativa e quantitativa relacionada ao tema desta pesquisa. As investigações realizadas foram importantes para que pudéssemos nos situar no cenário acadêmico atual e perceber como nossa investigação poderia contribuir, e/ou dialogar com elas. Ao ordenar o conjunto de informações e os resultados já obtidos é possível não cometer o erro de se debruçar em uma pesquisa que já tenha sido feita. O propósito é que cada investigação seja movida por novos desafios e/ou continuidades que tragam resultados sob novas perspectivas e novos horizontes de pesquisa tanto para as universidades quanto para o público externo.

1.2. Problema e objetivos

As ocupações secundaristas aconteceram em um período de intensa crise no Brasil em consequência de uma série de manifestações de populares nas ruas brasileiras desde 2013, mobilizadas pela instabilidade política que se agravou nos anos seguintes e desencadeou um golpe de estado em 2016, quando o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência. As manifestações aconteceram inicialmente devido ao aumento da passagem de ônibus em São Paulo, mobilizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL). Os protestos ganharam força e novas pautas com a ajuda de redes sociais para as mobilizações, mas não eram delineadas nem explícitas. Os manifestantes inflamaram as ruas brasileiras dividindo a população em vertentes

ideológicas de esquerda e direita, com um crescimento avassalador da direita com ideais conservadores. O aumento do conservadorismo pode ser notado entre jovens com a atuação do Movimento Brasil Livre (MBL), composto por jovens de classe média que atuavam como oposição do governo e defendiam o fim de políticas sociais, como cotas em universidades públicas e se posicionavam como defensores do ESP. Muitos questionamentos ainda existem acerca do que de fato levou dezenas de milhares de pessoas para as ruas após a manifestação contra o aumento do transporte público em São Paulo, promovido pelo MPL em 2013. Para Secco 2013, as manifestações foram apenas de cunho político, pois para ele nem “a alta do dólar ou o aumento da inflação podiam ser o motivo decisivo das revoltas, ao contrário, a perplexidade adveio da manifestação puramente política”.

Em consequência dessa situação, e com a desestabilidade política entre o governo da presidente Dilma Roussef do Partido dos Trabalhadores (PT) e a oposição, foi articulado no Congresso um golpe de Estado, para justificar esse ato. Buscamos a conceptualização de “golpe” em Bianchi (2016), baseado no pensamento de Naudè (1679), a saber, “um conceito eficaz de golpe de estado deve levar em conta seu sujeito e os meios excepcionais que este utiliza para conquistar o poder”. E foi por meio de conspiração parlamentar oportunista e opositora ao governo vigente que se destituiu uma governante eleita pelo voto popular sob alegação de improbidade fiscal. Nesse cenário político caótico ocorreram em 2015 as ocupações de várias escolas públicas de ensino médio em vários estados por diferentes razões na área da Educação de cada um. Em 2016 as ocupações foram em nível nacional, mais de 22 estados aderiram ao movimento estudantil contra medidas impopulares do governo que comprometiam a qualidade e o futuro da educação pública como a PEC/55, MP/746 e o ESP. No seguimento desses princípios, propomos uma análise da experiência de jovens do ensino médio na ocupação da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro, em 2016, situada no interior de Minas Gerais.

Na esteira dessa discussão, questionamos: de que forma a experiência dos jovens secundaristas como protagonistas das ocupações, pressupostamente, poderiam contribuir para a formação histórica e a formação cidadã crítica desses sujeitos? Quais foram as estratégias de mobilização dos secundaristas participantes? Nesse sentido o desenvolvimento deste trabalho teve como principal objetivo analisar as contribuições da experiência das ocupações secundaristas, como forma de luta, para formação histórica e formação cidadã crítica dos jovens estudantes do ensino médio. De forma específica delimitamos: i) compreender o contexto histórico das manifestações sociais (2013-2016), o lugar dos jovens nesse contexto e, em específico os jovens ituiutabanos da ocupação da Escola Estadual Israel Pinheiro na cidade de Ituiutaba- MG, Brasil; ii) compreender, a partir das vozes dos jovens entrevistados, os desafios

de ser jovem em particular de serem jovens estudantes do ensino médio; iii) analisar as vozes dos secundaristas sobre como a experiência no processo de ocupação contribuiu para o desenvolvimento de seu papel como cidadãos brasileiros e a luta pelos seus direitos básicos, com foco para uma educação gratuita e de qualidade. Queremos enfatizar que entendemos por educação de qualidade quando a mesma oferece subsídios para formação humana, crítica cidadã dos alunos, bem como condições formativas para o ingresso no mercado de trabalho e em universidades públicas. A educação de qualidade deve contemplar essas necessidades considerando condições sociais, culturais e religiosas; o espaço físico da instituição escolar; flexibilidade curricular; formação continuada de professores e educadores entre outros, como fatores econômicos que pesam para a desqualificação do ensino. Para Libâneo (2018), a definição de qualidade de educação implica pressupostos filosóficos, ideológicos e políticos dos quais resultam critérios de qualidade, que por sua vez, orientam políticas educacionais e orientações curriculares; portanto, critérios de qualidade não são nem objetivos, nem neutros para a promoção de uma escola justa. Segundo o autor:

Em síntese, escola justa é a que assegura o acesso de todos os conteúdos culturais científicos, como meio de promoção e ampliação do desenvolvimento intelectual, social, afetivo, estético, culminando no desenvolvimento da consciência e da personalidade. A apropriação desses conteúdos se dá pelo processo de ensino-aprendizagem em articulação direta com as condições sociais e culturais de vida dos alunos – onde surge a diversidade sociocultural. (LIBÂNEO, 2018. p. 81).

Nesse sentido, corroboramos Libâneo (2018, p. 81) quando ele afirma que a qualidade da educação escolar é possível a partir de um “currículo assentado na formação cultural e científica em interconexão com as práticas socioculturais uma vez que a escola trabalha com alunos concretos inseridos em práticas socioculturais e institucionais”. Para ele “a escola é uma das mais importantes instâncias de democratização da sociedade e de promoção de inclusão social, cabendo-lhe propiciar os instrumentos da apropriação dos saberes sistematizados social e historicamente”. Nessa perspectiva, concordamos ainda com Candau (2012), que assume uma perspectiva crítica e intercultural. Propõe “reinventar” a escola e a educação em geral, seus espaços, tempos, organização e dinâmicas.

Analisar as experiências vivenciadas pelos estudantes do ensino médio nas ocupações secundaristas nos leva a refletir sobre a formação histórica desses sujeitos. Assim, procuramos identificar elementos que possibilitem o reconhecimento de meios que contribuam para a formação histórica e cidadã dos jovens a partir da experiência com a ocupação. Os secundaristas

foram protagonistas da história de 2015 e 2016 no Brasil e podem atribuir significados na participação das juventudes na luta pela Educação gratuita e de qualidade:

O que ocorre com a relação das histórias com a experiência quando ela se transforma em pesquisa? Em primeiro lugar, essa relação torna-se visível: os fatos históricos são distinguidos dos significados que lhes são atribuídos no contexto interpretativo de uma história. Sua facticidade pura torna-se objeto de uma operação intelectual própria. Com isso, o que se chama de “experiência”, como instância autenticadora da validade de sentenças empíricas, é precisado e restringido: experiência é, por princípio, apenas o que pode e deve ser reconhecido, por qualquer um, como um dado empírico. (RÜSEN, 2010. p. 101).

A formação histórica pode acontecer fora da sala de aula a partir de experiências cotidianas, da vida prática. Está implicado nessa análise o processo de formação da consciência histórica da juventude. Para lidar com as questões apresentadas, buscamos referências conceituais sobre a formação da consciência histórica no pensamento teórico de Jörn Rüsen, entre outros. Entendemos que a formação da consciência histórica remete a um conjunto de relações aluno/escola e aluno/sociedade.

1.3. Metodologia

Optamos por desenvolver este trabalho a partir da aproximação entre pesquisador e sujeitos investigados, buscando meios para nos comprometermos com as vozes dos sujeitos, os espaços, as ações, atentos à subjetividade que é inerente ao ser humano, sem perder de vista o rigor científico da empiria e epistemologias. Para isso, adentramos no campo da pesquisa qualitativa cujos resultados podem ser considerados como fatores contribuintes para a compreensão da subjetividade humana e para intervenções em diversos aspectos na esfera sociocultural. A pesquisa qualitativa nos proporciona meios e oferece instrumentos para estudo do processo de construção do conhecimento do sentido subjetivo do ser humano a partir de suas interações histórico-culturais no meio em que vive. Pois, para compreender os sujeitos é preciso fazer uma leitura de sua interação com os outros e com o mundo em seu próprio espaço. Para Gonzáles Rey (2005), a pesquisa deve ter legitimidade, não apenas através do instrumentalismo presente nela, mas também pela epistemologia qualitativa que requer teoricamente um estudo que estabeleça relação com o construtivo interpretativo, a singularidade e dialogicidade. Trata-se, portanto, do processo de construção do conhecimento por meio de elaborações e interpretações que sistematizam os resultados da pesquisa a partir do processo construtivo-interpretativo, permitindo seu desenvolvimento por meio de núcleos de significação teórica.

Afirmar o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento implica também estabelecer uma diferença entre os termos interpretação e construção, já que toda interpretação é realmente uma construção. [...] a legitimidade do produzido é obtida por operações externas ao pesquisador, nas quais as ideias do pesquisador intervêm apenas no desenvolvimento dos procedimentos e não nos resultados da pesquisa. (GONZÁLES REY, 2005. p. 7).

Por se tratar de pesquisa realizada com sujeitos e não com objetos, trazemos a sensibilidade de Brandão (2003), ao afirmar a importância de se tratar os componentes da pesquisa como sujeitos contidos de subjetividades e não como objetos, números contados e catalogados.

Aprendi o desenvolvimento científico de conhecimentos a respeito da identidade, da inteligência, da aprendizagem e das emoções de pessoas como e por que somos dessa maneira ou daquela. Poderia estar fundado aí para, a partir daí e pouco a pouco, contribuir para criar aquilo que nos possa fazer, e aos outros que virão, pessoas mais sábias, mais amorosas e mais equilibradamente fecundas e felizes. (BRANDÃO, 2003. p. 34).

Ao pesquisador não é permitido ser um “eu” que direciona a pesquisa por onde quer, ela está acompanhada de embasamento teórico que permite a comunicação com os outros sujeitos encaminhando, assim, para resultados que possam contribuir para a seara acadêmica na compreensão das ações dos sujeitos na sociedade.

A partir dessa discussão, desenvolver esta pesquisa no âmbito da formação histórica e cidadã das juventudes contou com inúmeros desafios. A seriedade e o comprometimento são inerentes a esse processo de produção de conhecimento, que acontece efetivamente quando o pesquisador organiza suas análises em categorias que são consideradas instrumentos do pensamento, que expressam não só um momento do sujeito estudado, mas todo o contexto histórico-cultural conforme posto ao longo do trabalho.

1.3.1. Segmentos da pesquisa

Primeiramente, buscamos leituras em pesquisadores que trazem em seu abarço teórico contribuições para que pudéssemos compreender e desenvolver esta pesquisa de forma sistematizada. Para acessar dados e informações atualizadas utilizamos reportagens de jornais nacionais e locais na versão digital, bem como plataformas virtuais oficiais de órgãos públicos nas esferas municipal, estadual e federal.

Traçamos um breve histórico do contexto sócio-político do período entre 2013 a 2016 para compreender o contexto sócio-político do Brasil quando aconteceu a Primavera Secundarista. Delineamos o período das ocupações secundaristas e suas pautas em 2015 e 2016. Em seguida delineamos as ocupações em Ituiutaba-MG, apresentando a cidade e as escolas ocupadas, com foco na escola escolhida como *lócus* da pesquisa.

Apresentamos os conceitos de juventudes e uma reflexão acerca da condição juvenil brasileira e ituiutabana, com o protagonismo frente ao movimento estudantil e a relação dos jovens com o ensino médio, utilizando aporte teórico de pesquisas realizadas acerca da temática e dados fornecidos por órgãos públicos e de movimentos estudantis.

Considerando as etapas iniciais, escolhemos a “Escola Estadual Governador Israel Pinheiro” por se tratar de uma instituição pública que recebe estudantes de diferentes segmentos sociais, sendo a grande maioria filhos e filhas de operários e trabalhadores de diversos setores, advindos/as tanto de periferias quanto de regiões centrais. Ressaltamos, como critério, a proximidade da pesquisadora com a escola por ter participado de estágios supervisionados e projetos de iniciação científica na instituição por três anos durante sua graduação. Para reflexão das indagações deste trabalho seguimos com o propósito de analisar as vozes dos jovens que participaram da ocupação da escola. Escolhemos para essa etapa as narrativas de alguns estudantes que foram protagonistas da ocupação. Os critérios estabelecidos para a escolha dos sujeitos se delimitam na participação desses jovens do início ao fim da ocupação, na participação da organização do movimento e nas atividades realizadas durante todo o período da ocupação. Ao total foram 4 estudantes do ensino médio.

Inicialmente, a proposta era realizarmos um grupo focal. Preparamos as questões mobilizadoras, a partir de reportagens nacionais e locais e mobilização nas redes sociais entre os jovens ocupantes. O grupo focal não pode ser realizado, pois, apenas um colaborador compareceu na data e horário marcados. Em respeito à disposição do estudante realizamos a atividade prevista com apenas este jovem, o que configura uma entrevista em que foi utilizado o material do grupo focal. Devido à dificuldade de reunir os jovens colaboradores em um único momento para realização do grupo focal, em função da indisponibilidade de cada um, por conta de compromissos com horário de trabalho e de estudos, decidimos entrevistá-los de acordo com a acessibilidade de cada um. Dessa forma, os participantes foram entrevistados a partir de um questionário semiestruturado previamente, com o intuito de fazer uma análise interpretativa acerca do que esse material apresenta. De forma geral o roteiro da entrevista abordava as seguintes temáticas: o que é ser jovem, o motivo que os levaram a ocupação das escolas, organização do cotidiano e a experiência no movimento.

Ressaltamos que a proposta inicial da investigação era em torno da formação histórica dos estudantes a partir de conhecimentos prévios adquiridos na disciplina de História. A discussão seria em torno da Educação Histórica relacionada a conteúdos do ensino de História que poderiam contribuir para a constituição histórica dos estudantes, porém após a qualificação, optamos por retirar o ensino de História e buscar compreender somente a formação histórica a partir da experiência dos alunos na ocupação. Procuramos compreender a formação através da vivência dos estudantes com questões históricas na vida prática. Portanto, os questionários elaborados e as entrevistas foram feitos com base para os interesses iniciais e em função do curto prazo não fizemos novas entrevistas, utilizamos as narrativas que já haviam sido colhidas dos colaboradores.

As entrevistas foram feitas de acordo com a perspectiva da História Oral temática, por se tratar de um tema conflitante e polêmico, pois há quem acredite que a luta dos secundaristas era válida; em contrapartida havia os que afirmavam que os alunos eram apenas crianças sendo doutrinadas por interesses políticos, afirmações oriundas da parcela conservadora da população. Elaboramos um questionário orientador para realização das entrevistas, seguindo o pensamento de Bom Meihy (2013, p. 14), “a história oral temática não só admite o uso do questionário, mas mais do que isso, este se torna peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados”. Portanto, de acordo com o autor, podemos considerá-las como “fontes orais”.

Entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral. A história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista. (BOM MEIHY, 2013. p. 14).

O autor afirma que um dos desafios da História Oral é que ao “assumir-se como manifestação contemporânea, mantém um vínculo inevitável com o imediato e isso obriga reconhecer o enlace da memória com modos de narrar” (Ibidem, p. 14). Para nosso trabalho esse tipo de fonte torna-se fundamental por se tratar de tema referente à história imediata, processo vivido no tempo presente. As entrevistas com os jovens estudantes, podem nos revelar como suas ações durante as ocupações fizeram algum sentido em suas vidas. Podemos refletir sobre como o histórico social do país os levaram a refletir sobre a importância de um ensino público, gratuito e de qualidade, e como essa experiência pode contribuir para a constituição de um pensamento histórico. Em busca dessas e outras reflexões recorreremos às entrevistas.

Pretende-se, mesmo considerando que ela é narrativa de um fato, que a história oral temática busque a variante considerada legítima de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variante que seja discutível ou contestatória. (BOM MEIHY, 2013. p. 40).

Buscamos a partir das narrativas, compreender como é o desafio de ser jovem em um país em que se nota pouco interesse pelos seus anseios, suas necessidades e condições para se conseguir algum sucesso entre a universidade e o mercado de trabalho.

Após a realização das entrevistas, buscamos fazer as projeções analíticas de acordo com a perspectiva de Bom Meihy (2013), cumprindo as etapas da transcrição, contextualização e a transcrição das falas dos entrevistados. De acordo com o autor, na seguinte ordem:

- Transcrição: colocar as palavras ditas em estado bruto; manter perguntas e respostas, bem como repetições, erros e palavras sem peso semântico, sons do próprio ambiente.
- Textualização: as perguntas são eliminadas; são retirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico; retirar ruídos do ambiente. Tudo isso sem comprometer a essência do sentido da fala da pessoa, o que é chamado de “tom vital”.
- Transcrição: o texto produz uma narrativa em sua versão final com todas as correções gramaticais e depois de autorizado pelos colaboradores pode ser integrado ao corpo da pesquisa.

O trabalho com as narrativas nos remete aos estudos de Clandinin e Connelly (2011), que afirmam que as narrativas registram histórias vividas e contadas. As narrativas são formas de compreender a experiência. Pelas narrativas orais, cada pessoa recria suas diferentes versões sobre um mesmo período. Valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, contam não apenas o que fizeram, mas o que gostariam de ter feito, o que acreditavam fazer e o que pensam que fizeram. De acordo com os autores, as pessoas vivem histórias, reafirmam-se, modificam-se e criam novas histórias.

Benjamin (1993) ressalta que as narrativas permitem trazer a experiência de volta à história. A narrativa tem sua dimensão utilitária, pode se constituir em ensinamento moral ou em uma gestão prática ou provérbio, ou uma forma de vida. Não são verdades absolutas, não é uma rua de mão única. Reside aí a beleza das narrativas. O leitor é livre para interpretar. A narrativa conserva suas forças ao longo do tempo.

Além das narrativas, para elaboração das entrevistas recorreremos ao uso de informações digitais como jornais e redes sociais para compreendermos como eram divulgadas as ocupações

secundaristas. Utilizamos recortes de jornais de plataforma digitais com as principais notícias do período, para traçarmos um panorama geral de como foi a recepção das mídias em relação às ocupações em nível nacional, regional e local. Pois,

O entrevistador, no caso de história oral temática, deve ser preparado antes com instruções sobre o assunto abordado. Quanto mais informações se tem previamente, mais interessantes e profundas podem ser suas questões. Conhecer as versões opostas, os detalhes menos revelados e até imaginar situações que mereçam ser questionadas é parte da preparação de roteiros investigativos. (BOM MEIHY, 2013. p. 39).

Dentre esses jornais utilizados para a elaboração do roteiro das entrevistas escolhemos reportagens de dois: “G1” e “El país”, ambos de nível nacional. Um abordava as ocupações tendenciosamente a desqualificar o movimento e o outro trazia considerações a respeito da notoriedade do movimento. Ressaltamos que os jornais não serão tratados como fontes de análise, mas como um meio de informações sobre o processo das ocupações, tanto a nível nacional, quanto local. Estamos cientes de que os jornais, bem como outras fontes, não são neutros e apresentam conteúdos tendenciosos destacando o que interessa ao público que se direcionam. Dessa forma, os autores a seguir, alertam para a atuação dessas fontes:

No fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; na articulação, na divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos, etc.; na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento; no alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade; na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo; na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas. (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 159).

Na tentativa de dar ênfase ao que querem que a população se lembre, os jornais usados neste trabalho trazem conteúdos sobre as ocupações secundaristas. Cada um deles privilegiou uma forma de abordar o movimento. Alguns preferiram se apoiar na teoria de que os secundaristas estavam causando tumulto e prejudicando aos que queriam assistir as aulas; já outros buscaram adentrar nas ocupações e registrar as atividades que estavam sendo realizadas no movimento. O G1³ é o jornal eletrônico da Rede Globo, um dos mais populares. Como já é costumeiro da emissora em outras plataformas jornalísticas, o conteúdo apresentado busca uma forma de amenizar os problemas políticos relacionados aos problemas sociais do país. O jornal *El*

³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>

*País*⁴, é um diário eletrônico espanhol e possui sua versão em português desde 2013, com produções próprias do Brasil. Possui abertura para editoriais com tendências opostas à extrema direita.

Abordamos a opinião pública a respeito das ocupações através das redes sociais, sendo o principal meio que os secundaristas utilizavam para divulgação das atividades diárias que aconteciam na escola; optamos pelo *Facebook* que foi a rede social mais utilizada. Usamos imagens dos cronogramas elaborados pelos alunos e fotografias disponibilizadas pelos secundaristas colaboradores da pesquisa como representação visual de suas ações no cotidiano das ocupações.

1.4. Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são os nossos colaboradores e responsáveis para realização da mesma. Para Bom Meihy (2013) “o entrevistador e o entrevistado, na situação de entrevista, devem se reconhecer como *colaboradores*. Porque a participação é espontânea, as duas partes devem manter uma possibilidade confortável para o estabelecimento da entrevista.” Foi mantido o critério de usar seus nomes corretos, já que os entrevistados pediram para que seus nomes originais fossem colocados, pois eles se veem como sujeitos atuantes e não concordaram com a invisibilidade. As informações que se seguem são referentes à situação dos colaboradores no ano em que foram realizadas as entrevistas. Foram entrevistados quatro estudantes. A primeira entrevista, que seria o grupo focal, foi realizada no laboratório de geografia urbana, “Observatório das Cidades”, do curso de Geografia da FACIP/UFU. O lugar foi escolhido em função de sua proximidade da residência dos moradores. Duas entrevistas foram feitas na Biblioteca Municipal Senador Camilo Chaves de Ituiutaba-MG, localizada no centro da cidade e a última entrevista foi realizada no Observatório das Cidades. Todas as entrevistas foram realizadas em espaços de instituições públicas apropriadas a assuntos estudantis e foram escolhidas visando facilitar o trajeto dos entrevistados para os locais.

Os entrevistados estão apresentados na ordem cronológica das entrevistas: Luís, 18 anos, terceiro ano do ensino médio, estudante e trabalhava de seis a sete horas por dia durante as ocupações; quando não estava no trabalho ficava à frente do movimento na escola. (Entrevistado em novembro de 2017). Maria Vitória, 18 anos, dedicou somente aos estudos durante o ensino médio e no momento da entrevista era aluna ingressante do curso de Medicina Veterinária na UFU no campus Umuarama, Uberlândia. Participou ativamente nas ocupações

⁴ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/>>

do início ao fim. (Entrevistada em fevereiro de 2018). Amanda, 18 anos, não foi aluna trabalhadora durante o Ensino Médio e almejava ingressar no curso de História da UFU no campus do Pontal; estava aguardando o Sistema de Seleção Unificada (SISU) do Ministério da Educação (MEC). Participou em tempo integral das ocupações do início ao fim. (Entrevistada em fevereiro de 2018). Michele, 19 anos, conciliou o ensino médio com um curso técnico; durante a ocupação já havia terminado o curso técnico. Participou ativamente da ocupação do início ao fim. (Entrevistada em fevereiro de 2018).

1.5. Organização da dissertação

A dissertação será organizada em cinco seções, sendo a primeira já apresentada: 1. “Introdução”.

Na seção II: “PANORAMA HISTÓRICO-POLÍTICO BRASILEIRO DE 2013 A 2016: manifestações populares, conservadorismo e ocupações das escolas secundaristas”, trazemos uma reflexão acerca do panorama sócio-político do Brasil entre 2013 e 2016, apresentando a gênese das manifestações de rua que agravaram a crise política brasileira desencadeando a destituição da presidente Dilma Rousseff. Em seguida buscamos identificar o momento em que os estudantes secundaristas ocuparam as escolas em 2015 e 2016, em resposta a medidas governamentais. Por fim, adentramos no momento em que estudantes de Ituiutaba-MG decidiram participar do movimento de ocupação das escolas em 2016 trazendo algumas narrativas dos entrevistados a respeito de suas motivações para a ocupação da escola.

A seção III: “JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: diálogos com os sujeitos da pesquisa”, está organizada em três tópicos voltados para a compreensão da condição de ser jovem, a relação com o ensino médio e a luta contra a MP/746. Inicialmente buscamos compreender o perfil do/a jovem brasileiro, de forma genérica, levando em consideração que os sujeitos colaboradores da pesquisa fazem parte desse quadro. Nessa seção intencionamos analisar as vozes dos jovens secundaristas em busca de respostas para nossas indagações iniciais. Colocamos em análise as palavras de jovens estudantes que reivindicam seu lugar de fala e tomam para si o protagonismo de luta. A participação dos secundaristas em questões políticas poderia inaugurar uma nova dinâmica de relacionamento com a educação pública. Pensando no processo de construção de ações públicas para a educação, vários especialistas de variados setores interessados são ouvidos sobre a vida escolar dos estudantes, mas quem mais tem a nos dizer sobre como funcionaria a participação efetiva desses alunos no que tange ao processo de interesse em se aprender, são os próprios estudantes, assim como fizeram durante

a ocupação, criando sua própria rotina escolar. O tratamento das entrevistas foi feito a partir de categorias de análises pensadas de acordo com os questionamentos, com base em nosso aporte teórico. Dentre cada categoria, fizemos uma análise, buscando nas vozes dos sujeitos colaboradores respostas aos nossos questionamentos.

Na seção IV: “O PROTAGONISMO DOS JOVENS SECUNDARISTAS NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA ISRAEL PINHEIRO: reflexões acerca da formação histórica e cidadã”, buscamos analisar as vozes dos jovens secundaristas sobre como o processo de ocupação contribuiu para a formação histórica e o papel desses jovens como cidadãos brasileiros e a luta pelos seus direitos básicos, com foco para uma educação gratuita e de qualidade. Está dividida em quatro momentos: a formação histórica e cidadã dos jovens a partir da experiência com a ocupação a partir das atividades realizadas no cotidiano em prol do bem coletivo e a autogestão e repaginação nos moldes tradicionalistas da escola como uma nova forma de construção do conhecimento, mais dinâmica, versátil e comprometida.

Por fim, na seção V, “CONSIDERAÇÕES FINAIS”, retomamos os objetivos da pesquisa e destacamos o que julgamos relevante de acordo com os resultados obtidos. Apresentamos nossas percepções acerca dos resultados a partir da interpretação sistematizada pelo debate teórico apresentado ao longo deste trabalho e identificamos que as experiências vivenciadas pelos jovens estudantes durante a ocupação da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba-MG foram colaborativas para o processo da formação histórica e cidadã quando se colocam à frente de articulações e decisões frente às políticas públicas negligenciadas ao direito a uma Educação pública, gratuita e de qualidade.

2. PANORAMA HISTÓRICO-POLÍTICO BRASILEIRO DE 2013 A 2016: manifestações populares, conservadorismo e ocupações das escolas secundaristas

A seção está organizada em três tópicos. No primeiro, apresentamos um histórico acerca do contexto histórico político brasileiro de 2013 a 2016. Durante esse período ocorreu uma série de manifestações que antecederam as ocupações secundaristas. Em seguida buscamos identificar o momento em que os estudantes secundaristas começaram o movimento de ocupar as escolas, como forma de resistência contra mudanças na educação no estado de São Paulo em 2015 e em nível nacional em 2016, em resposta a medidas governamentais impopulares para a área da Educação. Por fim, adentramos no momento em que estudantes de Ituiutaba-MG decidiram participar do movimento de ocupação das escolas em outubro de 2016.

A discussão registrada nesta seção tem como principal objetivo apresentar uma reflexão acerca do contexto histórico da crise sócio-política que o Brasil estava enfrentando alguns anos antes da deflagração das ocupações secundaristas em massa em 2016. Consideramos relevante compreender esse período, pois, as manifestações ocorridas durante esses anos agravaram a crise política e o desfecho foi um *impeachment*. Quando o vice-presidente assumiu a presidência em 2016, adotou medidas para a Educação que foram rejeitadas pela comunidade em geral. Nesse momento os estudantes secundaristas ocuparam suas escolas como forma de protesto em um Brasil fragilizado e desgastado pela divisão ideológica-política entre brasileiros, pela ascensão do conservadorismo e discurso de ódio contra as “minorias” e pela alta rejeição ao novo presidente. As redes sociais foram o principal meio para mobilizar as ações dos populares. Tornaram-se principal meio de divulgação da opinião pública, em que as pessoas, sem medo, deliberavam ofensas de cunho preconceituoso a negros, mulheres, deficientes, *gays*, pobres em geral. As ofensas eram despendidas a grupos que vinham ganhando espaço nas discussões políticas durante alguns anos nos governos do PT (Partido dos Trabalhadores). Em contrapartida, houve mobilização pelas redes, de pessoas favoráveis às lutas sociais pela busca de melhorias na educação, saúde, emprego, moradia, a partir de intervenção de políticas sociais voltadas para as classes mais pobres.

Nesse cenário, o papel das redes sociais foi imperativo. Castells (1999) analisa três diferentes movimentos sociais: os zapatistas no México, os patriotas nos Estados Unidos e a verdade suprema no Japão. Os três movimentos que marcaram os anos de 1990, tinham objetivos, identidades, ideologias e meios de relacionar com a sociedade extremamente distintos. O ponto em comum era a oposição declarada à nova ordem global e a utilização das redes sociais no processo de mobilização da sociedade. A participação popular ficou marcada

pela luta pelo direito de ter acesso não somente ao que a cidade oferece, mas sobretudo pelo direito de morar em uma cidade em que os serviços públicos oferecidos tenham boa qualidade e que sejam para todos. Reafirmamos a importância da organização em redes nesse processo.

2.1 Manifestações, ascensão do conservadorismo e o golpe de 2016

Para melhor compreensão dos protestos nas ruas recorreremos aos estudos de Gohn (2013) e Gohn (2018), quando ela afirma que neste milênio as mobilizações aconteceram em resposta a um novo cenário político, a partir das relações desenvolvidas entre os diferentes sujeitos sociopolíticos. Com isso houve alterações no formato das mobilizações que agora se dão por redes e na forma de atuação desses sujeitos. Para ela as novas políticas sociais do Estado globalizado desenvolvidas nos últimos anos são direcionadas para processos de inclusão social de setores e camadas tidas como “vulneráveis ou excluídas” de condições socioeconômicas ou direitos culturais. Dessa forma:

Resulta deste cenário, neste novo milênio que muitas ações coletivas que são movimentos sociais de fato tiveram que alterar suas práticas e reivindicações para não ficar à margem da história, atuando segundo certas condicionalidades pautadas pela nova institucionalidade criada pelas políticas públicas – em casos raros, partiram para ações de resistência via desobediência civil. (GOHN, 2013. p. 24).

De acordo com Gohn (2018), o período de manifestações de 2013 a 2016 está dividido em três grandes momentos. O primeiro é o das manifestações e protestos em junho em 2013; o segundo é identificado no ano eleitoral e de Copa do Mundo no Brasil em 2014; o terceiro em 15 de março de 2015, quando a multidão retorna às ruas. O último momento se estende a 2016.

As manifestações que inflamaram as ruas brasileiras começaram em junho de 2013 nas ruas da cidade de São Paulo-SP e ficaram conhecidas como as “Jornadas de junho”. Elas tomaram grande proporção em várias cidades do país e as indignações com a falência do serviço público se estenderam até 2016. Muitos questionamentos ainda existem em torno do que de fato levou dezenas de milhares de pessoas para as ruas após a primeira manifestação contra o aumento do transporte público em São Paulo, promovido pelo Movimento Passe Livre (MPL) em 2013. As movimentações das massas nas ruas começaram com uma reivindicação sobre a tarifa do transporte público, ganharam força e com a ajuda da mobilização através de redes sociais foram surgindo novas pautas e novos protestos. Durante as manifestações, pessoas foram para ruas aos gritos de insatisfação, só não se sabia o rumo a que se direcionavam os gritos, se à situação política, social ou econômica do país, como analisa Singer (2013):

De milhares, as contas de gente na rua passam a centenas de milhares. Na segunda, 17, quando o MPL chama a quarta jornada, que juntam em São Paulo 75 mil pessoas, ela é replicada nas maiores capitais do país de maneira espontânea. Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma profusão de dizeres e pautas: “Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”, “Queremos hospitais padrão Fifa”, “O gigante acordou”, “Ia ixcrever augu legal, maix fauto edukssao”, “Nao é mole, não. Tem dinheiro pra estádio e cadê a educação”, “Era um país muito engraçado, não tinha escola, so tinha estádio”, “Todos contra a corrupção”, “Fora Dilma! Fora Cabral! PT = Pilantragem e traição”, “Fora Alckmin”, “Zé Dirceu, pode esperar, tua hora vai chegar”, foram algumas das inúmeras frases vistas nas cartolinas. (SINGER, 2013. p. 25).

O contexto político e econômico foi o pano de fundo e o fio condutor da narrativa acerca das manifestações. Em meio a essa aglutinação de protesto havia diferentes grupos atuantes entre movimentos sociais, coletivos e redes de mobilização atuando como instrumentos de articulação e, de acordo com Gohn (2018), por trás de sua atuação existem normas, princípios e ideologias que constroem uma nova cultura política. Nas manifestações, de forma geral, o público foi predominantemente jovem. Houve intensa participação da juventude brasileira nas manifestações tendo o espaço público como palco para atuação dos Black Blocs⁵, com ataques contra instituições representantes do capitalismo. Em contrapartida houve a atuação de integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL)⁶, com atuação performática nas ruas apresentando coreografias com figurino verde e amarelo, preconizando a guinada direitista que viria a aumentar consideravelmente em 2014.

O segundo momento em 2014 é marcado por ser ano de eleições presidenciais e Copa do Mundo no Brasil. Ações como o “Rolezinho”⁷ que aconteciam com maior frequência e vaias contra a presidente Dilma no estádio de futebol foram signos sociais marcantes nesse momento da agravante crise política, social e econômica o país. Para Boito Jr. (2016), a crise adveio do conflito entre duas correntes de opinião: neoliberais que defendem o livre jogo das forças de mercado e críticos do intervencionismo estatal, e os desenvolvimentistas que defendem o intervencionismo estatal para estimular o crescimento econômico, comumente denominadas pelos brasileiros, respectivamente, vertente de direita e de esquerda.

⁵ Grupo de manifestantes formado por jovens que usavam máscaras durante os protestos. Com ideais de segmento anarquista.

⁶ Movimento composto em sua maioria jovens conservadores da classe média.

⁷ Nome atribuído ao encontro de jovens de periferia em *shopping centers* como forma de ostentação desses jovens. Essa prática foi atribuída preconceituosamente pela mídia em geral, como tumulto e confusão em ambientes frequentados pela família tradicional brasileira. A ação desses jovens, ao se reunirem para ter acesso a um espaço considerado não adequado a eles, gerou polêmica acerca do lugar do pobre periférico na sociedade, reafirmando o preconceito social e o discurso de ódio em relação às classes marginalizadas.

De acordo com Gohn (2018) podemos apontar como articuladores das manifestações de 2014 o que ela classifica como “novíssimos” movimentos que surgiram a partir de 2013. A atuação desses movimentos ressignificaram a cultura política vigente, “criando novos discursos, novas práticas, novas representações e imaginários sobre o fato sociopolítico, econômico ou cultural em questão”. (GOHN, 2018. p. S.I). De um lado, temos o MPL que continuou atuando nas ruas e, de outro, de caráter neoliberal e neoconservador que contrapõem aos ideais do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e fazem parte da classe média brasileira, o Vem Pra Rua (VPR), o MBL (Movimento Brasil Livre), o “Nas Ruas”, “Revoltados *On-line*” entre outros menos expressivos. Estes últimos representam uma parcela da sociedade brasileira que defendem os valores morais tradicionais cristãos. Se posicionam contra a luta dos grupos marginalizados na sociedade que defendem pautas como feminismo, gênero (LGBT), racismo, liberdade de expressão religiosa, indígenas, inclusão de deficientes. A atuação dos movimentos neoliberais foi intensa através de redes sociais digitais promovendo “panelaços”⁸, com foco nas eleições presidenciais quando começou a surgir a ideia de *impeachment*.

O terceiro momento, quando as multidões retornam às ruas em 2015, se torna explícita a divisão no país entre ideologias de esquerda e de direita já anunciadas nas eleições de 2014, quando a presidente Dilma Roussef (PT) foi eleita com 54.501.118 votos (51,64% dos votos válidos) contra 51.041.155 votos (48,36% dos votos válidos) dos votos dispendidos ao candidato da oposição Aécio Neves⁹ do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em março de 2015, ficou evidente que parte da população foi às ruas a pedido do *impeachment* da presidente Dilma, enquanto a outra parte acusava a tentativa de golpe a uma presidente democraticamente eleita. O Poder Judiciário desempenhou importante papel para esse conflito:

A partir de março de 2015, observa-se também, nas ruas, a consolidação de uma representação social criada na conjuntura política vivenciada no país em 2014, de um novo ator coletivo que desempenhará um papel crucial no processo de *impeachment* da presidente Dilma em 2016: o Poder Judiciário. Os juízes federais responsáveis pela apuração de denúncias de corrupção, a Operação Lava Jato — iniciada em 2014 — e a sequência de prisões, delações e investigações conferirão ao Poder Judiciário o papel de sujeito histórico relevante, não só na história política do país, mas também nas manifestações nas ruas. Faixas, cartazes, fotos etc. demonstravam o apoio dos manifestantes ao juiz Sérgio Moro. (GOHN, 2018. p. SI).

A operação Lava Jato foi uma das maiores responsáveis para o agravamento da crise política que levou à derrubada da presidente. Contudo, não se obteve provas de seu

⁸ Forma de protesto social protagonizada pela classe média em 2014 e 2015 de suas janelas em bairros nobres de cidades brasileiras. O “panelaço” era articulado através de redes sociais pelos movimentos conservadores.

⁹ Dados retirados do site do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Dezembro/plenario-do-tse-proclama-resultado-definitivo-do-segundo-turno-da-eleicao-presidencial> >. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

envolvimento no escândalo de corrupção da Petrobras. Para Bucci (2016), a operação Lava Jato, liderada pelo juiz Sérgio Moro, tornou-se central para a narrativa do cenário político após as eleições presidenciais.

Iniciada sem foguetórios em março de 2014, a Lava Jato viria a ser, em 2015 e 2016, o centro da política brasileira. Sediada em Curitiba e levada à frente com base na triangulação entre a Justiça Federal, o Ministério Público Federal e a Polícia Federal, começou com o objetivo de apurar possíveis irregularidades em postos de gasolina (daí o nome “Lava Jato”). De repente, encontrou um duto bilionário de propinas saídas diretamente da Petrobras e se firmou como a maior operação anticorrupção já realizada no Brasil. (BUCCI, 2016. p. 141-142).

Os últimos anos antes do golpe nos permitem uma leitura, mesmo que genérica, do comportamento dos indivíduos participantes das manifestações e das divergências ideológicas, bem como da dualidade “esquerda” e “direita” que dividiu a população através de um muro abstrato, concretado por discursos de ódio e ataques verbais em redes sociais. Naquele momento o juiz Sérgio Moro era visto por conservadores como um possível “salvador da pátria” por encabeçar as prisões realizadas na operação Lava Jato e pelo desejo de se restaurar a ordem moral e promover uma “limpeza política” extinguindo o PT das atuações políticas. A classe média almejava a reconstrução dos valores morais da “família tradicional brasileira” pautados em valores cristãos, bem como o fim das políticas de assistencialismo público, principalmente as que contribuía para a formação do pobre da classe trabalhadora em universidades, através de sistemas de quotas e oportunidade de financiamentos em universidades privadas. Havia, entre outros fatores,

Desejo de ordem e segurança também porque, em decorrência de sua fragmentação de sua instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança. Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante. (CHIAUI, 2016. p. 19-20).

Esses eram também da “nova classe média”, denominada pela autora, como “nova classe trabalhadora”, formada por sujeitos com alta escolaridade que ocupam cargos públicos e outros empregos de mão de obra especializada e cara ao mercado de trabalho permitindo certo poder aquisitivo.

No Brasil, essa classe se beneficiou com as políticas econômicas dos últimos dez anos, cresceu e prosperou... não no mesmo grau nem na mesma intensidade que a classe trabalhadora. Assim, quando dizemos que se trata de uma *nova* classe trabalhadora,

consideramos que a novidade não se encontra apenas nos efeitos das políticas sociais e econômicas dos governos petistas, mas também nos dois elementos trazidos pelo neoliberalismo, quais sejam: de um lado a fragmentação, terceirização e “precarização” do trabalho e, de outro, a incorporação da classe trabalhadora de segmentos sociais que, nas formas anteriores do capitalismo, teriam pertencido à classe média. (Ibidem, p. 20).

Dessa forma, segue-se a ideologia propagada pela classe média que é a naturalização das diferenças de classe e o que a diferencia é a busca do prestígio e os signos do prestígio com os diplomas e os títulos das profissões neoliberais, pelo consumo de serviços e objetos indicadores de autoridade, riqueza, abundância, ascensão social. (Chiauú, 2016). Entendemos que durante as manifestações a classe média marca seu território de disputa com a nova classe trabalhadora, já que foi menos beneficiada pelos programas de cunho social dos governos do PT. Em outras palavras:

[...] o consumo lhe parece como ascensão social em direção a classe dominante e como distância intransponível entre ela e a classe trabalhadora. Esta, por sua vez, ao ter acesso ao consumo de massa, tende a tomar esse imaginário por realidade e aderir a ele. (CHIAUÍ, 2016. p.21).

Tanto a classe média quanto parte significativa da nova classe trabalhadora contribuíram efetivamente para a ascensão.

Toda essa tensão política tem como desfecho o golpe parlamentar sobre a presidente Dilma Rousseff, e nas palavras do pensador Lowy (2016):

O que aconteceu no Brasil, com a destituição da presidente eleita Dilma Rousseff, foi um *golpe de Estado*. Golpe de Estado pseudolegal, “constitucional”, “inconstitucional”, parlamentar ou o que se preferir, mas golpe de Estado. Parlamentares – deputados e senadores – profundamente envolvidos em casos de corrupção (fala-se em 60%) instituíram um processo de destituição contra a presidente pretextando irregularidades contábeis, “pedaladas fiscais”, para cobrir déficits nas contas públicas – uma prática corriqueira em todos os governos anteriores! Não há dúvida de que vários quadros do PT estão envolvidos no escândalo de corrupção da Petrobras, mas Dilma não... (LOWY, 2016. p. 64).

As principais mídias televisivas e digitais contribuíram para o agravamento do conflito de classes e a crise política. Grandes emissoras apoiadoras de políticas neoliberais contribuíram para reforçar a rejeição da população em relação ao governo vigente. Os escândalos de corrupção eram destaque apenas quando havia envolvidos do PT, causando a impressão de ser esse partido a escória da política brasileira e contribuindo para o crescimento do antipetismo e atitudes hostis para com os eleitores de governos de esquerda.

2.2 . Ocupações secundaristas: movimento de jovens estudantes contra o retrocesso da educação brasileira

Em meio ao caos no Brasil foram deflagradas as ocupações de escolas públicas por estudantes secundaristas. Começaram no estado de São Paulo em 2015 e foram se alastrando em outros estados ao longo de 2016 até chegar em seu ápice entre outubro a dezembro com a iniciativa das escolas do Paraná e ocupações em universidades. As razões foram inúmeras ao longo da jornada de ocupações em vários Estados por problemas locais. Em nível nacional as ocupações se alastraram após o presidente Michel Temer anunciar mudanças para a Educação. As ocupações das escolas de ensino básico ficaram marcadas pela horizontalidade do movimento. Os secundaristas se organizaram através de redes informacionais e comunicacionais, ou seja, de forma que todos pudessem ouvir e também se expressar por redes sociais e mídias alternativas promovidas pelo jornalismo independente, como a “Mídia Ninja”¹⁰.

Em outubro de 2015 no estado de São Paulo secundaristas ocuparam as instituições de ensino como forma de pressionar o governo contra a “Reorganização Escolar”¹¹ proposta pelo governador Geraldo Alckimin. Com a reorganização ocorreria o fechamento de cerca de 93 escolas, o que afetaria mais de 311 mil estudantes e 74 mil professores e professoras da rede pública. A justificativa era a necessidade da separação em dois ciclos únicos, fundamental e médio, para melhoria do desempenho dos alunos. Para isso escolas seriam fechadas e alunos/as seriam realocados/as. Sob o *slogan* “Não fechem minha escola”, os secundaristas se organizaram em ocupações e manifestações nas principais vias da cidade, onde foram duramente reprimidos pelas forças policiais com bombas de gás e cassetetes, sendo que chegaram a deter alguns secundaristas.

Segundo o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), em dois meses já havia mais de 200 escolas ocupadas. O professor Dermeval Saviani manifestou seu apoio ao movimento estudantil¹². Doutor em Filosofia da Educação e professor de História da Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Saviani participou de um evento na Escola Estadual Carlos Gomes, no centro de Campinas,

¹⁰ Mídia “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação” é um coletivo alternativo que emergiu durante as manifestações das Jornadas de Junho no Brasil que adotou as redes sociais como principais meios de divulgação de seu conteúdo.

¹¹ Ver proposta na Secretária Estadual de São Paulo: < <http://www.educacao.sp.gov.br/reorganizacao>>.

¹² Disponível em: < <http://www.apecoesp.org.br/busca/ocupacoes/>> Acesso em: 18 de abril de 2018.

interior paulista, com o intuito de prestar solidariedade à ocupação realizada contra a reorganização do ensino proposta pelo governador:

Então, é possível resistir porque não há nada que justifique fechamento de escolas. Se nós queremos uma educação digna e de qualidade temos de ocupar todos os espaços para favorecer esse objetivo. Se o número de alunos diminuiu em termos da demanda da população, a reclassificação seria reduzir o número de estudantes por sala de aula para que os professores tenham melhores condições de trabalho, e nunca fechar escolas. (SAVIANI, 2015).

O professor Saviani faz referência à superlotação das salas de aulas com a transferência de alunos das escolas que seriam fechadas, caso a reorganização fosse feita e salienta o motivo de seu apoio à ocupação por uma educação digna e de qualidade. Assim como o professor, os estudantes de SP receberam apoio de outros intelectuais e também de artistas brasileiros. Com o recuo do governador Geraldo Alckmin pressionado pelas ocupações secundaristas, a reorganização escolar foi suspensa o que foi celebrado com a “Virada Ocupação”, evento organizado pela Rede Minha Sampa (RMS)¹³ e contou com o apoio e participação de bandas e artistas com *shows* abertos à comunidade em geral, como o do cantor Criolo. Para homenagear os estudantes envolvidos nas ocupações foi gravado um videoclipe com a canção “O Trono do Estudar”. A composição é de Dani Black. Entre os artistas estão Chico Buarque, Arnaldo Antunes, Paulo Miklonos que fizeram parte do clipe. A canção é uma crítica ao fechamento das escolas em SP e a forma como os estudantes foram reprimidos pela polícia militar quando foram para as ruas contra o fechamento. Alguns secundaristas foram detidos e no refrão fica explícito que nem assim os estudantes seriam impedidos da luta em defesa das salas de aula.

Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar. (BLACK, 2015).

Ao longo de 2016 as ocupações emergiram em outros estados devido a problemas locais. Priorizamos neste trabalho o momento que ficou conhecido como “Primavera Secundarista”, que aconteceu nos últimos meses de 2016 e mobilizou 22 estados mais o Distrito Federal (DF). O movimento começou nas escolas do Paraná e chegou a mais de 1000 ocupações em todo o

¹³ Trata-se de uma rede de ação apartidária formada por mais de duzentas mil pessoas que tencionam pressionar e fiscalizar os políticos da cidade em defesa do interesse e participação dos cidadãos em cidade mais democrática, inclusiva e sustentável. Disponível em: < <https://www.minhasampa.org.br/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.

território nacional, entre escolas estaduais, institutos federais, centros educacionais e universidades.

Em junho de 2016 foi apresentada na câmara de deputados a Proposta de Emenda Constitucional 241/16 (PEC241)¹⁴, que foi alterada no Senado para PEC/55. Ela estabelecia o congelamento das despesas do governo federal durante vinte anos e a alteração do financiamento da saúde e da educação no Brasil. Após a aprovação da PEC na câmara dos deputados o ministro da Fazenda, daquele ano, Henrique Meirelles, fez um pronunciamento¹⁵ em cadeia nacional de redes de televisão.

Confiamos que o Congresso aprovará essa medida que vai equilibrar as contas públicas. Esse é o caminho para a volta do crescimento da nossa economia e para a criação de empregos que nosso povo precisa. É necessário um prazo para ajustar as contas de forma gradual, sem retirar direitos, sem cortar o dinheiro dos projetos mais importantes, aqueles essenciais. Com a aprovação da proposta que equilibra as contas públicas, vamos superar este momento e recolocar o Brasil no caminho da justiça social com desenvolvimento de verdade. (MEIRELLES, 2016).

As declarações do ministro não estavam coerentes com a realidade brasileira. A população pobre é a que mais necessita dos serviços públicos gratuitos na educação e saúde, logo seriam os mais afetados com a falta de investimentos. A fila do Sistema Único de Saúde (SUS) tenderia a aumentar e o sistema educacional não teria avanços para acompanhar a era da globalização em termos tecnológicos e qualificação dos estudantes para o mercado de trabalho. A aprovação da PEC/55 não contribuiria para a justiça social como acreditava o ministro. A Medida Provisória 746 (MP/746)¹⁶ da reforma do ensino médio foi o estopim para o alastramento das ocupações em todo o país. A proposta de uma nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio não dialogava com a comunidade escolar e era considerada inconsistente pelos especialistas em educação.

Acrescentamos como pauta dos estudantes o polêmico programa Escola sem Partido¹⁷ (ESP), que tem como um de seus principais objetivos inibir a liberdade de cátedra dos professores sob acusação de doutrinação de ideologia marxista e ideologia de gênero nas

¹⁴ Disponível em: < <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

¹⁵ Declaração do ministro Henrique Meirelles na íntegra. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/10/na-tv-henrique-meirelles-explica-necessidade-do-teto-dos-gastos-publicos>>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

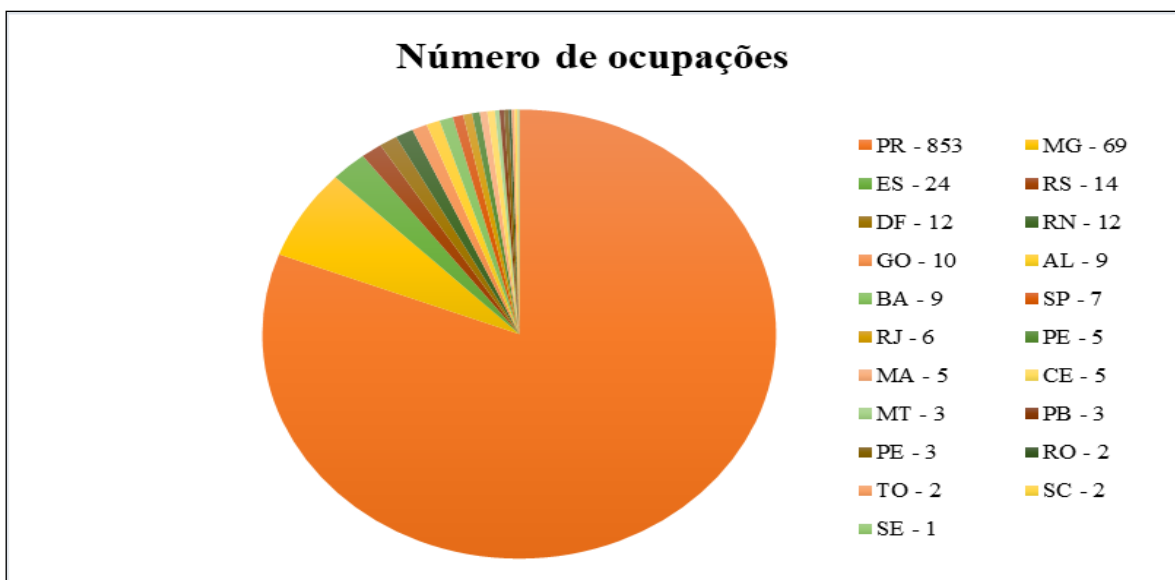
¹⁶ Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

¹⁷ A proposta detalhada e o Projeto de Lei do Escola sem Partido pode ser encontrada no site <https://www.programescolasesempartido.org/>.

escolas. Projetos legislativos, inspirados no programa ESP, foram criados em diferentes cidades com o intuito de vedar em sala de aula menções aos termos gênero, política e educação sexual. Há ainda a proposta de anular conteúdos que critiquem o sistema capitalista vigente. Com a aprovação das propostas ficou imposta a criminalização do trabalho docente com punição, coibindo a abordagem de assuntos relacionados à crítica da desigualdade social no país provocada pelo neoliberalismo, naturalização das injustiças sociais e o descaso pelas políticas públicas necessárias para amenizar a má distribuição de renda no país. A série de medidas impopulares propostas por Michel Temer ganhou repercussão nas principais mídias brasileiras e grande notoriedade nas redes sociais, causando embate na opinião pública entre quem apoiou o golpe e quem estava a favor da luta dos secundaristas contra o desmonte na área da educação.

A organização das ocupações foi inspirada em outros movimentos estudantis, como a “Marcha dos Pinguins” no Chile em 2006, (Gohn, 2018). Um dos maiores movimentos secundaristas de protestos em ruas e escolas ocupadas assinalado na história da América Latina, deixou um legado registrado em cartilhas, matérias jornalísticas, filmes e documentários sobre as pautas abordadas, a luta contra a opressão do governo e repressão policial, e as conquistas alcançadas pelo movimento. No Brasil, a quantidade de escolas ocupadas foi relevante. Abaixo, os estados e quantidade de escolas ocupadas em grande parte do território nacional.

GRÁFICO 1 - Número de ocupações por estado (2016)



Fonte: UBES (2016); Organização: SANTOS, F.A.R. (2018).

Os dados disponíveis na página da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) revelam onde o movimento Primavera Secundarista foi mais intenso com o maior número de escolas ocupadas. De acordo com o gráfico 1 as ocupações no Paraná foram

exponenciais e Minas Gerais fica em segunda posição com um número menos expressivo, embora significativo.

O estado do Paraná contabilizava em 2016, 389.106 matrículas no ensino médio, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2016), distribuídas entre 2.143 em escolas estaduais, conforme a Secretaria da Educação. Nas escolas federais 6.422 matrículas, IBGE (2016), distribuídas em 38 institutos. (MEC, 2016). Sob a bandeira do movimento “Ocupa paraná”, os secundaristas se organizaram em todo o estado e protagonizaram o movimento que se destacou pela performance do protesto, transformando as escolas em palco de luta em defesa do desmantelamento da educação, de forma organizada e ressignificando o papel dos alunos na escola como sujeitos ativos e protagonistas de sua formação cidadã. O movimento ganhou as primeiras páginas dos jornais durante sua vigência.

Essa quantidade de ocupações no Paraná pode ser atribuída aos enfrentamentos da comunidade escolar frente às imposições do governo do estado em 2015, quando Beto Richa, governador, anunciou o fechamento de escolas que funcionavam em imóveis alugados, visando economia para o estado. Porém, a medida prejudicaria escolas-referência do estado. A decisão da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED) foi impositiva, sem diálogo com a comunidade e causou indignação a pais, professores e alunos(as). No mesmo ano professores grevistas, contra mudanças na previdência dos servidores, foram alvo da truculência policial durante manifestações. Ressaltamos que Curitiba foi a capital onde nasceu a operação Lava Jato, já citada anteriormente. O clima no cenário educacional era conflituoso entre governo e comunidade escolar, a agressão contra os professores do estado causou revolta pelo desrespeito à categoria, e criminalização do direito de luta.

Influenciados pelas ocupações em escolas públicas em São Paulo (2015) e Maringá (2016), problemas com a merenda escolar, o sucateamento da infraestrutura existente, além do massacre ocorrido com os professores em 2015 na Praça Nossa Senhora de Salete, o movimento denominado “Ocupa Paraná” surgiu em escolas públicas estaduais do Município de São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba em 2016. (POLLI; HOLANDA; MACHADO; VEDOVELLO, 2018. p. 140).

Os estudantes foram alvo de ataques verbais pelas pessoas que eram contra o movimento devido ao crescimento do conservadorismo crescente pelo país. Isso foi demonstrado ao ataque a professores do estado em 2015. Noticiados pelas mídias jornalísticas os ataques aos secundaristas aconteciam principalmente pelas redes sociais, onde eram hostilizados e criticados. A luta por direitos vem sendo ameaçada e perseguida por grupos conservadores, como afirmam os autores:

Atualmente, quem luta por direitos ou as vozes dissonantes do *status quo* são constantemente ameaçadas, perseguidas, com sua integridade física e psíquica colocada em risco seja pelo Estado ou por grupos potencialmente violentos. Se na redemocratização, o Estado era o principal opositor aos protestos, nos tempos atuais, o cenário aponta para confrontos adicionais com novos grupos organizados por membros da sociedade civil, cunhados por práticas intolerantes e recorrendo a expedientes de autoritarismo e violência em suas ações cotidianas. (POLLI; HOLANDA; MACHADO; VEDOVELLO, 2018. p. 139).

Algumas reportagens faziam um desfavor ao movimento quando desqualificavam os alunos/as ao dizer que não sabiam o que estavam fazendo. Grupos de jovens contrários ao movimento, liderados pelo MBL pressionaram os estudantes a desocuparem as escolas apoiados pela mídia tradicional e fortalecidos por “discursos de ódio em redes sociais que diminuía o movimento, sua relevância e sua validade. Esses grupos combateram as ocupações usando práticas agressivas e provocando um confronto direto nas ruas e em frente às escolas”. (*Ibidem*, 2018. p. 144). A secundarista Ana Julia¹⁸, 16 anos, estudante do Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães, representou os estudantes na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP) em 2016 perante deputados. Ela inicia seu discurso com uma pergunta provocativa “De quem é a escola?” e defende a legitimidade do movimento, a participação de todos os estudantes que seriam diretamente atingidos com as medidas do governo e ressalta: “nossa única bandeira é a educação. Somos um movimento apartidário, dos estudantes pelos estudantes”. Ana Julia fez críticas à PEC/241 e à reforma do ensino médio, defendeu os estudantes e professores contra as acusações de doutrinação ideológica nas escolas. A aluna simbolizou as juventudes estudantis envolvidas no movimento, pois sabiam pelo quê e porquê estavam lutando. Assim como em várias cidades, os estudantes que ocuparam Ituiutaba sentiram-se representados por ela. Ao ler um trecho da reportagem do jornal *El país*, do dia 28 de outubro de 2016¹⁹, sobre o discurso de Ana Julia, Luis destaca que ela inspirou muitos estudantes:

Essa reportagem é sobre o discurso da estudante Ana Júlia. Ela destaca a PEC 241. Nós aprendemos sobre essa PEC com os professores que estavam apoiando a ocupação. Os professores apresentaram esse vídeo, muitos alunos ficaram emocionados vendo a coragem que ela teve de ir lá e falar tudo que ela pensava e sabia sobre o movimento. Ela foi de grande inspiração para muita gente que estava na ocupação. No Paraná onde podemos dizer o circo estava pegando fogo, e o juiz lá era totalmente contra. Estava muito difícil para os estudantes. Principalmente quando morreu um adolescente lá na escola. Então, o que ela falou na frente de todos aqueles

¹⁸ Discurso completo na íntegra, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2XGEyaiHWpk>>. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

¹⁹ Ver matéria completa disponível em: https://brasil.elpais.com/tag/movimiento_ocupa_escola/a Acesso em: 12 de setembro de 2018.

deputados foi de grande auxílio para todo mundo. Isso não foi mostrado em grandes... é... mídias, mostrado o que realmente aconteceu, o que ela falou, como foi, mas eu acho que serviu para impactar diretamente na sociedade. (LUIS, 2017).

O estudante faz menção à morte do jovem estudante. Na escola onde Ana Julia era ocupante, um aluno morreu no banheiro da instituição. O aluno Lucas Eduardo de Araújo Mota foi morto a facadas por um colega. Inicialmente o delegado responsável pelo caso havia acusado os estudantes de estarem sob efeito de drogas. Segundo reportagem do dia 10 de dezembro de 2016 do G1²⁰, o laudo médico apontou que o adolescente morto não havia feito uso de entorpecentes. A fala do delegado sinaliza a deslegitimação do movimento por parte da sociedade, que acusava os/as adolescentes de estarem na escola fazendo “baderna” e usando “drogas”; acusações como essas eram diárias.

Os estudantes construíram uma outra realidade para as escolas, como sinalizam as atividades desenvolvidas na escola ocupada em Ituiutaba-MG, o que será abordado na seção IV deste trabalho.

2.3. As ocupações secundaristas na cidade de Ituiutaba-MG, Brasil

A atuação do movimento estudantil em Ituiutaba não era novidade. A luta estudantil já acontecia a décadas. De acordo com pesquisa realizada na cidade Franco e Souza (2012) afirmam que o período entre as décadas de 1950 e 1960 foi “momento de intensa atividade dos organismos dos estudantes, em sua maioria representantes do ensino secundário, constituindo a base desse movimento social na cidade que se desenvolvia sócio-economicamente em largos passos”. Universitários também já se articularam em outros momentos nas universidades e pelas ruas da cidade em protestos em prol da Educação. É relevante a importância do histórico de anos de lutas estudantis, em uma cidade no interior mineiro rodeada de grandes fazendas que ainda conserva um clima tradicional de matrizes coronelistas. Embora Ituiutaba atenda às necessidades das cidades vizinhas menores, ainda não desfruta de grande *Shopping Center*, hipermercados e multinacionais como os grandes centros urbanos; é mais pacata e também mais conservadora. A cidade está localizada no Triângulo Mineiro, interior do estado de Minas Gerais. De acordo com o IBGE (2018) a população ituiutabana ou tijucana estimada é de 104.067 habitantes. Compreende um histórico de grande atividade econômica voltada para pecuária e a agricultura. No auge de sua produção década de 1960, ficou conhecida como a

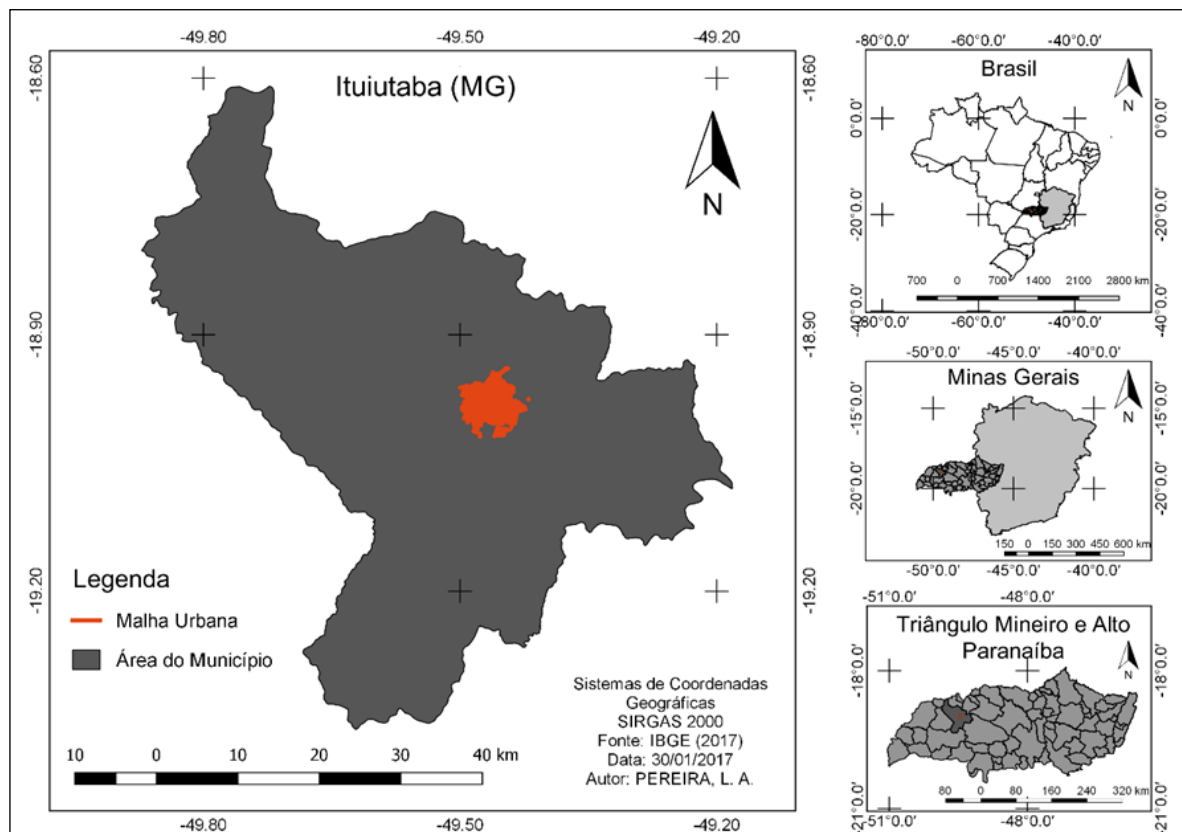
²⁰ Ver matéria completa disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/12/laudo-da-policia-aponta-que-garoto-morto-em-ocupacao-nao-usou-ecstasy.html> Acesso em: 12 de setembro de 2018.

capital do arroz. Nos últimos anos o município ganhou destaque para a produção sucroalcooleira:

A partir do ano 2000, a produção canavieira tornou-se proeminente no setor econômico não apenas de Ituiutaba (MG), mas regionalmente, caracterizando-se como um dos pilares da economia e proporcionando geração de riquezas e empregos diretos e indiretos. [...] Ituiutaba (MG) atingiu no ano base de 2013, um patamar de 1.302.000 toneladas, ocupando, no âmbito de sua Microrregião, a segunda posição em quantidade produzida e em número de hectares cultivados (21.000ha).[...] De certo modo, a companhia superou as expectativas almejadas e se consolidou, no ano de 2013, no primeiro lugar entre os municípios da Microrregião de Ituiutaba, tanto na quantidade produzida em toneladas (2.386.400) quanto em número de hectares cultivados (31.400). (CHAVES, 2016, p. 33-34).

De acordo com a autora, a produção canavieira surge a partir dos anos 2000, seguida de uma redução, foi retomada em 2010 se tornando fator econômico de alta relevância em 2013 (Ibidem, p.34), gerando empregos e aquecendo a economia da região. Dessa forma, o cenário escolar também é alterado com a vinda migrantes para o corte da cana-de-açúcar, acompanhados da família, novas vagas são preenchidas, principalmente em escolas situadas próximas às fazendas de lavoura.

FIGURA 1 - Mapa da Localização da Cidade de Ituiutaba/MG



Fonte: IBGE, 2017. Organização: PEREIRA, L. A., 2017.

A figura acima permite situarmos o município tijucano e seus limites com os estados de São Paulo e Goiás. Considerado influente na região do Triângulo Mineiro devido às suas atividades econômicas, oferece importantes serviços públicos, privados, bens de consumo e variedades no comércio em geral para as cidades vizinhas:

[...]segundo Nascimento e Melo (2010) Ituiutaba (MG) tornou-se referência regionalmente, principalmente no setor terciário para os municípios de menor porte localizados na sua área de influência, entre os quais se destacam Cachoeira Dourada, Capinópolis, Gurinhatã, Ipiacu e Santa Vitória, no Estado de Minas Gerais, e São Simão, no Estado de Goiás. A ênfase de influência se dá, sobretudo, pela presença: a) das instituições superiores de ensino; dos estabelecimentos de saúde, no âmbito particular e, com atendimento misto, isto é, tanto privado quanto pelo Sistema Único de Saúde (SUS); b) dos estabelecimentos comerciais e lojas de departamento de abrangência regional e nacional; c) dos estabelecimentos de serviços em geral e; d) da disponibilização de franquias, compreendendo os segmentos de alimentação; cosmético e perfumaria; ensino de idiomas; escola de Informática; vestuário/cama, mesa e banho; farmácia/drogarias; brinquedos; acessórios; escolar e locação de veículos. (CHAVES, 2016. p. 36).

Além dos serviços sobreditos, a cidade conta com duas salas de cinema que fazem parte da rotina cultural de encontros da população, com destaque para as juventudes, além de atividades recreativas em praças, saraus, oficinas e eventos de natureza variada promovidos pela prefeitura, universidades locais e coletivos formados na maior parte por jovens universitários. Possui duas universidades públicas, o *campus* da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e o campus do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A chegada da UFU em 2006 trouxe para o município novas configurações em seus aspectos econômicos, sociais e culturais. O comércio e a especulação imobiliária voltam sua atenção para a região onde se instalou o *campus*, provocando alterações perceptíveis na dinâmica da economia local, bem como na sociabilidade, que será impactada continuamente. A implantação do *campus* inseriu na realidade local novos sujeitos, professores e estudantes oriundos dos mais variados lugares; fato perceptível no *campus* anualmente faz com que a cidade ganhe novos moradores, novos consumidores. Juntamente a essa nova configuração temos o desenvolvimento de uma cultura universitária marcada por constituição de repúblicas – moradias coletivas de estudantes –, movimentos artísticos, festas, jogos universitários, dentre outros.

São ofertados pelas duas universidades um total de vinte e quatro cursos visando promover a formação de profissionais na educação e a formação de bacharéis e tecnólogos. A UFU oferece ainda pós-graduação em Geografia no programa de mestrado. Abaixo listamos os cursos de graduação e tecnólogos ofertados pela UEMG e pela UFU, respectivamente:

QUADRO 3 - Universidades públicas e cursos ofertados respectivamente em Ituiutaba-MG (2018)

Universidade do Estado de Minas Gerais	Universidade Federal de Uberlândia
Agronomia	Administração
Direito	Ciências Biológicas – bacharelado e licenciatura
Engenharia de Computação	Ciências Contábeis
Engenharia Elétrica	Engenharia de Produção
Psicologia	Física – licenciatura
Sistemas de Informação	Geografia – bacharelado e licenciatura
Ciências Biológicas – licenciatura	História – bacharelado e licenciatura
Educação Física – licenciatura	Matemática – bacharelado e licenciatura
Pedagogia	Pedagogia
Química – licenciatura	Química – bacharelado e licenciatura
Tecnologia em Agronegócio	Serviço Social
Tecnologia em Gestão Ambiental	
Tecnologia de Produção Sucroalcooleira	

Fonte: <http://www.ufu.br/pontal>; <http://ituiutaba.uemg.br/site/>. Organização: SANTOS, F.A.R. (2018).

Além dos cursos de graduação e pós-graduação, a UFU oferece cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com aulas gratuitas para estudantes de baixa renda que ainda estejam cursando ou já concluíram o terceiro ano do ensino médio em escola pública. Dessa maneira, a expansão do ensino superior no município é uma forma de ampliação do acesso à educação gratuita e de qualidade que tenciona formar profissionais que dominem os saberes da ciência e da tecnologia, bem como os valores humanos sociais e culturais da região promovendo o amadurecimento de diversas discussões em torno da melhoria da qualidade de vida da população da região.

Estudantes e docentes universitários contribuíram para a realização de atividades durante as ocupações em Ituiutaba. Promoviam palestras, aulas e oficinas juntamente aos secundaristas. Essa participação será mais detalhada na seção IV bem como as atividades desenvolvidas na escola *locus* da pesquisa. Em 2016 alguns estudantes do ensino médio participavam do cursinho pré-ENEM na UFU; almejavam uma vaga no ensino superior e se

aproximaram da comunidade acadêmica e das discussões a respeito da atual conjuntura das mudanças propostas para a educação.

Para atender o alunado adolescente e jovem do ensino médio na rede pública, em 2016 o município contava com 7 escolas, sendo 2 municipais, 4 estaduais, 1 instituto federal (INEP), (2016). Para além do ensino médio algumas ofereciam o ensino infantil, fundamental e educação para jovens e adultos.

QUADRO 4 - Escolas públicas que ofertavam ensino médio no ano de 2016 em Ituiutaba-MG

Escolas	Ensino Infantil	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Educação de Jovens e Adultos	Educação de Jovens e Adultos/Supletivo
Escola Municipal Archidamiro Parreira de Souza	X	X	X		
Escola Municipal Machado de Assis	X	X	X		
Escola Estadual Antônio Souza Martins		X	X	X	X
Escola Estadual Coronel Tonico Franco		X	X		X
Escola Estadual Governador Israel Pinheiro		X	X	X	X
Escola Estadual Professora Maria de Barros			X		X
Instituto Federal do Triângulo Mineiro			X		

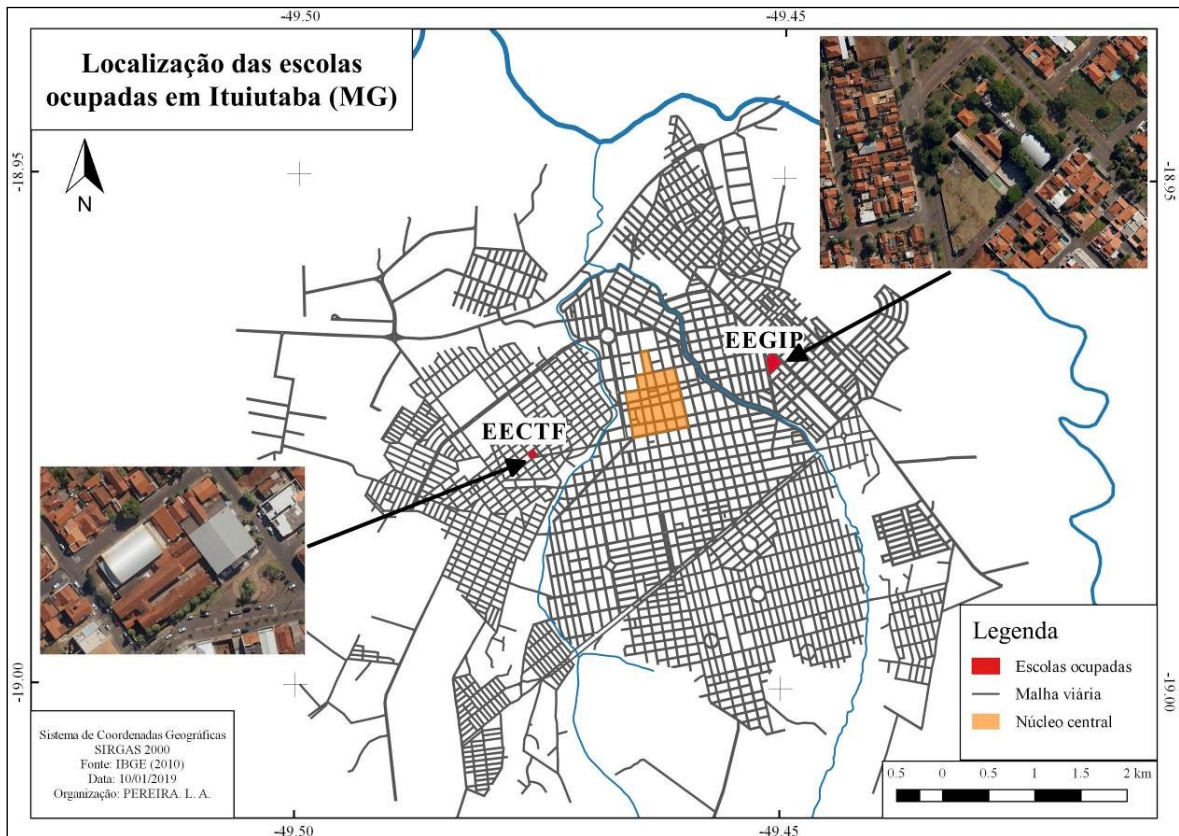
Fonte: INEP/MEC, censo escolar 2016. Organização: SANTOS, F.A.R. (2018).

As modalidades EJA e EJA/Supletivo sinalizadas acima são ofertadas para o ensino médio. O Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) oferece para os estudantes adolescentes e jovens uma formação do ensino básico com cursos técnicos concomitantes ao ensino médio e cursos técnicos integrados ao ensino médio presencial. As escolas listadas no quadro 4, totalizaram 3.299 matrículas de acordo com o INEP (2016), nos turnos diurno e noturno. As escolas municipais registraram 408, estaduais 2.433 e o instituto federal 458 matrículas. Considerando o número de escolas estaduais do ensino médio, metade foi ocupada pelos secundaristas.

A Escola Estadual Coronel Tonico Franco (EECTF) foi a primeira escola a ser ocupada na cidade pelos estudantes do ensino médio em 24 de outubro de 2016. Está localizada na

Avenida Paranaíba, n. 375, bairro Platina. A segunda instituição a ser ocupada foi a Escola Estadual Governador Israel Pinheiro (EEGIP), nosso *lôcus* de pesquisa. Está situada na Av. Geraldo Alves Tavares, n. 1338, Setor Universitário. A ocupação foi deliberada no dia 27 de outubro através de assembleia organizada pelos estudantes.

FIGURA 2 - Mapa de localização das escolas ocupadas em Ituiutaba-MG



Fonte: IBGE (2018). Organização: PEREIRA, L. A., 2019.

Na figura 2 é possível identificarmos que as escolas se situam em pontos opostos da cidade. Os estudantes atendidos pelas instituições de ensino são filhos de trabalhadores dos vários setores da comunidade, sendo alguns jovens estudantes trabalhadores que se preocuparam com as possíveis mudanças do ensino médio para o período integral.

No dia 24 de outubro são fixados cartazes na porta da escola EECTF para anunciar a deflagração da ocupação. A escola passou a ser regida pelos estudantes o que foi noticiado pela mídia digital do jornal Pontal em Foco²¹.

²¹ Jornal Pontal em foco é o jornal local da cidade, situado na Av. 13, n. 598, Villa Rica Shopping, sala 3ª, 2º Andar, Centro, Ituiutaba-MG.

FIGURA 3 - Fachada da Escola Estadual Coronel Tônico Franco na reportagem do dia 24 de outubro de 2016, do jornal Pontal em Foco em Ituiutaba-MG (2016).



Fonte: Portal do Jornal do Pontal, disponível em: <http://pontalemfoco.com.br/destaque-noticias/estudantes-ocupam-escola-contr-a-pec-241-em-ituiutaba/> (2016) Acesso em: 12 de abril de 2018.

Na figura 3, o portão da EECTF está fechado e o controle de entrada e saída de pessoas era feito pelos estudantes após a suspensão da normatividade das atividades escolares. A rotina escolar passa a ser administrada pelos secundaristas. A ocupação nessa escola aconteceu de forma pacífica e os ocupantes tiveram apoio de alguns professores, pais, universitários e uma parcela da comunidade.

FIGURA 4 - Ampliação dos cartazes fixados no portão da EECTF no dia 24 de outubro de 2016 em Ituiutaba-MG (2016).



Fonte: Portal do Jornal do Pontal, disponível em: <http://pontalemfoco.com.br/destaque-noticias/estudantes-ocupam-escola-contra-a-pec-241-em-ituiutaba/> (2016). Acesso em: 12 de abril de 2018.

Na figura 4, os cartazes fixados no portão foram ampliados, onde é possível ler: “O Estado não pode dar educação por que educação derruba o Governo”; “Tem tanta coisa errada que nem cabe em um cartaz”; acima do portão “A luta é agora”; “Escola ocupada”; no portão “Escola ocupada”, “Vai pra PEC que te pariu”; “Escola unida contra a corrupção”; lado direito “MP746/2016 Reformulação do ensino médio”; “Juventude Unida” demonstram que os estudantes estavam aderindo às mesmas pautas das escolas em outros estados, fortalecendo o movimento da Primavera Secundarista.

Com a *hashtag* #vemprotonico, os estudantes convidavam toda comunidade a participar das atividades realizadas durante as ocupações, como rodas de conversas, cine debate, aulas pré-ENEM, Sarau Cultural, palestras sobre temas como racismo, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), atividades recreativas com capoeira, música, dança, práticas esportivas, entre outras. Todos os dias na página oficial da ocupação do EECTF no *Facebook*²² era lançado o cronograma de atividades incluindo café da manhã, almoço e jantar comunitário realizados pelos jovens ocupantes.

Em apoio aos secundaristas da EECTF e com o intuito de fortalecer a Primavera Secundarista, no dia 27 de outubro de 2016, os estudantes da EEGIP ocuparam sua escola. O portão exterior ficava aberto e o interior ficava sob o domínio dos estudantes, com controle registrado de quem entrava e saía. Não conseguimos acesso ao caderno, mas segundo a organização do movimento cerca de mais de trezentas pessoas passaram pelo local.

²² Cronogramas e registro das atividades realizadas no EECTF durante a ocupação estão disponíveis na página do *Facebook* em < <https://www.facebook.com/Ituiutaba-Ocupa%C3%A7%C3%A3o-EE-Coronel-Tonico-Franco-1816686545211096/>>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

FIGURA 5 - Fachada da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016).

A figura 5 registra a entrada externa da EEGIP ficando livre a entrada e saída de transeuntes. Cartazes foram fixados nas grades sinalizando que a escola havia sido ocupada e que estava de luto pela Educação com a PEC/241 (55) e a MP/746. Em outro cartaz eles pedem doação de alimentos para contribuir com a permanência dos secundaristas na escola.

FIGURA 6 - Portão de acesso interno da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016).

A figura 6 registra o portão interno de acesso ao interior da escola cuja chave estava sob o domínio dos estudantes. Durante o dia era liberado para quem quisesse visitar e participar das atividades das ocupações, porém era necessária a identificação e registro do nome e função antes de entrar, para controle da organização do movimento. Foram colocadas a bandeira do Brasil e a do estado de Minas Gerais, sinalizando a luta em prol da Educação do estado e todo o país. Nos cartazes constam dizeres afirmando que a escola estava ocupada.

Deflagrada a ocupação, os jovens estudantes se dividiram em blocos para administrar a rotina das ocupações e por se tratar de um movimento de caráter horizontal, não havia hierarquias e todas as decisões eram tomadas através de assembleias com a participação das pessoas envolvidas. Para Gohn (2018) esse tipo de atuação dos estudantes assinala uma nova forma de protesto:

No novo ciclo de mobilizações pela educação, tanto no caso das ocupações de escolas públicas em 2015... e 2016, algumas características de junho de 2013 se repetem: a falta de mediadores e a ausência de lideranças. Ainda que haja uma organização e divisão interna de tarefas, apenas alguns estudantes têm a atribuição de se comunicar com a imprensa, dar entrevistas etc.; o elemento comum entre eles se chama movimento autonomista, alicerçado em princípios libertários. Devem ser incluídos entre os novíssimos movimentos pela forma de agir, inovações que trazem e o uso intensivo das redes sociais para toda organização... (GOHN, 2018. p. SI).

O uso intenso das redes sociais para as mobilizações e a ausência de lideranças permitem um diálogo aberto e todos podem ser ouvidos. As decisões são tomadas de acordo com o bem coletivo. Os estudantes criaram página do *Facebook* para divulgar o cotidiano e convidar a comunidade a participar das atividades, porém após a desocupação a página foi apagada em função das hostilizações contra o movimento. Trazemos maiores detalhes na seção IV, onde tratamos da rotina dos estudantes.

São características que inauguram um novo modelo de luta, conservando a ideologia dos movimentos clássicos, como Gohn (2018) define os sindicatos e movimentos sociais das décadas de 1970 e 80, como a luta em combate às desigualdades no país em favor da intervenção do Estado, com políticas públicas voltadas para as camadas mais pobres que venham a oferecer saúde e educação de qualidade, para promoção de condições de um futuro melhor para as juventudes. Porém, com novas abordagens e maior amplitude, pois a mobilização através das redes sociais abrange, sem fronteiras, maior quantidade de interessados e participantes.

Devido à abordagem da literacia jornalística apresentada em 2015 durante as ocupações em São Paulo, parte da população associava “ocupação” com “invasão”

As notícias sobre as ocupações já geravam certa repercussão nas mídias sociais nesse período, e no dia 18 de novembro de 2015, na página do *Facebook* “Não Fechem Minha Escola” foi publicado um vídeo sobre a realização de uma entrevista da Rede Globo em uma das escolas ocupadas, na qual a aluna de ensino médio entrevistada, Elena, corrigiu o repórter que utilizou o termo “invasão”, quando o correto seria “ocupação”, pois a escola já pertence aos alunos, e não há como invadir um espaço que já é deles por direito. (VICENTE; VERSUTI, 2017. p. 467).

De acordo com os autores, a jovem entrevistada nas ocupações em São Paulo, em 2015, defendeu a legitimidade do movimento e corrigiu o repórter quanto ao uso da palavra “invasão” que seria o termo incorreto para a situação. Ocupar é um ato político, uma forma de luta em reivindicação de algo em prol do coletivo, enquanto que invasão é algo agressivo, associado à violência ao tomar para si algo que não o pertence. Ao ocupar a escola os estudantes fazem da cena urbana um espaço de poder. Em 31 de outubro foi feita uma enquete pelo Jornal do Pontal com o intuito de saber se a população ituiutabana era a favor ou contra as ocupações secundaristas. Internautas dividiram a opinião como segue abaixo:

FIGURA 7 - Enquete realizada pelo jornal local Pontal em Foco para saber se a população era a favor ou contra as ocupações secundaristas em Ituiutaba-MG divulgada no dia 31 de outubro de 2016



Fonte: Jornal Pontal em Foco, disponível em: <http://pontalemfoco.com.br/destaque-noticias/enquete-apontadivisao-dos-internautas-sobre-as-ocupacoes-das-escolas-em-ituiutaba/> (2016). Acesso em: 12 de abril de 2018.

Conforme dados apontados na figura 7, a posição favorável às ocupações foi maior do que a contrária. De acordo com o jornal 541 internautas participaram, 288 votaram sim, 233 votaram não, 12 marcaram “Não sei o que é a PEC/241 e 6 votaram em “Outros”. Podemos perceber que uma parcela considerável dos participantes era a favor do movimento. Na seção IV deste trabalho aprofundamos melhor nas questões das hostilizações vividas pelos secundaristas durante as ocupações e a forma como eles reagiram com argumentos em defesa de um movimento legítimo em prol da comunidade como exercício do papel cidadão de cobrar de seus governantes uma educação gratuita e de qualidade.

Os protagonistas das ocupações eram adolescentes e jovens estudantes do ensino médio, que foram hostilizados, mas resistiram e seguiram com o movimento porque acreditavam que as mudanças propostas não seriam viáveis devido às condições atuais da Educação no país. O movimento teve a *performance* dos adolescentes e jovens que não levantavam bandeira partidária e sim atuavam em favor de todos e todas que dependiam da educação pública. Uma geração cujas preocupações estão no futuro, para o seguimento dos estudos e/ou para o mercado de trabalho de forma imediata. Portanto, acreditamos que conhecer o perfil dessa geração se faz necessário para compreendermos seus anseios e o seu envolvimento em questões de políticas públicas voltadas para o interesse do ensino médio, como se segue na próxima seção.

3. JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: diálogos com os jovens da pesquisa

Nesta seção temos como objetivo compreender, a partir das vozes dos jovens entrevistados, os desafios de ser jovem, em particular de serem jovens do ensino médio. Está organizada em três tópicos voltados para a compreensão da condição de ser jovem, a relação com o ensino médio e a luta contra a MP/746. Inicialmente buscamos compreender o perfil do jovem brasileiro, de forma geral, levando em consideração que os sujeitos colaboradores da pesquisa fazem parte desse quadro. O tema é complexo por tentarmos compreender o próprio jovem e suas peculiaridades. Para isso, procuramos, por meio de diferentes pesquisadores da área adentrar no universo juvenil multifacetado. Recorremos aos estudos de sociólogos, psicólogos, historiadores, antropólogos e educadores com o intuito de captar informações e orientações para tentar compreender esse público específico. Para caracterizar a juventude brasileira, recorremos a dados atualizados de órgãos governamentais, responsáveis pelo controle sócio demográfico, bem como pelas relações que os jovens mantêm entre si e com a sociedade em seus aspectos sociais e culturais. Buscamos compreender como os jovens podem sofrer transformações tão rápido quanto aos acontecimentos do mundo, pois estão em constante mutação. Em seguida intentamos delinear a relação ‘juventudes e ensino médio’ com o intuito de compreender qual o papel do ensino médio para a vida dos indivíduos e como a reforma do ensino médio nos moldes apresentados em 2016 poderia afetar negativamente a vida escolar dos estudantes.

3.1. Juventudes

O modo de ver e de compreender a juventude é diferente nos vários tempos e espaços, nas diversas realidades sociais e culturais. As imagens construídas sobre os jovens se transformam. De acordo com Abramo e Branco (2005), “muito do que se escreve sobre juventude é para alertar para os deslizos, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra”. (p. 37). Os autores ressaltam que a faixa etária entre 15 e 29 anos vem se tornando convenção no Brasil para a abordagem demográfica sobre juventude. É considerado um período em que se relaciona ao arco de tempo em que, de forma geral, ocorre o processo relacionado com a “transição” para a vida adulta. Os autores defendem e concebem os jovens como sujeitos de direitos, cidadãos, embora isso nem sempre se concretize.

Novaes (2006) recorre a metáfora do caleidoscópio para discutir as semelhanças e diferenças entre os jovens brasileiros. Afirma que “juventude” é um conceito construído

histórica e culturalmente. Ressalta que jovens com idades iguais, vivem juventudes desiguais. Gênero, raça, classe social e endereço interferem na maneira como os jovens vivem a cultura juvenil. Em perspectiva semelhante, Spósito (1997), destaca que juventude é uma categoria histórica socialmente construída e marcada por instabilidade associada a determinados problemas sociais. Nos anos de 1960, a juventude era considerada um “problema”, pois era protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais. Ao longo da década de 1970, os estudos sobre a juventude a transformaram em categoria econômica em função de “problemas” de emprego e entrada na vida ativa, características desse período. Em relação aos anos de 1980 pesquisas sobre gangues marcaram o interesse dos pesquisadores, decorrência da escalada da violência juvenil. Nos anos de 1990 a juventude foi caracterizada pela transição de uma geração que valorizava a organização, a lógica e o raciocínio para uma geração que cultua o corpo, o prazer, o fragmentado e o indivíduo.

Nos 2000 os jovens se colocam como um dos fenômenos que adquirem visibilidade na cena cultural. Nesse contexto destacam-se pesquisas que nos trazem informações de como os jovens vêm se comportando mediante as transformações do mundo com a crescente globalização, e a relação desses sujeitos com setores sociais como trabalho, educação, cultura e questões de cunho político. Os estudos, dispensados a indivíduos adolescentes e jovens oferecem subsídios para compreensão do contexto histórico da juventude, com o propósito de construir meios que garantam a eles o exercício da cidadania de forma democrática e autônoma, para que possam viver sua condição de juventude numa perspectiva emancipatória e livre de estereótipos. Há projetos e fundações presididas por pesquisadores, voltados exclusivamente para o entendimento das juventudes, envolvendo a subjetividade dessa condição como fase do percurso da vida humana. Apresentamos aqui, algumas referências para melhor desenvolvermos esse tema. Tratam-se de trabalhos realizados por pesquisadores, alguns em parceria com projetos governamentais voltados para ações públicas em prol da juventude brasileira.

Em 2003, como resultados do Projeto Juventude em parceria com a Fundação Perseu Abramo, foi lançado o livro “Juventude e sociedade – Trabalho, educação, cultura e participação”, uma organização aos cuidados da professora Regina Novaes e Paulo Vannuchi. Em uma reunião de vários artigos, o livro propõe um convite para adentrar o universo juvenil em seus variados temas como violência, desafios, política, educação, drogas, identidade, dentre outros. Essas são categorias discutidas conforme a realidade da juventude, além de sugerir que são possíveis mudanças na condição de ser jovem em nosso país. Apresentando uma

continuidade a esse trabalho, o título de 2005 “Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional”, organizado por Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco, conta com a colaboração de dezoito pesquisadores para sistematizar quantitativamente a situação de jovens entre 15 e 24 anos, além de apresentar contribuições para a atuação dos governos e organizações sociais em relação à juventude. Para os organizadores, os autores participantes do trabalho são “convictos da importância de apreender os sentidos da experiência histórica desta geração” e tiveram o cuidado de procurar não “distorcer a visão da complexidade e a singularidade que constituem a realidade dos jovens do Brasil de hoje”.

O conjunto de trabalhos apresentados por Marília Pontes Spósito, reúne estudos de casos realizados na segunda fase do projeto Juventude, Escolarização e Poder Local em uma compilação intitulada “Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras”, publicada em 2007. A investigação faz um levantamento analítico e reflexivo acerca de casos de ações públicas em 74 municípios de oito regiões metropolitanas brasileiras e apresenta resultados qualitativos da pesquisa juventude, Escolarização e Poder Local, desenvolvida entre 2003 e 2006. Teve como principal objetivo identificar as principais concepções que orientam as ações, compondo um conjunto de representações que poderiam ancorar as práticas empreendidas e os modos como ocorre a interação entre o poder executivo municipal, a face local do Estado e os segmentos juvenis destinatários das ações.

Várias compilações dão segmento às pesquisas realizadas no campo de compreensão das juventudes. Não pretendemos aqui esgotá-las, mas trazer à tona a relevância desses estudos que foram fundamentais para a construção deste trabalho. Entre pesquisadores especialistas da condição “ser jovem” podemos destacar algumas referências como o professor Juarez Tarcísio Dayrell, que é fundador e ainda integrante do Observatório da Juventude da UFMG desde 2002, projeto que desenvolve pesquisas em torno da juventude, educação e cultura. Ele não define juventude e sim juventudes, pois para o pesquisador o que define essa categoria são critérios históricos e culturais e, portanto, é uma categoria heterogênea. Em parceria com o professor Paulo Carrano e a pesquisadora Carla Linhares Maia foi possível organizar o título “Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo”, onde encontramos uma série de produções voltadas para esse público, entre elas, os estudos de Miguel Arroyo. Paulo Carrano foi cofundador do “Observatório jovem” em 2001, um grupo de estudos da UFF que possui um acervo diversificado sobre jovem e juventude.

Atuante nessa área temos o professor Luís Fernando Cerri, autor de uma vasta produção bibliográfica que contempla a formação da consciência histórica, educação histórica e ensino

de história. Ele é líder do Grupo de Estudos em Didática da História (GDHI)²³. Desenvolveu o projeto de pesquisa “Jovens e a História no MERCOSUL”, financiado pelo CNPq (2010 - 2012) e pela Fundação Araucária (2014- 2016). Trata-se de um levantamento sobre a consciência histórica, cultura política e percepções da aprendizagem escolar de História de jovens entre 15 e 16 anos na América do Sul. Segundo o autor, inicialmente voltado ao MERCOSUL, o projeto hoje conseguiu parceiros também na Venezuela (membro em processo de integração ao MERCOSUL) e Chile (Estado associado), e tem representantes em todos os estados membros do bloco. No segmento de formação da consciência histórica e identidade de jovens, podemos destacar os estudos realizados por José Machado Pais. Um de seus objetos de estudo é a consciência histórica de jovens europeus, tal como ela se configura na atualidade. Em consequência desse vasto quadro de pesquisas procuramos adentrar no universo das juventudes que se tornou o cerne do desenvolvimento de nosso trabalho juntamente as com vozes dos estudantes entrevistados nesta pesquisa.

Segundo o último censo do IBGE (2010), mais de 51 milhões de brasileiros são jovens de 15 a 24 anos e essa juventude, para o instituto, é um importante segmento no conjunto da sociedade em seus aspectos social, político e cultural. Para a UNESCO (S.I.) a definição de “juventude” é mais bem compreendida como um período de transição, da dependência da infância para a independência da idade adulta e a consciência de nossa interdependência como membros de uma comunidade. Dessa forma, a juventude é uma categoria mais fluida do que um grupo etário fixo²⁴.

Entendemos por juventudes a fase da vida do indivíduo que é considerada por alguns teóricos como uma condição social, ou seja, não é apenas uma transição do *status* de criança, para a vida adulta, é um grupo que produz influências culturais no universo digital e promove tendências em várias áreas. Corroboramos Dayrell (2003) quando ele usa o termo juventudes, no plural, para dar ênfase à diversidade dos diferentes modos de ser jovem existentes. Para Silva Junior (2007), o termo deve ser abordado no plural, juventudes, não esquecendo, assim, as

²³ O GEDHI é um grupo de estudos, criado em 2003, vinculado ao Departamento de História e constituído internamente ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, devidamente registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ. É constituído como um espaço acadêmico de pesquisa, reflexão, discussão e proposição de assuntos referentes aos fenômenos sociais de Ensino de História (Educação Histórica, ou seja, os processos complexos de ensino e aprendizagem que envolvem “história”) e Didática da História (no sentido amplo da reflexão sobre esses processos). Disponível em: <<http://gedhiblog.blogspot.com.br/p/texto-de-apresentacao.html>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2018.

²⁴ Conceito de juventude segundo a UNESCO: Disponível em: < <http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/youth/youth-definition/>> Acesso em: 17 de fevereiro de 2018.

diferenças e desigualdades que atravessam essa condição. Para Santos (2013) a juventude não pode ser reduzida a categorias:

A juventude é uma categoria social que tem importância em si mesma, sendo construtora de cultura, ideias e modo de ser e socializar, assim sendo, não deve ser restringida a categorias redutoras de hierarquia social ou pensada como uma categoria determinada e homogênea, pois ela é conflituosa, múltipla e importante na sua autenticidade social. Há vários jovens, várias formas de ser e estar jovem. Logo, existem muitas juventudes. (p. 57).

O conceito de juventude é construído histórica e socialmente, portanto, versátil tornando a tarefa de analisar e compreender essa categoria complexa sobretudo por tratar de seres heterogêneos, metamórficos, que acompanham as inovações, o que possibilita a renovação das gerações. É comum durante essa fase a experiência com tensões e pressões para designação de seus devidos papéis sociais, oriundas das instituições primeiras como a família, escola, instituições religiosas entre outras. Segundo Dayrell (2003), devemos construir a noção de juventude na perspectiva da diversidade, no conjunto das experiências vivenciadas pelos próprios indivíduos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003. p. 42).

A participação dos jovens nas questões sociais e políticas no campo de lutas sociais nos traz elementos para compreensão do processo da construção de sua cidadania. Há ações públicas governamentais voltadas para as juventudes, com o intuito de promoção dos indivíduos. Apesar da Secretaria Nacional da Juventude ser recente, instituída em 2005, desde os anos 1990, já havia debates em torno da necessidade de se atender as demandas da juventude, pensando sobretudo em sua inserção no mercado de trabalho. Em 2013 é instituído o Estatuto da Juventude sob a Lei 12.852/2013. O estatuto garante os direitos dos jovens de quinze a vinte e nove anos a partir dos princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, dentre elas dispostas no art.º 2 do Estatuto da Juventude: “V - promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem; VII - promoção da vida segura, da cultura, da paz, da solidariedade e da não discriminação”. Grande parte desse documento prescrito não se cumpre na prática, pois a maior parte das mortes por homicídio é de jovens negros da periferia. O que

permeia a juventude não são apenas questões ligadas a violência, isso é apenas uma fatia desse grande bolo que são os problemas relacionados à juventude.

Os estudos acima nos permitem refletir sobre os anseios e as necessidades das juventudes e acreditamos que parte deles seriam solucionados se a educação destinada à juventude tivesse melhor qualidade. A luta de jovens remonta décadas de atuação de movimentos estudantis em prol de melhorias no âmbito da educação, em função de suas preocupações para um futuro, na maior parte dos casos, diferente do seguimento dos pais. Profissionalmente almejam carreira que garanta estabilidade financeira, o que por muitas vezes não acontece por vários motivos, entre eles a priorização do trabalho durante os estudos e as poucas oportunidades de preparação para concorrer a vagas em universidades e concursos públicos. Embora esse quadro tenha tido crescimento favorável aos estudantes ainda faltam políticas públicas de ampliação de oportunidades para os indivíduos de setores mais pobres.

3.2. Protagonismo juvenil

A mobilização das juventudes em defesa dos serviços públicos de qualidade que atendam a população no geral, mormente as classes mais baixas, contabiliza muitas décadas em nosso país. Segundo Spósito (2007, p. 36) os benefícios da participação das juventudes em ações coletivas são muitos, “não só pelas possibilidades de ampliação da esfera pública e da vida democrática, como também deixam marcas nas trajetórias dos jovens envolvidos”. A autora acredita que “para além de experiência fática de um agir coletivo tendencialmente democrático e inovador, os benefícios dessa inovação não são imediatos e seus efeitos poderão ser observados talvez no médio e longo prazo, na dimensão do futuro”. (p. 36). O registro das trajetórias evidencia lutas e conquistas, e historicamente é fator promotor da contínua luta de estudantes jovens nos dias que se seguem. A juventude estudantil atuou de forma incisiva e relevante em momentos marcantes da história como em “Maio de 1968”, “Diretas já” a atuação dos “Caras Pintadas” no *impeachment* de Fernando Collor de Mello. De acordo com Carrano (2012), sociologicamente a participação da juventude em 1968 foi o conflito de gerações naquilo que se convencionou denominar de a “rebelião da juventude”, em função das mobilizações estudantis que aconteceram em parte do mundo ocidental. Para ele:

[..] a “rebelião da juventude” seria uma resposta possível à crise da sociedade moderna – caracterizada pela não realização das promessas de ascensão social e desenvolvimento – e o movimento estudantil um fenômeno paradigmático dessa rebelião. (CARRANO, 2012. p. 90).

Em Ituiutaba-MG, a luta estudantil concerne as décadas de 1950 e 1960, com a criação de grêmios e coletivos estudantis. De acordo com pesquisadores ituiutabanos, registros desses grupos foram identificados em estudos com jornais locais da época. Os grupos foram inspirados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), movimento de expressão no Brasil da luta estudantil.

Evidenciamos por meio dos jornais locais, a existência de várias organizações estudantis nos anos de 1960, como: o “Comitê Estudantil masculino pró Lott; o “Movimento Estudantil Unido de Ituiutaba”; a Liga Ituiutabana de Esportes Colegiais (LIEC); o grêmio estudantil “Visconde de Cairú”; e o grêmio “Pe. Gaspar Bertoni”. Além da reestruturação do grêmio Littero-recreativo “Prof. Álvaro Brandão de Andrade” e permanência da existência da “União Estudantil de Ituiutaba” e do grêmio “Bernardo Guimarães”. (FRANCO E SOUZA, 2012. p.02).

Eram grupos comprometidos com a luta pelas questões que permeavam a educação e a política, mas com o golpe de 1964 foram extintos e outros suprimidos e reduzidos a desenvolverem apenas atividades relacionadas a práticas esportivas no âmbito escolar.

Com a implantação do regime político militar no Brasil, constatamos neste período que o Jornal “Correio do Triângulo” passa a ser um veículo de comunicação representativo de ideais anticomunistas, transparecendo uma concepção que deixa claro o apoio a não participação dos estudantes na vida política do país. Além disso, esse jornal se posicionava contrário à organização dos estudantes, buscando desqualificar os integrantes da UNE acusados de comunistas e de “desmoralizadores de nossa juventude”, além da afirmação da atual lógica de mercado capitalista, assegurando ser necessário à produção de “capital humano” nas escolas para o atendimento das “necessidades do crescente progresso”, marcado pelo contexto de modernização daquela época. (FRANCO E SOUZA, 2012, p.02).

A participação dos jovens nos movimentos vai de encontro aos estereótipos que marcam o que é ser jovem. Na pesquisa de Silva Júnior (2012), quando os professores foram questionados como percebiam os jovens estudantes, prevaleceu a afirmação de que os jovens não estavam preparados para usufruir, de forma satisfatória, essa fase da vida. No geral, os jovens foram considerados inconseqüentes e irresponsáveis. Ao questionarem os estudantes sobre o que é ser jovem, Silva Júnior (2012) identificou que a maioria ressalta coisas boas em ser jovem, tais como: liberdade, possibilidades de aproveitar a vida, as amizades e a capacidade de lutar pelos objetivos.

As duas escolas ocupadas demonstram a busca dos estudantes por assuntos direcionados à sua própria formação escolar. Embora jovens, demonstraram maturidade durante as atividades

realizadas no movimento e acreditam que a tenra idade contribuiu para que não fossem levados a sério, como expressa a entrevistada Michele em sua fala sobre ser jovem.

Ser jovem as vezes é ruim, porque não somos ouvidos. Parece que somos uma “coisa” sem opinião, que não temos o nosso querer. E eu acho que eu aprendi muito na ocupação, eu acho que foi isso. Nós conseguimos lutar, conseguimos ser ouvidos. (MICHELE, 2017).

Michele encontrou nas ocupações uma forma dos jovens serem vistos, ouvidos e reconhecidos como sujeitos que podem falar por si. A atitude dos secundaristas foi confundida por muitos como ato de rebeldia, pois considerados ainda sem experiência os jovens ficam à sombra das escolhas dos adultos, e o que acreditam ser melhor para eles e o que de fato querem muitas vezes não se é ouvido. Comumente essa condição é associada à fragilidade da pouca idade, à irresponsabilidade, momentos de crise, entre outros, desse modo relativizando e generalizando o comportamento juvenil. Ao perguntar aos jovens entrevistados sobre a percepção que eles têm sobre ser jovem, as respostas variam entre a percepção que eles têm de si e o da juventude no geral.

Ser jovem é bem complicado você quer fazer tudo e, às vezes, sua família não entende a sua necessidade. Tem hora que você só acalma e deixa levar. Tem hora que você deixa de fazer as coisas para não ter que bater de frente com os pais, ser jovem é bem complicado. (AMANDA, 2017).

Amanda enfatiza o confronto com os pais, pelo fato de não ter a desejada independência para realizações de seus próprios interesses. Para Dayrell (2003), os jovens têm suas especificidades e estão em fase de se constituírem como sujeitos. É um processo que tem influências do meio social, sobretudo da família. Nos faz pensar na construção sócio-histórica das juventudes, que é constante, se transforma de acordo com as variações sociais, econômicas, políticas e culturais que regem o mundo. Cada geração segue as tendências de seu próprio tempo, seu agir é de acordo com suas próprias necessidades, atenta ao que acontece a sua volta. Cada geração segue as tendências de seu próprio tempo e seu agir está de acordo com suas próprias necessidades.

A juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (DAYRELL, 2003. p. 42).

A geração que participou das ocupações secundaristas é nascida na era da globalização, da expansão dos meios de comunicação, na era digital em que o excesso de informações e entretenimento em redes sociais fazem parte do processo de constituição dos jovens como sujeitos. Cresce a cada dia o uso de mídias digitais para a realização das atividades cotidianas como estudar e até mesmo trabalhar, entre outras como conhecer pessoas através de redes sociais e aplicativos de encontro, fazer amizades, namorar. Para Carrano (2017), os jovens, hoje, têm maior abertura para constituir as próprias identidades sociais e articular seus projetos de vida. Esse processo pode ser denominado como a individualização do social. (p. 396). Dessa forma compreendemos que para além das influências das instituições primeiras na formação do indivíduo como a família, escola, igreja há influências externas a partir do envolvimento dessa geração no universo digital. Diferentemente das mobilizações de estudantes em décadas anteriores, hoje a forma com a qual se mobilizam é através de redes em plataformas digitais, através de mensagens de seus celulares por aplicativos gratuitos.

Segundo Carrano (2017) as intensas transformações nas formas e conteúdos das instituições sociais interferem na vida dos jovens em suas condições e capacidades de promoverem processos de socialização. Dessa forma, conviver em grupos virtuais em que os jovens identifiquem seus pares faz parte desses processos. O envolvimento de jovens do ensino médio em redes informacionais permitiu a proximidade entre eles de dialogarem questões atuais ligadas a fatores que englobam toda a sociedade, através de informações advindas principalmente de mídias alternativas que se utilizam de uma linguagem mais usada pelo público juvenil. “Pode-se dizer que, nas redes sociais, encontram-se um dos mais expressivos campos de experimentação para a constituição das identidades juvenis” (Ibidem, 2017. p. 398). Para o estudante Luís, ser jovem é se inteirar com os acontecimentos a sua volta.

Eu acredito que esse é o papel do jovem. Ser jovem é a pessoa ter a sua mente aberta, é ser interessado no que está acontecendo, não só quesito idade, mas no quesito conhecimento, porque conhecimento cabe a todos. [...] eu acredito que se as pessoas conseguissem sair mais da televisão e procurar notícias de verdade, notícias reais do que está acontecendo, as coisas se tornariam mais fáceis e mais visíveis, então assim, eu acredito que seria bom para todos. (LUÍS, 2017).

Na fala do estudante está implícito que o papel do jovem é buscar conhecimento. O fato de estar informado sobre os problemas sociais reais contribuiria para a promoção das mudanças necessárias para construção do bem-estar de todos. Para ele juventude está além da tenra idade, está na perspicácia de se atentar às questões que afligem a sociedade como um todo.

Através da participação de redes sociais foi possível a intensa mobilização dos secundaristas para a ampliação do movimento estudantil em 2016. Foram criados grupos de *Whatsapp*, página no *Facebook*, contas no *Instagram*, no *Twitter* e canais no *Youtube*. Os compartilhamentos de conteúdos postados nessas redes engatilharam o movimento que viria a ser a Primavera Secundarista, tendo como uma das principais pautas dos estudantes a reforma do ensino médio e as incertezas da mudança do currículo para os futuros jovens estudantes do ensino médio.

3.3. Ensino médio, juventude e reforma

De acordo com Arroyo (2014), o ensino médio em que jovens-adultos e docentes trabalham hoje não é o mesmo das décadas de 1960-1970, da Lei 5692/71, nem das décadas de 1980-1990 (Lei 9396/96). Apresentam-se hoje outras pressões, de outros coletivos, pelo direito à educação média, outros profissionais, de outras origens sociais, raciais, de gênero e outras identidades profissionais, com outra consciência juvenil, profissional. Outros sujeitos pressionando pela construção de outras funções sociais para o ensino médio e também pressões por outros currículos. O autor denuncia que o ensino médio carrega a representação de um nível escolar rígido em função de seu papel de preparar para o ensino superior para o vestibular-ENEM, para o trabalho. Nesse sentido, a própria identidade de aluno do ensino médio exige não se pensar o jovem com direito à sua formação como jovem. Esse aluno é pensado em treinamento como aspirante ao ensino superior.

É importante ressaltar que durante o ensino médio jovens estudantes passam por situações conflituosas em relação às incertezas do futuro, sendo que a comunidade escolar tem a responsabilidade de orientá-los, direcioná-los a buscar seus objetivos relacionados ao que almejam ser, ao lugar que pretendem ocupar na sociedade, seja seguindo uma carreira acadêmica ou algo mais imediato como vida no mercado de trabalho conciliada aos estudos. Nesse sentido, buscamos orientações no trabalho de Carrano e Dayrell (2011) que nos apresentam reflexões acerca de como podemos pensar a formação das juventudes considerando suas especificidades e suas necessidades:

Intencionamos fornecer algumas chaves analíticas que possam facilitar o processo de aproximação e conhecimento dos estudantes que chegam à escola como jovens, sujeitos de experiências, saberes e desejos. Eles se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo. É nessa direção que não podemos trabalhar com a noção de que existe uma juventude, pois

são muitas as formas de ser e de se experimentar o tempo de juventude. Assim, digamos: JUVENTUDES. (CARRANO, DAYRELL, 2011. p. 105).

O ensino médio foi pensado para anteder as diferentes demandas de adolescentes e jovens adultos que buscam uma perspectiva de qualidade de vida através dos estudos. As juventudes brasileiras se diferenciam por condições de existência e por perspectivas de futuros desiguais, por isso a necessidade de se pensar na recriação da escola, “que por si só não resolve as desigualdades sociais, mas pode ampliar as condições de inclusão social oferecendo acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho”. (BRASIL, 2011. p. 167).

São muitos questionamentos feitos ao longo de muitos anos, e mesmo com a reforma proposta em 2016 ainda há muito o que pensar para o ensino médio, desde a falta de estrutura à definição de suas finalidades. Pesquisadores da área da Educação fazem uma análise de como o ensino médio vem sendo alvo de discussões, mas vive em grande impasse, pois as propostas curriculares se tornam inviáveis de acordo com os investimentos dispensados a essa área, que deficientemente atende a formação de mão de obra para o mercado de trabalho e a formação de estudos posteriores, bem como para a formação cidadã.

A LDB de 1996, ao estabelecer que o ensino médio é educação básica, contribui também no sentido de definir a identidade dessa etapa educacional. A proposição de compor um único nível de ensino da educação infantil ao ensino médio, em que pese não ter sido assegurada a obrigatoriedade para as três etapas que a compõem, é, sem dúvida, um avanço, e sinaliza a ampliação do direito à educação para a faixa etária de zero a dezessete anos. Quanto ao ensino médio, a identidade prevista na Lei 9.394/16 está ancorada na atribuição da educação básica em possibilitar uma formação comum com vistas ao exercício da cidadania e ao fornecimento dos meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (Art. 22). (SILVA; SCHEIBE, 2017. p. 22).

Voltado para o público de jovens brasileiros, na grande maioria das escolas funciona com a mesma dinâmica dos anos finais do ensino fundamental, ou seja, no mesmo espaço físico, mesmo modelo de programação das aulas, enfim o currículo a ser cumprido nem sempre apresenta diferenciação da questão regional cultural em que esses jovens estão inseridos. Os estudos feitos acerca da juventude supracitados neste trabalho, nos trazem elementos necessários para compreender a “condição juvenil” e a versatilidade dos jovens estudantes. Os jovens são portadores de sonhos, projetos de vida e saberes inerentes ao seu tempo e suas experiências, bem como instabilidades emocionais próprias de sua condição de não ser criança e nem adulto quando ainda estão cursando o ensino médio regular. Estão em constante mudança, a todo o tempo querendo acompanhar os últimos lançamentos de aparelhos tecnológicos, músicas, séries, tendências para modernizar o visual, enfim, são seres que acompanham as fases efêmeras da moda no mundo. Já a escola enquanto instituição não é tão

flexível e dinâmica quanto aos jovens, e as mudanças tanto estruturais quanto educacionais não ocorrem tão rapidamente, a dinâmica é outra.

Para mim, ser jovem, é “meio clichê”, mas é uma loucura. É “meio uma viagem” porque é um momento em que você tem muitas experiências, é um momento bem intenso da vida que eu acho que você quer explorar ao máximo as coisas. [...] Nossa, é muita pressão! Ter que escolher faculdade aos dezoito anos. Arrumar um emprego aos vinte e três. (MARIA, 2018).

A preocupação da estudante Maria em relação aos estudos e às incertezas do mercado de trabalho é um retrato da juventude de classes menos abastadas, por não terem condições de estudar em uma escola que prepare efetivamente para o ingresso em uma universidade pública e não dispõem de recursos para financiar um curso superior em faculdade privada.

A proposta de mudança do ensino médio para que atenda às necessidades dos jovens estudantes e aquelas do campo mercadológico é pauta de discussão de muitos anos com a consolidação do Estado democrático, as novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos. Ela exige que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho. Dessa forma entendemos que a escola pública ficou obsoleta diante das necessidades de formação, principalmente mercadológica, pois apenas criação de laboratórios de informática que nem sempre têm acesso à *internet* não significa que estejam acompanhando as necessidades de mercado. Para a inserção dos cursos profissionalizantes, menos da metade das escolas oferecem laboratórios adequados e corpo docente especializado. De acordo com o senso escolar de 2016 realizado pelo INEP²⁵,

Laboratório de informática é um recurso disponível em 82,7% das escolas de ensino médio, já laboratório de ciências está presente em pouco mais da metade das escolas (51,3%) • 77,0% das escolas dispõem de quadra de esporte; • A quadra coberta está presente em 57,9% das escolas; • Biblioteca ou sala de leitura está presente em 88,3% das escolas de ensino médio. Em 2008, esse número era de 86,3%; • Banheiro dentro do prédio aparece em 95,4% das escolas. Na zona urbana, esse número é de 96,5% e, na zona rural, de 85,4%.

Com a proposta da reforma, as escolas não estariam aptas a oferecer as novas mudanças, principalmente com os cortes de gastos voltados para a educação, em função da PEC241²⁶. De

²⁵ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos.

²⁶ Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351>>. Acesso em: 11 de abril de 2018.

acordo com reportagem apresentada pelo Estadão²⁷, “se cada escola se especializar somente em um itinerário (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas ou formação técnica e profissional), só 872 municípios (15,7%) teriam possibilidade de ofertar todas as opções aos seus alunos”.

Segundo Arroyo (2011) as pressões das últimas décadas por um Estado e por políticas públicas mais democráticas e igualitárias têm levado a políticas inclusivas, de redução da marginalidade, da pobreza, da redução das desigualdades (p. 61). Reformas curriculares vêm sendo pensadas nessa perspectiva, para ele:

Nesse contexto sociopolítico, é pensada a educação média pública, sobretudo, e os currículos destinados aos jovens populares, trabalhadores ativos ou futuros. Não há como pensar em outra educação média, outros currículos, outra docência, esquecendo-se desse contexto sociopolítico que vem se afirmando nas últimas décadas. (ARROYO, 2011, p. 61).

Dessa forma, a organização do currículo para o ensino médio deve ser pensada de forma a contribuir para o aluno qualificar-se profissionalmente e ingressar no mercado de trabalho no contexto da globalização. A qualificação deve ser associada à formação cidadã crítica emancipatória para o jovem como sujeito ativo, como um ser que se apropriará dos conhecimentos adquiridos para aprimorar no mundo do trabalho e na prática social. Na esfera atual já não conseguimos mais dissociar a formação crítica e intelectual do estudante, da sua formação como mão de obra para o mercado de trabalho.

A proposta da MP/746 propõe a flexibilização do currículo, com a obrigatoriedade apenas das disciplinas Português e Matemática durante os três anos. A BNCC²⁸ apresentada em 2016, pelo Ministro da Educação Mendonça Filho, apresenta a flexibilização da grade curricular, “o novo modelo permitirá que o estudante escolha a área de conhecimento para aprofundar seus estudos. As demais áreas ou cursos técnicos serão eletivos como, por exemplo, a área de ciências humanas e sociais aplicadas”. (Brasil, 2016). Para a estudante Maria é importante que todos tenham a experiência nas diferentes áreas do conhecimento para que o aluno possa, a partir dessa experiência, identificar a área na qual deseja seguir sua carreira e acredita que o adolescente de dezesseis anos ainda não possui maturidade para tal escolha.

²⁷ Disponível em: < <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,reforma-do-ensino-medio-esbarra-em-falta-de-estrutura-e-recursos,70001824448>>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

²⁸ A versão apresentada em 2016 foi homologada pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, p. 146. A publicação da versão final se deu em 14 de dezembro de 2018.

Ocupamos nossa escola justamente pelo motivo de que nós estávamos saindo do ensino médio e a nova proposta pro novo ensino médio, deixou muito a desejar, ela deixou vários espaços em branco, vários espaços vagos. “Tipo”, o aluno vai poder estudar um ano e meio todas as disciplinas, mas e depois? Acho que para um adolescente de dezesseis anos, quinze por aí, escolher qual disciplina ele quer levar para vida inteira, qual área do conhecimento ele quer levar para vida inteira é “meio pesado. (MARIA, 2018).

A nova estrutura da BNCC terá uma parte que será comum e obrigatória a todas as escolas e outra parte flexível. De acordo com o documento, o ensino médio estreitará a escola da realidade dos estudantes à luz das novas demandas profissionais do mercado de trabalho. Corroboramos Goodson (2007), quando afirma que um novo currículo, mais do que novas diretrizes prescritas, é um direcionamento para a vida.

Mais do que escrever novas prescrições para as escolas, um novo currículo ou novas diretrizes para as reformas, elas precisam questionar a verdadeira validade das prescrições predeterminadas em um mundo em mudança. Em resumo, precisamos mudar de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa; de uma aprendizagem cognitiva prescrita para uma aprendizagem narrativa de gerenciamento da vida. (GOODSON, 2007, p. 242).

A não obrigatoriedade das disciplinas da área de humanas deixa um déficit de formação dos estudantes voltada para as demandas que permeiam o quadro social da comunidade. Segundo o Ministro da Educação em 2016, na apresentação do documento ele declara que:

A BNCC expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno de todos os estudantes, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito. Assim, para cada uma das redes de ensino e das instituições escolares, este será um documento valioso tanto para adequar ou construir seus currículos como para reafirmar o compromisso de todos com a redução das desigualdades educacionais no Brasil e a promoção da equidade e da qualidade das aprendizagens dos estudantes brasileiros. (FILHO, 2016, s.i.).

A declaração do ministro a respeito das “diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito”. Nesse sentido, Silva Junior (2018), defende para o currículo de História um ensino pautado nas questões multiculturais: “marco minha posição ao lado do multiculturalismo crítico e revolucionário que compreende a representação de raça, classe, gênero, como resultado de lutas sociais”, com o intuito de superação do eurocentrismo marcadamente presente no currículo brasileiro no ensino de história:

A história do ensino de história no Brasil é marcada por uma versão excludente, opressora e silenciadora de diversos sujeitos que fizeram e fazem parte da constituição do país. Prevaleceu o monopólio cultural detido pelo Norte, um ensino eurocêntrico e

um olhar enviesado por estereótipos e visões pouco informadas sobre outras realidades, como, por exemplo, sobre os afrodescendentes e indígenas. (SILVA JUNIOR, 2016).

O eurocentrismo reforça e naturaliza as diferenças sociais com negações a políticas públicas que atuam através de cotas para afrodescendentes e indígenas, voltadas para jovens e adultos, cujo maior público é de baixa renda, para o ingresso em universidades públicas.

A reforma do ensino médio está direcionada a atender os ideais neoliberais de educação, buscando atender as necessidades de grandes empresas. Na esfera da educação, entendemos que os ideais capitalistas regem as pedagogias necessárias para educar a classe trabalhadora pois, o currículo não é neutro. Segundo Apple (1995):

A educação está intimamente ligada à política da cultura. O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma *tradição seletiva*, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (p. 59).

Competitividade e enquadramento a modelos fechados de aprendizado fazem do dia a dia escolar um cenário de formação de proletariados obedientes e esperançosos que no trabalho encontrarão a tão sonhada vida confortável e poder de aquisição de bens de consumo através de seu próprio trabalho, a chamada meritocracia. A progressão profissional e, conseqüentemente, social de cada pessoa não depende apenas de seus esforços individuais. A meritocracia é defendida como um método que possibilita à pessoa que nasceu em condições desprivilegiadas econômica e socialmente se dedicar aos estudos, ao trabalho e buscar a excelência no que faz conseguindo, dessa forma, uma premiação pelo seu esforço individual.

Corroboramos o professor Nóvoa (2017), quando defende ser necessário compreender a educação pública como compromisso social e faz críticas direcionadas aos equívocos que sustentam a reforma curricular do ensino médio brasileiro. Para ele, o melhor da “escola pública está em contrariar destinos. Podemos ser amanhã uma coisa diferente de que somos hoje. Uma escola que confirma destinos, que transforma em operário o filho do operário, é a pior escola do mundo” (Nóvoa 2017. p. SI). Mesmo diante das lacunas na formação dos estudantes do ensino médio, eles acreditam que estudar ainda é o melhor caminho para um futuro melhor e que a Educação das escolas públicas, lugar onde eles têm acesso, precisa melhorar e se é sucateada atinge diretamente a eles.

Dessa forma, os secundaristas justificam as ocupações como uma forma de luta pela garantia de seus direitos, pelo acesso a uma escola pública, de qualidade que se responsabilize

por fornecer meios necessários para o desenvolvimento humano, capacitação para o mercado de trabalho e condições para o ingresso em universidades.

Durante as investigações do cotidiano das ocupações, apresentada na próxima seção, percebemos os anseios dos jovens estudantes por mudanças significativas que tornem a escola um espaço de preparação e também de convívio entre os jovens.

4. O PROTAGONISMO DOS JOVENS SECUNDARISTAS NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA ISRAEL PINHEIRO: reflexões acerca da formação história e cidadã, autogestão e resistência

Nesta seção intencionamos destacar as vozes dos jovens secundaristas e os registros das atividades desenvolvidas por eles durante a ocupação, em busca de respostas para nossas indagações iniciais. Colocamos em análise as palavras de jovens estudantes que se situam às margens da discussão política e reivindicam seu lugar de fala tomando para si o protagonismo de luta. A participação dos secundaristas em questões relacionadas a políticas públicas voltadas para a educação desperta a atenção para o protagonismo juvenil e a relação que se estabelece para uma desconstrução de que adolescentes e jovens são irresponsáveis e alheios a assuntos relacionados à política, como os que foram defendidos pelo movimento. Nas narrativas percebemos a interação dos jovens com processo de desmantelamento da educação provocado pelo governo.

Esta seção está dividida em quatro momentos. Primeiramente, a formação histórica e cidadã dos jovens a partir da experiência com a ocupação e as atividades realizadas no cotidiano em prol do bem coletivo. Em seguida destacamos a autogestão dos estudantes na escola, assim como a pressão para desocupar, e resistência dos secundaristas. Por fim, procuramos evidenciar a ressignificação da escola na gestão dos secundaristas, procurando romper com os moldes tradicionalistas da escola traçando uma nova forma de construção do conhecimento, mais dinâmica, versátil e comprometida.

4.1. Formação histórica e cidadã a partir da experiência com a ocupação da EEGIP

As ocupações secundaristas de 2016 demonstram a insatisfação e desejo de mudança na educação. Esse tipo de ação advém das sociedades passadas, que usavam a estratégia de ocupar espaços públicos como forma de protesto frente ao poder nas esferas municipais, estaduais e federais para pressionar os governantes ao diálogo, reivindicar melhores condições de vida. As ocupações se legitimam pela forma como ocorreram em razão da luta pelos direitos dos estudantes, como está posto em uma cartilha elaborada e publicada pela Defensoria Pública da União (DPU) em 2016, intitulada “Garantia de Direitos em Ocupações de Instituições de

Ensino: conheça e saiba proteger seus direitos”²⁹. O conteúdo da cartilha é de caráter informativo e orientador a respeito de ocupações em instituições de ensino. Traz as principais preocupações em relação ao comportamento dos estudantes durante a ocupação, o que podem ou não fazer para não comprometer a integridade dos participantes e do movimento em si. A respeito da liberdade de reunião, afirma:

Todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente. (Constituição Federal, art. 5º, XVI). (UNIÃO, 2016. p. S.I.).

A ação dos estudantes se caracteriza como forma de validar seus direitos, como posto na cartilha:

No Brasil, por meio da Constituição da República, dos tratados e convenções internacionais e do Estatuto da Criança e do Adolescente, impera a doutrina da proteção integral dos direitos das crianças e adolescentes, sendo dever do Estado, da família e da sociedade assegurar, com absoluta prioridade, o direito à vida, à dignidade, ao respeito e à liberdade deles. A Constituição determina que o ensino público tem como princípio a gestão democrática. (art. 205, VI). (UNIÃO, 2016. p. S.I.).

Ao remetermo-nos às questões de direitos e deveres, conforme ressalta o Artigo 205 da Constituição Federal, estabelecemos relações com o conceito de cidadania. Compreendemos que a cidadania é concebida no processo de conhecer, reconhecer e cumprir seus direitos e deveres na sociedade. Sendo a educação um direito, algo imprescindível para o indivíduo é necessário que se cumpram por parte do Estado condições para que a educação seja gratuita e de qualidade. Quando o Estado tende a falhar “os cidadãos agem ao influir sobre as decisões governamentais” (Canivez, 1991, p. 152). Consideramos que os ocupantes secundaristas fizeram o papel de cidadãos ativos na perspectiva do autor:

Distingue-se os cidadãos ativos dos cidadãos passivos, de acordo com o modo como eles participam do debate político. O cidadão passivo... contenta-se em expressar seu interesse particular (no plano material) e os valores que lhe parecem importantes (no plano moral). Já o cidadão ativo não se contenta em expressar seus interesses materiais e uma certa forma de sensibilidade. Seu ponto de vista abrange o todo, como se tivesse de governar. Tenta imaginar como, em dada situação, é possível conciliar as exigências da eficácia com as da justiça, as necessidades técnicas com os imperativos morais, os interesses das diferentes partes da comunidade com os valores que poderiam ser objeto de consenso. (CANIVEZ, 1991. p. 152).

²⁹ Disponível em: http://www.dpu.def.br/images/stories/arquivos/PDF/cartilha_ocupacoes.pdf Acesso em: 04 de novembro de 2018.

Embora os estudantes não tenham se filiado a nenhum partido político e a nenhum movimento social clássico, podemos considerar que houve articulação de indivíduos engajados, organizados em um movimento estudantil de caráter horizontal para participar da opinião pública a respeito das propostas governamentais que afetariam toda a sociedade. Entendemos as ocupações secundaristas como um movimento democrático, como um direito a expressar a insatisfação com a administração pública em relação às mudanças propostas pelo governo. É a manifestação do exercício da cidadania e acima de tudo a liberdade como essência da democracia.

O que legitima as políticas públicas socioeducativas são os mesmos princípios, ou seja, garantir todos o direito à cidadania, à justiça, à igualdade, à humanidade.

Deve-se levar em conta que esses princípios, juízos e valores obedecem a uma construção histórica. Em cada tempo histórico esses princípios são postos e repostos com novos significados políticos. Logo, deve-se levar em conta que os princípios são construções políticas, não neutros, mas impostos em embates políticos. O princípio de igualdade, por exemplo, adquire significados mais radicais quando os coletivos diferentes feitos desiguais lutam por igualdade-equidade, quando os movimentos, feminista, operário, negro, indígena lutam pela igualdade e pela cidadania. A igualdade ou a cidadania são outras. Há uma resignificação política desses princípios construída pelos coletivos sociais em lutas por direitos. (Arroyo, 2014. p.66).

O direito à Educação de forma constituinte é igual para todos, mas as classes populares que necessitam da escola pública gratuita, ainda lidam com dificuldade para nela se manter e para conseguir uma formação adequada para concorrer no mercado de trabalho, vagas em universidade, concursos públicos e ainda uma formação cidadã plena, com conhecimento do que é ser cidadão pobre em um sistema neoliberal. Segundo Arroyo (2014), as políticas oficiais curriculares visam garantir a todos o direito à cidadania, à justiça, à igualdade, à humanidade e são justamente por esses valores que os setores populares lutam, os trabalhadores e seus adolescentes jovens, já que os princípios não são neutros e são construídos historicamente se resignificando em cada tempo.

Com a ocupação da escola Tônico Franco o boato correu a cidade muito rapidamente e chegou até nós. O Estadual (EEGIP) era considerado uma das melhores escolas. Os alunos que estavam cursando o terceiro ano era uma galera muito mente aberta, não eram alunos que têm aquela condição mais alta, que estavam ali acomodados com tudo, era uma galera que batalhava, que lutava, que estava ali estudando para tentar entrar numa faculdade e sair do trabalho mais pesado. Eles conseguiram entender que a ocupação era importante, era necessária. (LUÍS, 2017).

Os estudantes, como principais agentes na esfera da educação, saem da condição passiva de estar sentado na cadeira em sala de aula e passam a ser sujeitos ativos com o intuito de promover mudanças na realidade da vida escolar, pensar no futuro da educação no país é estar consciente de que isso é possível através de uma construção ao longo do tempo e que advém de bases construídas no passado. Nesse sentido, seria pensar historicamente sobre os sentidos que podem ser atribuídos à ideia de Educação, um ambiente democrático onde todos e todas possam ter e usufruir de seu espaço, de seu lugar de fala, e perceber como a escola passou por ressignificações no período em que esteve ocupada. Para Cerri (2011), pensar historicamente é o exercício de se levar em consideração as informações de forma a compreendê-las em seu sentido temporal e os elementos que estão presentes e lhes dão sentido.

Existem vários sentidos para a ideia de pensamento histórico. Para nós, nesse momento, vamos definir que pensar historicamente é nunca aceitar as informações, ideias, dados etc. sem levar em consideração o contexto em que foram produzidos: seu tempo, suas peculiaridades culturais, suas vinculações com posicionamentos políticos e classes sociais, as possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu o que é posto para análise. É nunca deixar de lado que todo produto de uma ação tem um ou mais sujeitos em sua origem, e é decisivo saber quem são esses sujeitos, pois isso condiciona o sentido da mensagem. (p. S.I.).

O pensamento histórico é inerente à experiência do sujeito no tempo como parte do processo da formação do indivíduo. Para Rüsen (2010):

“Formação” significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário. Tratam-se de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade. (p. 95).

As interpretações de mundo e de si próprio são advindas a partir das experiências de ações relativas do presente possibilitando o pensamento histórico (Rüsen, 2010), como o processo de formação histórica do indivíduo. Entendemos que essas experiências estão ligadas às questões que interessam a sociedade em compreender e transformar a realidade política, social, cultural, religiosa e em outros aspectos, construindo, dessa forma, um mundo com mais equidade. O processo de formação histórica é atribuído a um processo mental que permite ao indivíduo estabelecer uma relação de orientação no tempo com a vida prática, suprindo as carências de orientação temporal. Seguimos o pensamento do teórico da Didática da História, Rüsen (2001), quando explicita a que se refere formação histórica:

Com a expressão “formação histórica” refiro-me aqui a todos os processos de aprendizagem em que “história” é o assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, à obtenção de competência profissional. Trata-se de um campo a que pertencem inúmeros fenômenos do aprendizado histórico: o ensino de história nas escolas, a influência dos meios de comunicação de massa sobre a consciência histórica na formação dos adultos como influente sobre a vida cotidiana – em suma, esse campo é extremamente heterogêneo. (p. 48).

Para o autor, o que se entende por consciência histórica “é a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possa orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (2001, p.57). Os cartazes fixados nos portões da entrada das escolas ocupadas, conforme registrado nas páginas 55 e 56 esta dissertação revelam sinais da mobilização da consciência histórica dos estudantes. Destacamos a frase “O Estado não pode dar educação porque a educação derruba o Governo”. Esta afirmação parte de uma reflexão sobre o presente, que leva a reflexão sobre o passado e projeta futuros. É um pensar historicamente!

Cerri (2011) considera que pensar historicamente é um fenômeno, antes de qualquer coisa, cotidiano e inerente à condição humana. Nesse sentido:

[...] mobilizar a própria consciência histórica não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenho controle: transformação através do presente, do que está por vir no que já foi vivido, continuamente. (CERRI, 2011. p. 28).

O processo de vivência no tempo desperta intencionalidades para o homem, que vive em busca de superar suas próprias limitações. Para Rüsen (2001), há uma relação do homem com o seu tempo e nela se enraízam as operações práticas da consciência histórica que são pesquisadas. Para o autor, o agir no tempo é um procedimento típico da vida humana.

[...] as mudanças tornam-se conscientes como experiências perante as quais o homem tem de formular intenções, para poder agir nelas e por causa delas. O homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorar-se dele de forma tal que possa realizar as intenções do seu agir. Nessas intenções há igualmente um fator temporal. Nelas o homem vai além, também em perspectiva temporal, do que é o caso para si e para seu mundo; ele vai, por conseguinte, sempre além do que experimenta como mudança temporal, como fluxo ou processo do tempo. (RÜSEN, 2001. p. 58).

Em perspectiva semelhante, concordamos com Silva Júnior (2012), ao considerar o pensamento de Pagès e Santisteban (2008), para a compreensão da temporalidade, destacando elementos como entender o presente, tomar decisões e pensar o futuro para uma formação democrática.

A história que os secundaristas construíram com o evento das ocupações representa a interação dos jovens estudantes com questões políticas e sociais condizentes à realidade que vivem. Demonstram que são participantes ativos no que diz respeito às leis e às obrigações do Estado para com a Educação. É possível perceber essa interação nas vozes dos secundaristas, mediante as declarações a respeito das razões que motivaram a atitude de ocupar.

Quando vimos os nossos colegas de outras escolas ocupando, pensaram “não podemos deixar eles com essa carga sozinhos, com essa luta sozinhos”. Fomos lá na escola ocupada, vimos como estava funcionando, voltamos, montamos assembleia. Passamos em diversas salas do ensino médio, que é uma galera que conhece mais, que entende mais as coisas, perguntando o que achava da ocupação, se ia ser necessário. Todos concordaram, mas na hora que ocupou que falaram assim “agora a gente precisa de ajuda para manter a organização”, foi menos de um terço das pessoas que concordaram com a ocupação e a outra metade foram lá para querer desocupar, sendo que queriam a ocupação na hora. Então assim, foi uma coisa bem complexa, complicada. A escola Tónico Franco foi de grande importância para nós. (LUÍS, 2017).

A decisão de ocupar a escola claramente está ligada ao que os estudantes estavam acompanhando sobre as propostas de mudanças na Educação. Perceberam que a situação era complicada e que eles teriam uma oportunidade de contribuir para ajudar o movimento estudantil ao pressionar o governo a rever as propostas. A ocupação, como sinaliza Luís era necessária, para apoiar a outra escola da cidade que já estava ocupada e reforçar o movimento. Para Michele, que inicialmente era contra o movimento, foi importante se informar e perceber que não poderia ficar alheia ao que estava acontecendo, assim como Maria, ao questionar as novas propostas do ensino médio. Mesmo estando saindo da escola secundária a preocupação era com as próximas gerações, ou seja, uma preocupação com o próximo e com o futuro do próximo.

Eu acho que deveria ter mais escolas ocupadas no Brasil. Pela quantidade de pessoas que temos no país, pela quantidade de escolas que temos no país, pela quantidade de seres humanos que estão sob a gestão de um governo que podemos dizer que é corrupto. Por isso acho que foram pouquíssimas pessoas, pouquíssimas escolas, pouquíssimas instituições que mobilizaram a favor do movimento que é de interesse de todos. Às vezes sentíamos sozinhos. Durante a ocupação, poucas pessoas iam lá ajudar, mas essas poucas pessoas acabavam sendo muito, porque mesmo que éramos poucos queríamos tentar fazer a diferença, queria tá ali para ver se mudava o todo. (LUÍS, 2017).

Para Luís, as razões para a ocupação eram suficientes para toda a comunidade escolar se mobilizar. Para ele as mais de mil instituições de ensino ocupadas foram poucas em vista da quantidade de escolas que temos no país. Ele chama a atenção para a falta de interesse da

população para as questões públicas, como a PEC/55 que foi compreendida pelos secundaristas como uma forma de sucateamento das escolas com a falta de investimentos.

A PEC propõe a redução na saúde e educação ia ser só o mínimo que eu acho que é quatorze ou doze por cento dos impostos, alguma porcentagem por aí. Eles iam aplicar só o mínimo, mas a reforma do ensino médio ia precisar de mais escolas para remanejar os alunos do ensino fundamental, mas se eles precisam construir mais, como que eles vão construir mais escolas sendo que eles não podem investir mais? Sendo que tem um mínimo agora a ser investido e se passar desse mínimo tem consequências. Ficou muito vago, não bateu, é uma proposta linda só que com vários espaços e quando você entra no site do INEP para fazer perguntas, eles sempre mandam a mesma resposta para qualquer pergunta: “agora todo mundo vai ter a mesma base comum curricular, procurar saber com...”, eu esqueci qual que era o órgão que eles mandavam saber, esqueci o nome, era sempre a mesma coisa, a mesma resposta pra tudo. Eu acho que é além da questão de votarem para PEC, se vai investir o mínimo como vai ter ensino médio nas escolas o dia todo? Os alunos de fundamental que estudam em escola de ensino médio como no TF (Tonico Franco) ou Polivalente, Estadual eles têm que ser remanejados, precisa construir escola, que nem eu falei, não tem dinheiro, além disso precisa contratar mais professores para dar as aulas de ensino técnico, mas como sendo que não tem dinheiro? Aí tem a questão... tem que dar lanche para os alunos, mas como sendo que tem que diminuir os gastos? Eles querem diminuir, mas colocando coisa que faz aumentar, que vai fazer aumentar ainda mais o gasto. (MARIA, 2018).

Para a estudante não havia viabilidade da reforma do ensino médio se a PEC/55 fosse aprovada. Ela compreendia que o se propunha na PEC/55 impossibilitaria as propostas da MP/746. Ela demonstrava preocupação com a situação dos alunos ainda no ensino fundamental de outras escolas sobre como ficaria a situação deles caso as propostas se efetivassem. Ressaltou que quando procurava informações no *site* do INEP não as obtinha. Muitas dúvidas se acumulavam a respeito das mudanças. A construção do conhecimento dos estudantes no tocante à PEC241/55, à MP/746 e ao Escolas sem Partido, foi feita no interesse deles de buscar informações sobre as pautas, além de palestras, aulas e debates sobre os temas que eram promovidos por professores da UFU, da UEMG, professores colaboradores da educação básica e estudantes universitários, durante a ocupação. Como afirma:

Era meio que isso, nós procurávamos informações sobre as PEC's, a reforma. Conseguíamos informações, debatíamos sobre. Procurávamos entender quando era um assunto mais complicado chamávamos alguém que entendia, geralmente era um professor de História ou Sociologia, ou às vezes Filosofia para explicar. Conversávamos com eles e conversávamos entre nós, para conseguir identificar pontos, prós e contras e era bem isso, eu acho, as informações que nós tínhamos, eram coisas que nós mesmos procurávamos. (Luís, 2017)

Percebemos que a presença de professores da área das ciências humanas foi relevante para que os estudantes pudessem tirar dúvidas em relação às consequências das mudanças que estavam para acontecer. Contaram com o apoio de professores de História. Entendemos que

entre as tarefas do professor de história, uma delas consiste em atribuir racionalidade aos processos da consciência histórica dos jovens na articulação entre presente, passado e futuro. A orientação temporal dos indivíduos é fator contributivo para a formação histórica dos estudantes. Na fala da estudante evidenciamos a compreensão da importância do conhecimento histórico para a vida prática e entendemos essa compreensão como sintoma da consciência histórica.

[...] no ensino fundamental eu falava que não sabia porque estudar História se todo mundo já tinha morrido, mas depois aprendi que estudamos História para não cometermos os mesmos erros do passado. Então, acho que a disciplina de História teve um papel fundamental no pensamento crítico para não cometermos as mesmas coisas, para não ter um Holocausto novamente, o pior erro da humanidade, uma escravidão. Para não fazermos as mesmas coisas, a disciplina de História é muito importante. (MARIA VITÓRIA, 2018).

Os professores colaboradores na ocupação desempenharam o papel de mediadores para atender as necessidades dos secundaristas diante das dúvidas, além de ministrarem as aulas direcionadas para a preparação do ENEM, debates de temas variados, cinedebates entre outras atividades, como afirmado pela secundarista:

Nós fazíamos muito cine debate à noite, principalmente com professores de humanas, mais História, Sociologia. E o cine debate era muito bom, todo mundo elogiava, porque é algo que enriquecia muito. Ver como você pode aplicar a disciplina que você está vendo naquele filme, a gente conseguiu aplicar as teorias de Karl Marx em “Mad Max”, aquele filme “Isso aqui vai virar Chile” aonde mostra a ocupação dos meninos do Chile por sete meses, nossa! era muito rico. Não era só aula. (MARIA VITÓRIA, 2018).

Um dos temas mais recorrentes nas rodas de conversa e nos debates realizados durante as ocupações era a PEC/55. Era o momento para os estudantes tirarem dúvidas e se expressarem sobre as propostas da ementa constitucional.

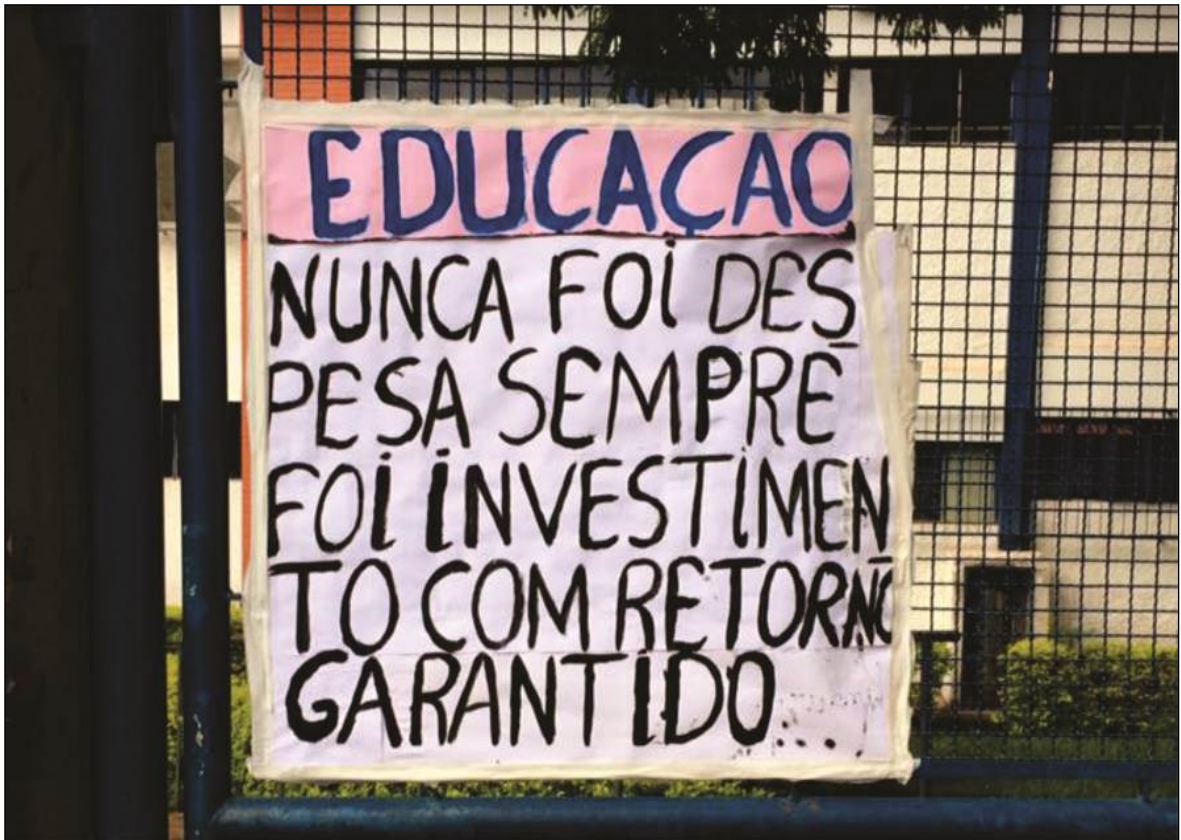
FIGURA 8 - Secundaristas da EEGIP segurando cartaz contra a PEC/241 durante as ocupações em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

Na figura 8 estudantes seguram cartaz contra a PEC de teto dos gastos. Cartazes como esse foram confeccionados e espalhados por toda a escola, com conteúdos sinalizando as pautas da ocupação, além da PEC/55 a reforma do ensino médio e projeto da Escola sem partido. Em um dos cartazes fixados no portão externo da EEGIP há uma crítica à PEC/55 relacionada aos “gastos” do governo com a Educação, o que para os ocupantes na verdade era um investimento.

FIGURA 9 - Cartaz fixado no portão externo da EEGIP durante a ocupação em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016).

Na figura 9 a frase do cartaz nos remete a crítica dos estudantes em relação aos gastos com a educação, o que para o governo é um gasto, para eles é um investimento. A educação é vista pelos adolescentes e jovens do ensino médio como um instrumento para alcançar um futuro com qualidade de vida. Almejam um mundo mais justo e igualitário onde todos possam ter acesso ao conhecimento e às tecnologias. Para que todos tenham as mesmas oportunidades o ensino público gratuito deve ser de qualidade, e Luís defende a luta através da ocupação. Para ele resistir é uma forma de busca para um futuro melhor.

A ocupação foi uma forma de resistir. Eu venho de uma família classe baixa e as coisas nem sempre são fáceis. Eu imagino que a educação seja o único meio de eu conseguir chegar a algum lugar e ter uma vida mais fácil. Se eu estou numa escola sucateada que eu não consigo ter o ensino para conseguir competir com o aluno que vem de escola particular que tem melhor ensino, que tem tudo que precisa ali sem fazer esforço algum, como que eu vou conseguir entrar numa competição para entrar numa universidade? A forma que considero melhor é a de lutar. Mesmo que as ocupações incomodaram, e isso é importante, infelizmente eu acho que não conseguimos o que queríamos que era parar o Temer com aquelas reformas, por mais que não foi aprovado ainda ele já mostra como se tivesse sido. Então assim, eu via a ocupação como uma maneira de tentar melhorar, porque sem educação não

conseguiremos chegar a lugar nenhum, continuam pessoas ignorantes, pessoas ludibriadas, pessoas que são facilmente enganadas, sem conhecimento, sem entender de política. Porque política no Brasil você só vê corrupção. Optei por resistir pensando num futuro melhor. (LUIS, 2017).

A narrativa de Luís nos permite concordar com Pagès e Santisteban (2008) ao afirmarem que a compreensão da temporalidade é fundamental para uma educação democrática. Destacam-se elementos como: entender o presente, tomar decisões e pensar no futuro. O estudante foi entrevistado um ano após a desocupação da escola, em dezembro de 2017. Ele sente pesar por não terem conseguido frear os planos do governo com as ocupações, mas se orgulha de ter participado do movimento estudantil contra o desmantelamento da educação e vê na ocupação uma forma de luta válida.

O jornal Pontal em Foco noticia a participação dos secundaristas em reunião na Câmara Municipal de Ituiutaba para esclarecimentos sobre as ocupações e debate em relação à PEC/55. A reportagem chama a atenção para a ausência de muitos vereadores e presença massiva dos estudantes na reunião. As ocupações estudantis em Ituiutaba-MG dividiram opiniões entre a câmara e estiveram presentes na reunião os vereadores que apoiavam o movimento estudantil.

FIGURA 10 - Estudantes secundaristas em reunião na Câmara Municipal de Ituiutaba no dia 08 de novembro de 2016, na reportagem do jornal Pontal em Foco em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Portal do Jornal do Pontal. Disponível em: <<http://pontalemfoco.com.br/destaque-noticias/com-o-plenario-cheio-e-poucos-veredores-alunos-cobram-posicao-da-camara-municipal-de-ituiutaba-com-relacao-a-pec-dos-gastos-publicos/>> Acesso em: 13 de abril de 2018.

De acordo com a reportagem:

Na noite desta terça-feira (08), estudantes que estão ocupando escolas contra a PEC 55 (antiga 241) e MP 746, foram na Câmara Municipal de Ituiutaba debater com as autoridades sobre as PEC's. Participaram dessa reunião secundaristas de escolas ocupadas, professores e estudantes da rede pública, municipal e Universidades, além da sociedade civil. Os secundaristas subiram à plenária da Câmara para relatar porque ocuparam escolas, na luta pela educação pública, gratuita, inclusiva, de qualidade e contra a retirada de direitos sociais. Os vereadores que se encontravam presentes na sessão demonstraram apoio às ocupações das escolas e Universidades que vêm crescendo em todo o país na tentativa de pressionar o governo. Se posicionaram contra a PEC 55 e MP 746 e concordaram em demonstrar este apoio através de documento escrito. (JORNAL DO PONTAL, 2016).

Como mostra a figura 10, os secundaristas estiveram presentes na reunião em busca de esclarecimentos e diálogo sobre a PEC/55. A referência aos jovens como futuros cidadãos, é equivocada, pois já os são no presente, exercendo seu papel de cidadãos críticos, engajados social e politicamente.

A nossa pauta não era só a PEC era também contra a lei da mordça, as minorias sociais, e gente falava de feminismo na aula, falava de liberdade religiosa pois diversas religiões são silenciadas, são deixadas de lado, a gente tratava de tudo ali. O principal assunto podia até ser PEC 241, mas o que estava sendo tratado lá dentro era de tudo, desde da PEC 241, política, racismo, o feminismo, diversas coisas eram tratadas lá dentro, diversos assuntos que podemos dizer polêmicos dentro da sociedade que não conversados abertamente, estava sendo conversado lá dentro de maneira bem clara. Então assim, não pode se dizer que foi só contra a PEC 241. (LUÍS, 2017).

Os alunos demonstraram interesse pelas políticas públicas com suas ações frente à conjuntura política no momento das ocupações. Havia sinais notórios de que estavam preocupados com a representatividade dos estudantes em assuntos políticos que comprometiam as classes mais pobres que são as que mais utilizam os serviços públicos gratuitos. A fala do estudante Luís denota pouca abertura para discussão de assuntos relacionados à política, racismo e feminismo, mas durante as ocupações eram abordados de forma mais aberta e quando ele diz “bem clara” consideramos ser um diálogo mais aberto com os estudantes. A narrativa revela sinais de uma formação histórica, cidadã, crítica, abordando temáticas que nem sempre estão presentes nas aulas convencionais.

4.2. Autogestão e redes sociais digitais

Uma das características comuns em várias escolas durante a Primavera Secundarista foi a autogestão com que administraram a ocupação. Com autonomia organizaram aulas públicas

pré-ENEM, rodas de conversa e debates com temas diversificados, palestras, atividades recreativas entre outras.

O termo autogestão é um daqueles que tenta referenciar essa capacidade e esse desejo próprio dos humanos, a saber, o de tomar conta de seu destino, em vez de delegar a outrem esse poder. Há outros termos correlatos, como autonomia, auto-organização, democracia direta, participação, democracia participativa. A origem e o desenvolvimento do conceito de autogestão estão muito ligados às experiências cooperativas e anarquistas, desde o século XIX. Nessas, a autogestão significa a submissão das decisões de controle e gestão às necessidades, interesses e desejos dos indivíduos que compõem a unidade social a ser administrada. (GROPPO; TREVISAN; BORGES; BENETTI, 2017, p. 141).

A autogestão foi construída através da ação coletiva dos estudantes para administração do espaço escolar, e a cooperação foi o alicerce para uma gestão democrática e colaborativa. De acordo com Maria as tarefas eram divididas, mas não havia uma figura que “mandasse em tudo”, todos eram líderes.

Nossa organização durante a ocupação começou com uma divisão de tudo em blocos. Uma quantidade de pessoas vai ficar responsável pela cozinha, outras pessoas vão ficar responsáveis pela parte pedagógica, outras vão ficar responsáveis pela limpeza. Fomos dividindo por blocos e cada bloco tinha as pessoas responsáveis. Decidimos por não optar por um líder porque não queríamos ter essa visão de alguém comandando tudo, alguém mandando em tudo, então éramos todos líderes, independentemente da série. Acaba que sempre surge alguém que faz mais coisas, mas não tínhamos uma hierarquia. A proposta era ficar só até o ENEM. (MARIA, 2018).

As aulas públicas pré-ENEM eram ministradas por professores e professoras de instituições públicas e privadas, convidados/as pelos estudantes. Após a confirmação, os secundaristas montavam o cronograma.

Para nos organizarmos, fazíamos o cronograma. A Maria Vitória era praticamente a pessoa que cuidava de convidar e como estava perto do ENEM, tentava trazer principalmente para os meninos do ensino médio. Tanto que todos os cronogramas, publicávamos, colocávamos que era aberto ao público. Foi quando teve uma assembleia e as mães perguntaram sobre o ensino fundamental, porque no Estadual à tarde funciona o ensino fundamental. Às vezes os professores mesmo da escola, principalmente do ensino médio a Daiane de Sociologia, a Lucia de Português, a Carmem de Química, se dispuseram a nos ajudar e a Clarisse de Biologia. Elas se disponibilizaram, nós só marcávamos os horários das aulas. Tanto que um fato muito interessante é que a Daiane um dia antes do ENEM na sexta-feira, deu uma aula sobre os dois temas das duas provas da redação do ENEM, tanto que quem foi, falou para a Daiane que tirou nota muito boa, eles apoiaram. Do ensino fundamental foi apenas o Tico que falou que estava lá e daria as aulas, mas nós contamos com os meninos da UFU e os professores. (MICHELE, 2018).

Em relação às atividades pedagógicas havia o cronograma, eu era responsável, fui a única responsável por isso, fiquei com tudo. Organizei toda a parte pedagógica,

conversava com os professores do Estadual, mesmo os professores do cursinho da UFU e os professores do cursinho do Nacional e perguntava o que eles podiam dar de matéria, e o horário que eles podiam. Se eles queriam fazer uma oficina, algo diferente de uma aula tradicional, então, eles falavam o que eles queriam fazer, qual que era a proposta deles, o horário e o dia que eles podiam e eu ia agendando. Ia fazendo um cronograma. (MARIA VITÓRIA, 2018).

Os alunos/as se organizaram e administraram o cotidiano da ocupação com cronogramas de atividades diárias. Nas narrativas acima, identificamos a autonomia dos estudantes para resolver as questões burocráticas para realização das aulas e atividades. No caso da aluna Maria, ela tomou as providências para conseguir professores dispostos a oferecer suas aulas na escola, e teve que compreender como funcionava o currículo das disciplinas para montar o quadro das aulas preparatórias para o ENEM. Entre ligações, idas e vindas aos lugares necessários, os cronogramas dia a dia iam ganhando novas atividades e preenchendo todo o tempo dos estudantes na ocupação. Aulas abertas preparatórias para o ENEM com professores voluntários de instituições de ensino públicas e privadas, atividades recreativas, palestras com professores universitários, colaboração de artistas com *shows*, oficinas. Tivemos acesso a alguns cronogramas elaborados pelos estudantes:

FIGURA 11 - Cronogramas de atividades desenvolvidas pelos secundaristas durante a ocupação na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)

<p>Segunda - Feira 7:00 às 9:30 - Aula de física conteúdo (ótica e ondulatória) 9:30 às 10:00 - Café da manhã 10:00 às 11:30 - Aula de química com a professora Carmem (revisão) 11:30 às 13:00 - Almoço 13:00 às 14:00 - Roda de conversa sobre a ocupação 14:00 às 15:15 - Aula de ciências humanas e natureza com professores do Nacional 15:15 às 15:30 - Lanche 15:30 às 17:00 - Aula de ciências humanas e natureza com professores do Nacional 17:00 às 18:30 - Reunião com advogado</p>	<p>Quarta-Feira 08:30 às 9:00 - Café da manhã 9:00 às 10:00 - Reunião com psicólogo 10:00 às 11:30 - Aula de filosofia política 11:30 às 13:00 - Almoço 13:00 às 14:30 - Aula de história com o professor Tico 15:30 às 16:00 - Lanche 16:00 às 17:30 - Aula de história com o professor Virgílio - Nacional 18:00 às 19:30 - Apresentação de skate</p>
<p>Quinta-Feira 8:00 às 9:30 - Discussão sobre minorias sociais com a Doutora Cida Sato 9:30 às 10:00 - Café da manhã 10:00 às 11:30 - Aula de história medieval com o professor Pedro Afonso 11:30 às 13:00 - Almoço 13:00 às 14:00 - Aula de história ditadura militar com a professora Lurdes 14:00 às 15:00 - Debate escola sem partido com PIBID de história 15:00 às 16:00 - Roda de conversa sobre o papel das grandes mídias e as mídias de informação com o PET de geografia (UFU) 16:00 às 18:00 - Aula de química com o professor Marcelo 18:00 às 20:30 - Aula de sociologia com a Tia Dai</p>	<p>Segunda-Feira 9:00 às 10:00 - Café da manhã 10:00 às 12:00 - Aula de inglês com professores da Wizard 12:00 às 13:00 - Almoço 13:00 às 15:30 - Reunião com escolas ocupadas 15:30 às 16:30 - Lanche 16:30 às 18:00 - Rubby 18:00 às 19:00 - Aula de primeiros socorros com o bombeiro Jailson 19:00 às 21:00 - Filme 21:00 às 21:30 - Janta</p>

Fonte: Organização da ocupação.

FIGURA 12 - Cronogramas de atividades desenvolvidas pelos secundaristas durante a ocupação na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação.

Nas figuras 11 e 12 podemos identificar que os estudantes criaram sua própria rotina escolar montando cronogramas diários de atividades. Começando às sete horas da manhã, eles mantinham um cronograma cheio. Entre uma aula e outra faziam os intervalos com atividades voltadas para discussões sobre a ocupação, políticas públicas, temas voltados para a realidade social como feminismo, racismo, liberdade religiosa dentre outros e ainda atividades recreativas educativas envolvendo oficinas, músicas, danças, teatro, cine debate, atividades esportivas.

Nós começávamos às sete da manhã no horário normal de aula e acabávamos às dez e meia da noite porque a gente pegava o horário normal das aulas na escola, que era das sete e meia da manhã às dez e meia da noite para o turno do noturno. Eu ia

dividindo, enfiando umas coisinhas uma em cada lado, cada professor o jeito que podia. Os alunos participaram. Só que chegou um momento, que a ocupação começou a perder força e aí começou a dar pouca gente. (MARIA, 2018).

De acordo com os cronogramas e a fala de Maria, os secundaristas tinham uma agenda cheia, com pouco tempo vago. A rotina na escola começava às 07:00 da manhã e se estendia até as 22:30h. Mantiveram a escola funcionando no horário dos três turnos costumeiros da instituição, manhã, tarde e noite. A aluna afirma que em determinado momento a frequência dos alunos diminuiu e a ocupação começou a perder força. Os cronogramas eram divulgados diariamente na página do *Facebook* criada para comunicação entre o movimento e a comunidade, e as atividades e as aulas eram abertas para todos e todas que quisessem interagir. As postagens eram feitas através de celulares ou *notebooks* dos secundaristas.

Nas redes sociais tínhamos uma página no *Facebook* e os responsáveis eram o Tiago, eu e a Maria Vitória; sempre tentávamos postar; quando um saía e tinha que resolver algo o outro ficava no lugar para postar alguma coisa, para mostrar para o público o que estava acontecendo. Nós postávamos os cronogramas antes para eles ficarem cientes. Também conversávamos muito pelo *WhatsApp*, pelos grupos; tinha o grupo dos terceiros anos e repassava para as outras salas. Usávamos muito redes sociais, principalmente o *Facebook*; era o lugar onde nós mais nos comunicávamos e divulgava o que estava se passando lá. (MICHELLE, 2018).

Usávamos as redes sociais, a página, para postar o que fazíamos aqui dentro, para ficar como prova que não estávamos ali só para brincar. Porque, para você ter ideia, eu mesma não levantava seis horas da manhã para lavar um prato em casa, levantava para ir para escola e ali sim, eu levantava seis da manhã, eu tinha que lavar o prato, lavar a louça, tinha que cuidar da escola. E as redes sociais em nosso favor, sempre tinham os comentários negativos lá. Sobre as rodas de capoeira tiveram comentários racistas na rede social. Eu não me lembro bem os comentários. Como se a capoeira fosse voltada só para pessoas negras e não para pessoas brancas, como se não fosse uma cultura e fosse apenas para negros. (AMANDA, 2018).

O uso intensivo das redes sociais era para que a comunidade acompanhasse o cotidiano dos secundaristas durante as ocupações, pois, na fala da estudante Amanda percebemos que queriam visibilidade para as atividades desenvolvidas e a qualidade dos trabalhos realizados que conseguiram desenvolver em poucos dias de ocupação, com ajuda de voluntários de outras instituições de ensino. De acordo com Michele sempre tinha alguém disponível para verificar a página; já a comunicação entre os ocupantes era feita via *WhatsApp*³⁰ pelos seus celulares.

Adolescentes e jovens possuem uma relação mais estreita com a cibercultura, e isso os aproxima das notícias que estão na rede. Dentre elas as opiniões populares cercadas de notícias

³⁰ Aplicativo de comunicação gratuito para *smartphones*, permite o envio de mensagens instantâneas, mensagens de voz e chamadas de vídeo.

sensacionalistas com fontes duvidosas. Lévy (1999) analisa a cibercultura em suas múltiplas dimensões e considera que a partir dela surge uma nova relação com o saber, a formação e a construção da inteligência coletiva. Para ele a cibercultura caracteriza-se por lidar com a informação de modo a favorecer a construção de uma nova forma de pensar e construir o conhecimento como forma de emancipação do indivíduo e construção da cidadania. Para Franco e Martins (2016), o ciberespaço tem se tornado um dos principais meios para circulação de informações:

A preocupação com a formação e o exercício da cidadania que, nas atuais sociedades republicanas e democráticas, compreende os direitos e os deveres de todos construir relações sociais baseadas no respeito, na solidariedade, na cooperação na resolução de conflitos, com autonomia, responsabilidade e abertura para a alteridade e negociação entre interesses e opiniões diferentes, está presente em escritos e reflexões de pesquisadores. Tais pesquisadores refletem sobre o lugar das mídias, da escola e do ensino de história no século XXI, em que o ciberespaço tem se transformado em um dos principais meios de circulação e intercâmbio de informações, conhecimentos, manifestações culturais, sociais e políticas. (FRANCO e MARTINS, 2016, p. 279-280).

As relações que se estabelecem entre as pessoas na sociedade atual podem acontecer virtualmente, em plataformas digitais de redes sociais e que correspondem a um grande percentual de usuários que expressam opiniões. Abaixo, são apontadas injúrias cometidas por usuários do *Facebook* na página da ocupação da EEGIP.

O envolvimento da ocupação com as redes sociais era bem forte, porque nós usávamos *Instagram*, tínhamos uma página no *Facebook* para divulgar os cronogramas para todo mundo ir, para quem quisesse, porque a escola estava aberta não só para os alunos, estava aberta pra quem quisesse ir, então nós usávamos muito, publicávamos. Se estivesse faltando alguma coisa que precisávamos de doação, postávamos na página do *Facebook*, os cronogramas todos os dias de manhã na página do *Facebook* também, sempre estávamos usando. Sempre tinham comentários negativos lá. Comentários preconceituosos. Surgiu um comentário, primeiro teve uma roda sobre feminismo, eu acho, a gente sempre publicava as fotos das aulas, das oficinas que estavam tendo e um garoto comentou se as aulas eram rodas de conversa sobre feminismo e que só estava faltando ter aula de capoeira. E nós já tínhamos e fizemos questão de comentar que já tinha tido essa aula. Teve muito comentário racista, tinha um comentário bem preconceituoso, diminuindo a cultura, nossa! (MARIA VITÓRIA, 2018).

Maria defende a cultura brasileira após comentário racista de internauta. Nota-se que há conhecimento da importância da valorização de uma cultura construída com a inserção de várias outras, dessa forma construindo nossa identidade brasileira. A consciência histórica é elemento orientador para a vida prática, uma concepção da passagem do tempo, fundamental para o tempo presente perpassando por todos os assuntos na vida cotidiana.

A página foi extinta após a desocupação devido à hostilização de internautas nos comentários da página. Quando iniciamos a presente investigação já não existia mais a página para recolhimento de informações. Luís (2017) aponta que as acusações feitas através do *Facebook* eram em sua maioria por causa de informações distorcidas que circulavam nas redes e as pessoas acreditavam.

Lidar com as agressões verbais era bem complicado, porque nós sabemos que as redes sociais são responsáveis por 80% das informações que chegam, às vezes nem é verdade, mas se chegou ali as pessoas já começam a acreditar. Então, nós tentávamos mobilizar as pessoas pelas redes sociais, mas que acabava sendo muito difícil porque as informações que elas tinham eram completamente distorcidas. Eram completamente contra o movimento. Então tentávamos mostrar o que estava realmente acontecendo. O texto que a Vitória fez no *Facebook*, se eu não me engano, foi parar em centenas de páginas, porque era o que estava acontecendo, era o que mostrava a gente, mostrava o que queríamos mostrar para pessoas lá. E ali na minha publicação, eu tentei por meio da minha mídia social também mostrar a ironia dos fatos para as pessoas tentarem entender o que estava acontecendo. [...] Então, a mídia social no caso, a divisão entre o poder público e a sociedade, os ataques contra a gente, estava sendo tudo pelas mídias sociais, a maioria delas. Eu lembro que uma colega falou que não era pra gente ficar respondendo o pessoal do *Facebook*, que não adiantava, que aquilo lá era para se estressar atoa, porque não ia mudar a opinião. Então, *Facebook*, essas mídias que usam para comunicar e postar essas coisas foi de grande ajuda e também de grande importuno. (LUÍS, 2017).

FIGURA 13 - Resposta de uma estudante em uma publicação do *Facebook* que desqualificava o movimento secundarista na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação

A figura 13 traz a fala da estudante comentada por Luís em sua fala acima. Em sua resposta a uma tentativa de desqualificar o movimento no *Facebook* (está riscado), ela crítica a falta de conhecimento das pessoas em relação à ocupação e os motivos pelos quais estava acontecendo. Na fala de Luís entendemos que a página tinha como um dos objetivos contrapor as informações distorcidas sobre a ocupação. Ele demonstra os cuidados que se deve ter com informações propagadas na *internet*, principalmente nas redes sociais. Associamos os ataques verbais na página da ocupação, no *Facebook*, ao crescimento do conservadorismo por parte das camadas elitizadas desde as manifestações em 2014 (ver item 2.1). É perceptível que a onda conservadora tomou proporção e passou a fazer parte do cotidiano em redes sociais, nas ruas, com declarações de deboche e acusação das vítimas de “vitimismo”, exagero.

Entendemos a *internet* como o espaço para construção do conhecimento, como canal de informação e sobretudo de entretenimento, mas vem ganhando espaço para disseminação de notícias falsas e para os denunciamentos, em tempos que as redes sociais ganharam uma outra função, vigiar a postura e as ações do outro, julgar e condenar. Palavras como gênero, ideologia, racismo, feminismo, lésbicas, gay, bissexuais, travestis, transexuais e *Queer* (LGBTQ), geram uma tempestade de críticas com discursos de ódio e julgamentos pelos que se sentem juizes, fazendo das redes um tribunal virtual, advindos principalmente dos defensores da família tradicional brasileira de cunho patriarcal composta por héteros, brancos, cristãos. Mas a *internet* é território passageiro, efêmero, o que se posta hoje, amanhã pode não mais estar lá, assim como a página do *Facebook* da ocupação EEGIP que abrigava um memorial virtual, com registros de tudo que era realizado na escola no momento da ocupação. Segundo os estudantes entrevistados não foi possível realizar a recuperação da página. Alguns registros ainda restaram gravados em aparelhos celulares de alguns estudantes, mas após a ocupação eles se dispersaram dificultando, dessa forma, a reunião do material produzido durante a ocupação. Compreendemos que a cidadania se configura de acordo com as relações com base no respeito do espaço do outro e da promoção da união. Nas narrativas dos estudantes percebemos a preocupação com os comentários negativos e/ou preconceituosos expostos na rede social, e percebe-se que houve tentativa por parte dos ocupantes em não revidar, mas sim promover o diálogo para a compreensão do que estava sendo o movimento secundarista.

Mesmo com os cronogramas sendo postados diariamente poucas pessoas da comunidade apareciam para acompanhar as atividades, inclusive as que criticavam e hostilizavam o movimento secundarista. Alunos e alunas que não concordavam com a ocupação, reclamavam do direito de ir e vir, do direito a ter aulas na escola. Os participantes da ocupação rebatiam que as aulas estavam acontecendo, porém não da “forma convencional como estavam acostumados”. De acordo com Luís (2017):

Durante as ocupações criamos uma página no *Facebook* para divulgar as atividades que realizávamos na escola. A página era atualizada diariamente, pois tinham pessoas que falavam que não estava tendo aula, que não estava tendo nada na escola... A galera falava do direito de ir e vir, mas não estávamos impedindo ninguém de entrar na escola, quem quisesse entrar podia entrar, quem quisesse acrescentar podia acrescentar, estava tendo aula todos os dias e com professores diferentes. Só que eles falavam que não podiam ter aula e nós falávamos que não, que estava tendo aula, não está tendo aula convencional com a qual você está acostumado, mas aula está tendo. A maioria das pessoas que iam lá eram da UFU, a maioria dos professores que davam aula de História, Geografia, Português e Matemática eram da UFU. Também abordavam questões sobre o feminismo, religiões e questões raciais. (LUIS, 2017).

As aulas aconteciam no segmento do que estava previsto no currículo do ensino médio, com o conteúdo previsto para preparação do ENEM. A autonomia dos estudantes na construção da rotina na escola, encerra uma discussão acerca da importância e da seriedade do movimento secundarista. Ao ocupar a escola eles queriam estudar, queriam se preparar para o ENEM e para isso estavam tendo aulas das respectivas disciplinas, o que eles não tiveram foram as aulas de como lutar pela escola, pelo direito a Educação, e ainda assim o fizeram.

Figura 14 - Aula pública pré-ENEM ministrada por professora voluntária na ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

FIGURA 15 - Aula pública pré-ENEM ministrada por professor voluntário na ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

As aulas na ocupação da EEGIP permitem uma interpretação de rompimento com o modelo tradicional de educação, como as aulas com estudantes enfileirados olhando um para a nuca do outro e o professor como figura central representando ser detentor do conhecimento a ser transmitido. As figuras 14 e 15, registram as aulas sendo ministradas com os estudantes sentados lado a lado, atentos e mais próximos da figura do/a professor/a. Embora as aulas estivessem acontecendo no refeitório, por ser o espaço mais amplo de que a escola dispunha, percebemos que a mudança dos padrões das aulas despertou interesse nos alunos. Elementos como a abertura ao diálogo, aulas práticas e professores interessados na construção do conhecimento com os estudantes fizeram a diferença na concepção de aprendizado dos estudantes, pois, eles podem acontecer sem os padrões limitadores das aulas tradicionalistas como sentar enfileirados e inertes nas cadeiras.

E o fato é que naquele 2016 teve dois dias de ENEM, o primeiro tema de redação foi intolerância religiosa e o segundo sobre racismo e a professora de sociologia, no primeiro ENEM, um dia antes ela, do nada, deu uma aula sobre religião e ela acertou o tema. Ela acertou o tema e quando nós pegamos o caderno que vimos. Naquele dia ficou bem dividido, os meninos que não iam fazer o ENEM e os que iam fazer. E quando pegamos o caderno ficamos muito felizes, porque vimos que a ocupação estava servindo, que com certeza se tivesse aula normal, aquela aula chata, que era cadeira no lugar certinho, o aluno calado e o professor explicando, o professor daria só aquele conteúdo que está na carga horária, ele não ia expandir para outras coisas e ela acertou o tema, ficamos muito felizes. (AMANDA, 2018).

Às vezes os professores mesmo da escola, principalmente do ensino médio a Daiane de Sociologia, a Lucia de Português, a Carmem de Química, se dispuseram a nos ajudar e a Clarisse de Biologia. Elas se disponibilizaram nós só marcávamos os horários das aulas. Tanto que um fato muito interessante é que a Daiane um dia antes do ENEM na sexta-feira, deu uma aula sobre os dois temas das duas provas da redação do ENEM, tanto que quem foi, falou para a Daiane que tirou nota muito boa, eles apoiaram. (MICHELE, 2018).

Eu me lembro que eu tive uma aula de Geografia com determinado professor que eu não me lembro o nome agora, mas a aula dele foi a melhor aula que eu tive durante o ano inteiro na escola, eu acho que me acrescentou mais nesse dia do que durante todo o ano. Foi uma aula de geopolítica. (LUÍS, 2018).

É perceptível na fala de todos os estudantes que as aulas contribuíram para a compreensão do conteúdo das disciplinas. Para além participação nas aulas e atividades extracurriculares, os estudantes garantiam a organização e a limpeza do espaço escolar. Tinham acesso à cozinha da escola para preparação das refeições com os mantimentos que conseguiam arrecadar da comunidade. De acordo com Michele (2018), conseguiram ajuda até da igreja localizada próxima à escola EEGIP.

Nós convidamos as pessoas para conhecerem lá. A nossa escola fica perto de uma igreja a São Francisco de Assis, eu frequento lá e o padre era contra, então eu o chamei para ver como era o movimento e sempre quando precisávamos de alimento ele nos socorria, mandava para nós. Muitas vezes era só falta de ir lá conhecer. (MICHELE, 2018).

FIGURA 16 - Estudantes preparando lanche coletivo na cantina durante a ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

Na figura 16 podemos observar a cozinha bem organizada e os estudantes preparando o lanche para ser servido aos participantes da ocupação. Os secundaristas se dividiam em blocos e cada um ficava responsável pela limpeza de um setor, a escola era limpa pontualmente todos os dias.

Sempre tinha que ficar limpo, porque sempre teria alguém que ia para nos criticar, se não estivesse limpo saía falando. Muitas vezes, ganhávamos elogio do Pontal em Foco que ia muito lá fazer entrevista conosco, ele elogiava a nossa organização, a gente não deixava a escola suja e nem cadeira fora do lugar. (AMANDA, 2018).

Em relação à organização aquela escola nunca foi tão limpa. Três horas da manhã e eu estava lavando a escola. (MARIA VITÓRIA, 2018).

Nós dividíamos as tarefas para fazer a limpeza. Eu lembro que todo mundo fugia do banheiro, ninguém queria lavar o banheiro, só que fazíamos um sorteio para ver quem iria para o banheiro. Assim nós mantivemos a escola totalmente limpa e quando saímos de lá as faxineiras até entraram, e eu lembro de escutar elas comentando “Porque que estamos aqui se a escola está limpa?” Nós deixamos a escola mais limpa do que quando entramos. Porque, quando nós ocupamos a escola foi no meio de semana. Eu lembro que eles só lavavam a escola aos sábados, então, quando ocupamos a escola estava totalmente suja, empoeirada, então limpamos tudo. (LUÍS, 2018).

A limpeza era feita de forma coletiva e podemos identificar que a divisão das tarefas era feita de forma democrática, sem sobrecarregar ou impor a alguém executar determinada tarefa. Ao contrário da normatividade da rotina escolar, enquanto a escola era lavada somente aos sábados, durante a ocupação era limpa diariamente. As aulas e atividades aconteciam em um ambiente limpo e organizado.

FIGURA 17 - Estudantes fazendo a limpeza da EEGIP durante ocupação em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

Na figura 17 está registrada a movimentação dos secundaristas para a realização da limpeza do espaço sinalizando a coletividade com a qual trabalhavam.

A experiência com a ocupação da escola EEGIP pode ser vista como uma nova forma de interação entre os jovens por passarem o dia trabalhando em prol da realização de atividades nas escolas e também à noite, pois, alguns dormiam lá.

[...] estávamos cuidando daquela escola como se fosse a nossa casa, nós passamos vinte e seis dias ali morando, dormíamos, fazíamos nossa alimentação, só não tomávamos banho ali porque não tinha jeito, mas ali foi nossa casa, durante os vinte e seis dias. (AMANDA, 2018).

Podemos identificar na fala de Amanda que a escola passou a ser o lugar em que passavam quase o tempo do dia e fizeram dela durante a ocupação sua própria casa. Dessa forma, a interação entre os ocupantes se estreitou criando uma relação diferente de quando se viam apenas algumas horas por dia e de forma mais distante, já que os estudantes se reúnem apenas na hora do recreio no dia a dia escolar.

4.3. Pressão para desocupar e resistência para pressionar

A ocupação teve seus dias satisfatórios de realizações e aprendizados para os secundaristas; em contrapartida teve problemas e conflitos. Ao longo dos vinte e seis dias que ficaram na escola, a pressão para desocupar era grande, principalmente às vésperas do ENEM, mas os secundaristas insistiam com a ocupação com o intuito de pressionar o governo a rever as medidas do desmonte da Educação. Os estudantes trazem lembranças desagradáveis a respeito desses momentos. A realização do ENEM seria nos dias 05 e 06 de novembro, e a EEGIP seria um dos locais de aplicação da prova, porém os secundaristas estavam irredutíveis na desocupação. Isso gerou clima de indisposição entre estudantes e comunidade:

Um momento tenso das ocupações foi na época do ENEM. A turma dividiu. Fizemos uma assembleia porque metade queria desocupar, metade não queria. Lembro que os estudantes da UFU estavam em cima lá também, não queriam que desocupasse, e aí fizemos uma assembleia. Por outro lado, me recordo que uma professora de matemática que estava falando que as vagas da faculdade não iriam diminuir por causa do corte durante vinte anos. Ela disse assim “mas é um ciclo, os alunos saem e outros entram é... matemática básica”. Ela era totalmente contra a ocupação. Estava apenas preocupada com interesses próprios, queria que desocupássemos de qualquer jeito. E o pessoal que estava querendo desocupar eles queriam fazer ENEM só que eles não entendiam que poderiam fazer o ENEM e pode ser que eles consigam entrar, porém não pensavam que a universidade poderia estar sucateada, pode ser que haveria corte de gasto e o aluno ficar sem conseguir concluir o ensino superior. Então não faria sentido eles entrarem numa faculdade sucateada, uma universidade que não teria condições de fazer com que eles terminassem os cursos, era isso que eles não entendiam. Depois de muita conversa, muita discussão, os nervos à flor da pele, decidimos que não íamos desocupar e quem quisesse sair do movimento, ficasse à vontade. [...] Quando mudou a data de ENEM foi um alívio para alguns que estavam ocupando e queriam fazer o ENEM, naquelas escolas, foi um alívio. Mas nós queríamos na verdade mesmo que o ENEM tivesse sido cancelado. Mas, quando foi feito o ENEM em algumas escolas e outras não, acabou que foi até bom eles terem liberado uma nova data. (LUIS, 2017).

Luís relata um dos momentos em que foram pressionados a desocupar. Os estudantes ficaram divididos e como medida para resolver o impasse, os alunos que eram a favor de desocupar a escola para a realização da prova do ENEM poderiam se desligar da ocupação, já que tinha sido decidido por assembleia que os demais não iriam desocupar. Fica evidente em sua fala a preocupação com o futuro das universidades em relação ao congelamento de gastos com a PEC/55 e ele entende que para se formar em curso superior não basta ingressar na universidade, são necessárias condições para a permanência nela. O ENEM foi adiado nas escolas que estavam ocupadas, o que, segundo Luís, tranquilizou mais as pessoas que iriam fazer o exame.

Quando chegou o ENEM, que o Estadual era uma das escolas de aplicação da prova, inclusive eu ia fazer o ENEM lá, o Marcelo (diretor da escola) nos chamou para conversar e perguntar se iríamos sair para o ENEM acontecer e nós respondemos que não. Quando isso aconteceu, muita gente deixou de ir. Questionamos se eles iriam lutar só até o momento em que não se sentissem beneficiados. Olha se for contar na ocupação inteira se for contar com a lista, devem ter ido umas trezentas ou quatrocentas pessoas, que iam muito em horários diferentes. (MICHELE, 2018).

O Estadual referido na fala de Michele, diz respeito à EEGIP e Marcelo era o diretor da escola. A secundarista acentua que o movimento não deveria ser em busca de benefício próprio e sim coletivo. Mais uma vez podemos entender que se tratam de princípios da cidadania, pensar o coletivo, pensar na igualdade de direitos. A identidade do coletivo foi construída ao longo da ocupação pelos secundaristas. Para Cerri (2011), o espaço que a consciência histórica ocupa nas relações humanas pode ser percebido por diversos elementos, sendo que o principal é a identidade coletiva, ou seja, tudo aquilo que possibilita que digamos nós (e eles).

Outro momento de tensão vivido pelos estudantes foi quando atentaram contra eles durante a madrugada. Conforme relato das secundaristas Maria (2018) e Amanda (2018), em certa madrugada todos que estavam dormindo na escola se assustaram com forte barulho advindo de dentro da escola.

Um dia marcante para mim da ocupação foi o dia que soltaram foguete. Nossa que raiva! Soltou mais de uma vez, três e meia da manhã. Como a Amanda disse, chamamos a polícia, quando eles chegaram lá, eles riram. E no dia seguinte eles foram os meninos que soltaram foram comprar mais, porque tinha um, alguém, não me lembro, que trabalhava na loja onde os meninos foram comprar foguete, eles chegaram a falar que comprar de novo para soltar lá na escola, mas não chegou a estourar. Naquele dia todo mundo saiu correndo e eu continuei dormindo. Todo mundo acordou gritando, com aquele barulhão, eu só olhei, virei para o lado e voltei a dormir, eu estava muito cansada, eu estava muito esgotada. (MARIA, 2018).

Teve uma vez, na verdade foram duas vezes, que estávamos dormindo e a sala ao lado estava praticamente toda molhada, então jogaram um rojão dentro da quadra e a sala que estávamos dormindo era muito perto, então o barulho foi alto. Pensamos que tinham entrado lá, ou que a sala do lado tinha explodido. Ficávamos com muito medo porque passava gente lá xingando, ficamos com medo de entrarem lá. Entramos em contato com a polícia, eles disseram que se alguém entrasse lá que poderíamos acionar eles. Nos recolhemos, chamamos a polícia e relatamos o que aconteceu, mas é um sentimento muito triste porque não acontecia o que ficavam falando lá dentro da ocupação. (MICHELE, 2018).

Nos relatos das estudantes, o desrespeito frente ao movimento secundarista chegou a causar medo. Ao ouvir o barulho do rojão, alguns estudantes chegaram a pensar que parte da escola estava desabando, pois chovia intensamente e a escola, no relato de Amanda, precisava de reforma, havia sala que molhava devido a buracos no telhado.

O que me marcou na ocupação foi a violência que nós sofremos quando soltaram bombinhas durante o dia dentro da quadra. E uma vez, nós estávamos dormindo, à noite, era de madrugada mais ou menos umas três da manhã, quase quatro, soltaram um rojão dentro da quadra. E nesse dia estava chovendo e nós pensamos que tinha caído algum telhado na escola, porque a escola tem muita coisa para reformar, e tinha uma sala que chovia mais dentro do que fora. Pensamos que tinha sido até o telhado da sala que tivesse caído, todo mundo saiu correndo, desesperado, tinha gente que estava chorando, tinha gente que havia esquecido a senha do celular para ligar para polícia. Então, entramos nessa sala e não era nela, um colega nosso foi para o rumo da quadra e quando chegou lá, a quadra estava totalmente tomada por fumaça. Sentimos o cheiro e percebemos que era foguete. Ligamos pra polícia, mas a polícia não nos apoiava. Eles riram, só que pedimos tanto que eles só passaram lá ao redor da escola, mas não chegou nem a entrar lá para perguntar se estávamos bem ou não. E no outro dia quando amanheceu, fui andar ao redor da escola e achei um foguete que eles nem chegaram a estourar, estava intacto, todo molhado porque havia chovido muito. Pensamos que tinha estragado o telhado da quadra porque tinha um furo lá, só que depois perguntamos e o pessoal da escola falou que já tinha aquilo lá, então ficamos sossegados. Estávamos muito cansados, tinha gente que acordava bem “aluado” lá. (AMANDA, 2018).

Mesmo depois do susto, a preocupação foi com a integridade da escola, ao amanhecer foram se certificar se algo tinha estragado. Não foram levados a sério por quem não entendeu o que estava acontecendo politicamente no cenário educacional.

A falta de respeito com os estudantes se seguia por parte de membros da escola EEGIP e também de pais de alunos que estavam insatisfeitos com a ocupação. Com mentiras e ameaças os secundaristas eram pressionados a desocupar a escola.

A Secretaria Regional de Educação não chegou bem a negociar nossa saída. Eles chegavam lá e queriam que nós saíssemos. A negociação era até determinado dia para desocupar e mandavam os menores de idade voltarem para casa. Passavam uns cinco minutos voltava todo mundo. E assim foi. Nessa questão de negociar não teve, eles só chegavam lá e queriam que nós saíssemos. [...] E nós só decidimos desocupar quando um advogado que se dizia estar ao nosso favor mandou uma carta assinada pela juíza ou desembargador, eu não me recordo, dizendo que tínhamos que desocupar a escola, que a polícia ia entrar e tirar todo mundo. E mesmo assim, eu queria bater o pé e não sair, alguns alunos também queriam bater o pé e não sair, mas professores e alunos da UFU falaram que eles achavam que já era a hora, que já tínhamos deixado a mensagem que nós queríamos e agora era deixar correr para ver o que aconteceria. Mas, o grande problema que deixou todo mundo muito chateado, todo mundo estressado na hora, foi realmente quando esse advogado que estava a nosso favor quando estávamos decidindo ocupar e tirávamos todas as dúvidas com ele que, ele se mostrava estar do nosso lado. De repente chega uma carta assinada por ele, dizendo que tinha que desocupar, mostrando que ele estava totalmente contra, jogando totalmente contra. No papel estava dizendo que estávamos usando a escola para usar drogas, para várias coisas e estava assinado por ele. Então, assim, foi uma coisa que atacou a gente que rebaixou a nossa perseverança [...] ficamos ali, meio apreensivos, qualquer um que chegava lá dizendo que queria ajudar, que queria fazer manchete para alguma coisa, já ficávamos meio assim, porque sabia que não podia confiar em mais ninguém. (LUÍS, 2017).

Eu resisti para sair da ocupação porque o primeiro mandato que teve era falso. Mandaram um mandato falso inicialmente para nós, era um que foi mandado para uma escola, acho que para o Polivalente de Uberlândia, não tenho certeza se é o

Polivalente de Uberlândia, e aí eles simplesmente copiaram o documento, mandaram para cá e aí o diretor da escola leu. Fizemos uma reunião com todo mundo, reuniu pais, alunos e ele começou a ler até que descobrimos que tinha uma brecha no documento que não se tratava de Ituiutaba, mas sim de Uberlândia. Chegaram ao ponto de mandar documento de Uberlândia falso para cá como se não fossemos descobrir. Acho que no final estava todo mundo estressado, estava todo mundo já esgotado e aquela questão, se fôssemos ali depois do horário acho que a polícia tinha permissão para entrar e tirar a gente a força e a gente não queria violência, foi um movimento pacífico, foi um movimento de resistência pacífica, meio que queríamos dar uma de Gandhi todo mundo, nada de violência, então optamos por sair. (MARIA VITÓRIA, 2018).

Nos relatos dos estudantes, os secundaristas foram pressionados e a Secretaria Regional de Educação, não chegou a negociar a saída, era mais uma imposição para que eles saíssem. Foram traídos pelo advogado que inicialmente estava a favor do movimento e acompanhou os estudantes por alguns dias, mas concordou com mentiras desferidas contra os secundaristas relacionadas ao uso de drogas na escola. Universitários e professores que ajudavam o movimento secundarista orientaram os estudantes a desocuparem, pois acreditavam que eles tinham passado a mensagem de que se importam e estão atentos às políticas públicas direcionadas a eles na educação.

A estudante Maria relata que tentaram enganá-los com documento falso para que saíssem da escola. Ela faz referência do movimento pacífico a Gandhi, com isso compreendemos que os usos do saber histórico adquiridos com as experiências, sejam elas escolares ou não, fazem parte da vida prática cotidiana dos estudantes. Percebemos a orientação da estudante como operação mental constituinte da consciência histórica, como afirma Cerri (2011), que é o estabelecimento do sentido da experiência no tempo, ou seja, o conjunto dos pontos de vista que estão na base das decisões sobre os objetivos.

No relato abaixo da secundarista Michele, a chegada da ordem de desocupação juntamente com a polícia. Foram intimidados, e mesmo com o apoio de universitários, eles se sentiram pressionados a desocupar e assim o fizeram.

Nós resistimos, na verdade, se dependesse de nós, estávamos lá até hoje. Quando chegou a intimação que era para sairmos, eu não me lembro o dia que chegou, acho que era uma terça-feira se eu não me engano, não, foi numa segunda porque no outro dia nós limpamos a escola, foi polícia, foi o pessoal da Superintendência, que tinha ido lá. Pedimos para a diretora da Superintendência para ir lá nos ouvir, para saber o que estava acontecendo. Eles falaram que não queríamos acordo com eles, não queríamos conversar, falaram que estávamos estragando a escola e isso não era verdade. [...] Falaram que não queríamos acordo, não queríamos conversar com eles e nós estávamos lá só para ouvir eles. (MICHELE, 2018).

A escola ocupada acompanhada de perto era diferente da escola ocupada apresentada nos noticiários de alguns jornais. Vivemos em um período marcado por um fluxo de

informações advindas de diversas fontes, sendo as principais à *internet* e televisão. Na medida em que as pessoas têm acesso a essas informações vão se tornando juízes e protagonistas diários de discursos de ódio, preconceito e intolerância ao que é considerado fora dos padrões morais tradicionalistas da sociedade. Os veículos de informações em massa podem trazer consigo divergências e inconsistências nos conteúdos repassados aos seus expectadores, portanto, reconhecer, analisar e duvidar do está sendo repassado é uma tarefa que poucos fazem. Os estudantes se frustravam com as divulgações negativas do noticiário em nível nacional a respeito da Primavera Secundarista em um sentido geral, isso é perceptível na fala da aluna:

Ficávamos bem tristes com as notícias negativas do noticiário. Dava um peso no coração ver gente falando que éramos “tudo um bando de vagabundo”, que tínhamos que trabalhar, que não tínhamos mais o que fazer, que lá dentro só estava rolando drogas, sexo e várias coisas. É muito ruim porque você está ali na maior boa vontade, você está dando seu melhor e ouve esse tanto de comentário negativo e o pior é que as pessoas que criticavam e falavam isso não iam lá dentro pra ver. Quando eu ouvia alguém falando isso para mim, eu falava assim para ir lá que as portas estavam abertas, que a escola estava aberta todo o dia das sete e meia às dez e meia no horário normal, falava que podia ir e assistir uma aula, estava aberta para todo mundo, e aí eles que não iam lá. Vocês vão criticar uma coisa sem saber? Não tem sentido. Ouvíamos que a ocupação não ia adiantar nada. Em relação à organização aquela escola nunca foi tão limpa. Três horas da manhã a eu estava lavando a escola. (MARIA, 2018).

O que de fato acontecia dentro das escolas ocupadas era reconhecido por quem acompanhou de perto. Defendemos que o trabalho realizado pelos secundaristas durante a ocupação deve ser divulgado com o intuito de apresentar a outra face da escola na perspectiva dos estudantes.

4.4. A escola que reinventamos: a ressignificação do espaço escolar pelos secundaristas

Adentramos no universo juvenil contemporâneo na tentativa de compreender quais são as representações desses jovens na sociedade e, para isso, não podemos deixar de pensar sobre o lugar que ocupam nos espaços públicos e dos usos que eles atribuem a esse espaço. Nos interessa o que esses jovens professam nos espaços de socialização, a forma que constroem suas identidades e suas atitudes que permeiam as manifestações cidadãs. São informações necessárias, que precisamos para compreender que os indivíduos, nessa condição social, possuem subjetividades, que marcam sua trajetória através de suas ações e de como mudam o mundo construindo e moldando esses espaços. Pensando nos jovens como sujeitos históricos, agentes de transformações do lugar que ocupam, seguimos a concepção de Corrêa (2010),

quando ele diz que o espaço público não se trata de um espaço meramente geográfico, tampouco se reduz às instituições políticas: De outra forma:

A concepção aqui proposta define *espaço público* como um espaço *vital*, necessário para cada indivíduo construir, consciente e criativamente, sua identidade seus projetos e seus sonhos, enfim, sua dignidade de sujeito racional, a partir de direitos fundamentais socialmente reconhecidos. (CORRÊA, 2010).

A inclusão de jovens nos espaços públicos é uma forma de contribuir para a formação de sua identidade, ganhar visibilidade através de representações sociais de múltiplas maneiras, através de manifestações políticas, expressões artísticas e até mesmo resenhas ocasionais, definindo assim os diversos usos do espaço público. Dessa forma, revelam suas multiculturalidades. Com isso definem sua posição como pessoas livres, ativas e capazes de ocupar seu lugar para que, ao chegarem na vida adulta não sejam inseridos ou impostos em algum lugar específico, quando na verdade já o têm. Assim prevê o Estatuto da juventude ao propor a inclusão do jovem no espaço público:

Art. 4º - O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude. Parágrafo único. Entende-se por participação juvenil: I – A inclusão do jovem nos espaços públicos e comunitários a partir da sua concepção como pessoa ativa, livre, responsável e digna de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais. (BRASIL, 2013, p.27).

Dessa forma, podemos perceber representações sociais e recriações dos espaços moldados pela juventude através das múltiplas culturas juvenis, quando essas formas de expressão estão expostas por meio de várias expressões, ou seja, nas vestimentas, cabelos e acessórios, estilos musicais, entre outros, pois eles querem visibilidade. Desse modo, uma resenha na porta da escola, as músicas mais tocadas e ouvidas por esse público que é foco da cultura de consumo, uma passeata contra medidas governamentais, as ocupações de escolas públicas, são atos que se configuram como exercício de cidadania. para Corrêa (2010), “a cidadania, com isso, passa a ser entendida como um processo, dinâmico e conflitivo, de construção desse espaço público anteriormente citado”. Essas representações ficaram evidentes no cotidiano das ocupações através das atividades realizadas pelos secundaristas e a socialização entre eles, a saber, a escola “reinventada” durante a ocupação da EEGIP. O tempo de interação entre os jovens no espaço público é o seu tempo livre que é dispendido para outras atividades. Nesse caso escola como espaço público formal, durante as ocupações se tornou palco de ações de jovens estudantes que modificaram as representações da normatividade do espaço escolar.

Partindo da ideia de “reinvenção do espaço escolar”³¹ (Franco, 2017), as atividades promovidas pelos secundaristas podem ser consideradas uma ressignificação para o sentido atribuído à escola. Para além das aulas curriculares propedêuticas, outras atividades deram um novo sentido para os usos que podem ser atribuídos ao espaço escolar e escapam da normatividade da instituição de ensino.

A escola convencional para a escola da ocupação tem muita diferença! Toda diferença! Por onde começamos? Vamos começar com o básico, primeiro é que não tínhamos o padrão de cadeira enfileirada, sentávamos em roda e todo mundo se via, era melhor para ter contato com outros alunos. Segundo, que são as disciplinas nós tivemos porque fugiu daquele automático. Nós tínhamos aula? Tínhamos aula normal, mas tinha muita roda de conversa, palestra, cinedebate, coisas que são muito importantes, não só passarmos no vestibular, mas coisas que são importantes pra vida. Então, teve muita diferença porque ali não construímos só conhecimento necessário para passar no ENEM, para passar no vestibular, construímos um conhecimento necessário, além disso, porque vimos muita matéria para isso, tivemos muitas aulas específicas voltadas para o ENEM, mas também tivemos muitas aulas voltadas para vida, coisa que contribuiu muito, enriqueceu muito a gente. (MARIA VITÓRIA, 2018).

Maria considera a experiência da ocupação enriquecedora. Durante as semanas da ocupação, o conhecimento foi construído através de um processo elaborado pelos secundaristas de forma dinâmica e fora dos padrões da escola tradicional. Para ela o aprendizado não se deu apenas para o vestibular, mas para a vida a partir das rodas de conversa e debates em torno de temas atuais relacionados à realidade social. Para Young (2007), o tipo de conhecimento que a escola deveria proporcionar tem que estar relacionado a uma nova forma de ver o mundo, e que o aprendizado que se tem decorre do conhecimento que se é instruído. Nesse sentido, ele traz contribuições consideráveis a respeito do conceito genérico de conhecimento:

Ao usar a palavra “conhecimento” em termos gerais, considero útil fazer uma distinção entre duas ideias: “conhecimento dos poderosos” e “conhecimento poderoso”. O “conhecimento dos poderosos” é definido por quem detém o conhecimento. Historicamente e mesmo hoje em dia, quando pensamos na distribuição do acesso à universidade, aqueles com maior poder na sociedade são os que têm acesso a certos tipos de conhecimento; é a esse que eu chamo de “conhecimento dos poderosos”. Assim, precisamos de outro conceito, no enfoque do currículo, que chamarei de “*conhecimento poderoso*”. Esse conceito não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, embora ambas sejam questões importantes, mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo. Também é isso que os pais esperam, mesmo que às vezes inconscientemente, ao fazerem sacrifícios para manter seus filhos na escola. Esperam que eles adquiram o conhecimento poderoso, que não é disponível em casa. (YOUNG, 2007. p. 1294).

³¹ A reinvenção do espaço escolar foi percebida através de um trabalho realizado pela professora Alexia de Padua Franco, da UFU, em pesquisa realizada nas ocupações secundaristas de Uberlândia-MG em 2016. A pesquisa ainda não foi publicada.

Estudar temas atuais de cunho social e político é uma forma de despertar interesse nos jovens sobre questões que estão aquém da democracia brasileira e que representam uma forma de se colocar na sociedade, como cidadão que se preocupa com as decisões políticas do Estado. Acreditamos que o ensino médio deveria possibilitar de forma mais enfática essas questões no currículo. De forma autônoma, os secundaristas buscaram desenvolver algumas dinâmicas nesse sentido.

FIGURA 18 - Roda de conversa realizada na ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: organização da ocupação

FIGURA 19 - Roda de conversa durante a ocupação na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

Nas figuras 18 e 19, os alunos reunidos em rodas de conversa e debates revelam que a sala de aula pode ser mais do que sentar em cadeiras e fazer atividades escritas, ou seja, com cooperação e organização pode ser um espaço dinâmico de interação, diálogo e construção mútua de conhecimento e troca de saberes.

A escola da ocupação tem muita diferença da escola convencional. Na nossa resistência aprendemos fazer nossos próprios horários, não tinha aquele horário padrão. Nós não saíamos da escola onze e meia, tínhamos aula até meio dia. Depois de meio dia tínhamos nosso almoço, e voltávamos a ter aula. Final de semana tinha aula também. Tinha aula de reconhecimento, não era aquela aula dentro de sala com o professor, mas com oficina que chegava um conhecimento legal para nós. Aula prática, tivemos aula prática de Geografia, quando estudamos solo, foi muito legal, porque no ensino normalmente só vemos *slides*, com uma professora da UFU, que foi dar aula de solo, foi uma aula prática. Íamos montar uma horta com ela, só que não deu tempo, deixaríamos uma horta pra escola. E o diretor também não era muito a nosso favor. Era para fazer a horta lá e tinha que ter autorização dele e sempre que íamos conversar com ele fugia do assunto e nunca dava a posição se podia fazer ou não. (AMANDA, 2018).

Com a autonomia, vieram também as responsabilidades. Os secundaristas cumpriam os horários e sabiam que estava em jogo algo maior do que a falta das aulas tradicionais. Os estudos tinham que continuar, inclusive aos finais de semana, conforme relata Amanda. Pensavam em algo para que ficasse permanente na escola, mas não conseguiram sem o apoio da direção. A ocupação instigou os estudantes a uma releitura de mundo, permitindo aos jovens estudantes a compreensão da realidade da sociedade na qual estão inseridos para que se possa construir conceitos e desenvolver habilidades – leituras, elaboração do pensamento crítico, produzir argumentos que contribuem para a formação histórica e exercício de práticas cidadãs.

A reprodução de culturas juvenis no espaço escolar foi identificada em diversas atividades na ocupação e foi um dos pontos marcantes do movimento secundarista. Como a música presente nos intervalos entre uma aula e outra, disputa de *rap*, despertando, dessa forma, o lado artístico cultural dos estudantes.

FIGURA 20 - Atividade recreativa educativa durante a ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

A figura 20 registra o momento de atividade cultural na ocupação em vários momentos registrados em imagens. Podemos identificar que havia a presença de algum adulto participando com os secundaristas.

A diferença da escola convencional para a escola que nós criamos e que a escola convencional é cheia de rótulos, você não pode isso, você não pode aquilo, você tem que ir vestido assim, você tem que ter comportamento x. A escola que “reinventamos”, você pode ir do jeito que você bem entender deixando respeito, o momento que você está lá é o que você escolhe, e o conhecimento que você adquire por estar lá e sem rótulo, sem pressão, sem ninguém falando o que você deve ou não fazer é muito mais fácil porque você está ali só para aprender. Você está num lugar muito mais liberal, você está num lugar com uma paz muito maior, você está numa tranquilidade que você consegue captar bem o mais o professor, o que ele quer te falar. Porque na escola que nós temos hoje, você está lá na sala com todo mundo bonitinho, vestido com a mesma roupa, igualzinho, sentado um atrás do outro escutando o professor falar, muitas vezes só de você estar ali naquele horário falando determinado assunto o aluno não dá muita bola, às vezes o professor também não está muito interessado. E na escola que “reinventamos” os alunos estavam ali em volta, eles estariam ali se eles quisessem, se achassem interessante aquilo para eles, então eu acho que esse foi um ponto, uma coisa que viu que dá resultado, porque eu aprendi muito, o meu senso crítico e o meu senso político cresceu bem mais depois da ocupação, eu aprendi muita coisa ali. (LUÍS, 2017).

O empoderamento estudantil com as ocupações secundaristas permitiu a ressignificação do próprio aluno do que é “ser aluno”. Na fala de Luís percebemos que o reconhecimento da importância dos estudos não está atribuído à pressão da família ou da comunidade escolar, mas na compreensão de estudante de que é uma forma de se almejar um futuro melhor. Quando o espaço é agradável, acolhedor, a construção do aprendizado se torna mais instigante. Respeitar as diferenças entre os jovens é um dos principais elementos para que se sintam atraídos pelo espaço, reconhecer que não são iguais, são múltiplos e podem se expressar sem julgamentos.

FIGURA 21 - Atividade recreativa educativa durante a ocupação da EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

A figura 21 registra um momento de descontração e interação entre jovens na EEGIP. A prática do lazer fazia parte da rotina dos ocupantes, era considerada como uma atividade recreativa educativa, pois tinha horário e constava no cronograma de atividades. Não era algo aleatório, improvisado. Era pensado e a maioria era realizada com a parceria de professores. Em relação ao lazer das juventudes Brenner; Dayrell; Carrano (2005) elucidam que:

Na prática do lazer, os indivíduos buscam realizar atividades que proporcionem formas agradáveis de excitação, expressão e realização individual. As atividades de lazer criam uma certa consciência de liberdade ao permitir uma fuga temporária à rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais. (p. 177).

As atividades recreativas se tornaram um incentivo para os estudantes frequentarem as escolas fora dos horários de aula normal. A prática de esporte se tornou mais corriqueira, era inserida no cronograma e tinha o apoio de professores e universitários voluntários. Abaixo Michele relata o interesse dos estudantes pelo esporte e também sobre as dificuldades de

possibilitar a realização da prática, pois não dispunham de materiais, somente o que conseguiram da comunidade que apoiava a ocupação.

Nós fazíamos os cronogramas. Colocávamos roda de conversa porque tinha gente que falava que estava muito só com aulas normais, tinha que mudar, conversávamos muito com os meninos. O Hebert, que era professor do Nacional, tem um grupo de *Rugby* que ele levava para lá para ensinar para os meninos, então tentávamos não deixar só muito com aulas tradicionais, porque era um espaço livre. Tivemos até a ideia do campeonato de futebol da ocupação, porque tinha muito aluno que participava dos jogos estudantis da escola e praticamente ia para lá para jogar futebol. Então, pensamos em aproveitar isso. Às vezes nós colocávamos alguns horários para praticar esporte. Não podíamos usar nada da escola, então tínhamos que procurar e aí alguém arrumava a bola e também contamos com o apoio dos meninos da educação física da UEMG que ficaram lá conosco. Então fazíamos isso para não ficar só na teoria. (MICHELE, 2018).

FIGURA 22 - Atividade recreativa educativa na EEGIP durante a ocupação em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

Na figura 22 podemos observar a prática esportiva realizada na quadra da EEGIP durante a ocupação. Os alunos estão uniformizados e não estão com vestimentas apropriadas

para a atividade física por que as atividades recreativas aconteciam no intervalo das aulas, e o tempo era curto.

FIGURA 23 - Atividade recreativa educativa na EEGIP na ocupação em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

A figura 23 registra as aulas de capoeira aconteciam na quadra da EEGIP e aconteceram com parceria de um grupo de capoeira da cidade que se disponibilizou para contribuir com a atividade cultural nas ocupações. Esses momentos envolveram a prática, o conhecimento e reconhecimento da importância cultural dessa atividade, como processo histórico da formação multicultural do brasileiro, com as diversas matrizes culturais presentes no país, principalmente a afrodescendente.

FIGURA 24 - Atividade recreativa educativa na EEGIP em Ituiutaba-MG (2016)



Fonte: Organização da ocupação (2016)

A figura 24 registra a atividade relacionada à descontração, movimento do corpo e saúde mental com as aulas de dança.

Tínhamos uma professora de Biologia que ela dá aula de dança, ela ia lá. No sábado colocávamos no cronograma, coisas além das aulas tradicionais, então tinha jogos, dança. Ano passado, quando eu tive contato com a escola, ficamos sabendo que agora no sábado eles também colocaram isso. (MICHELE, 2018).

Assim como as aulas de dança outros trabalhos dos secundaristas realizados durante a ocupação continuaram a ser feitos na escola depois que os secundaristas desocuparam. Inclusive trabalhos que não foram permitidos durante o movimento secundarista, foram realizados depois.

Eu falo que se fosse para pegarmos a escola reinventamos na ocupação, daria tanta coisa. Minha irmã agora estuda no Estadual ela está fazendo o ensino médio, muitas coisas que aconteceram na ocupação eles pegaram. Tinha um microfone e uma caixa de som que os meninos levaram e brincávamos de rádio lá nos intervalos, às vezes os meninos cantavam. E hoje na escola tem uma rádio. Então os meninos que participam dessa modalidade de dança lá, eles foram apresentar em outras escolas. Tinha dois projetos que queríamos colocar na escola. Um, era junto com o pessoal da geografia da UFU, porque o Estadual tem uma área verde muito grande e estava com muito capim alto e pensamos em construir uma horta. Porque qualquer professor pode trabalhar. Professor de Biologia ou Geografia pode trabalhar lá, só que o diretor não aprovou, ele disse que daria muito trabalho, mesmo falando que nós mesmos que iríamos fazer, mas ele não aprovou. O outro projeto que queríamos desenvolver, era numa parede lisa enorme que tinha lá, queríamos trabalhar com artes nela. Pensamos

em pichar a parede usando o grafite, o professor de artes, o Alysson deu total apoio, conseguimos contato com os meninos que trabalham com isso e o Marcelo (diretor da escola) não aprovou. E hoje toda aquela área que pensamos, os meninos fazem esse trabalho nela, no sábado. Tem até o desenho daquelas asas que o povo fica tirando foto e os próprios alunos fizeram isso. Ficamos muito felizes em saber que a gente planejou, os professores que ficavam lá com a gente trouxeram isso para a escola. Tanto que falamos entre nós que agora que queríamos fazer o terceiro ano. Ficamos muito felizes porque a escola trouxe um pouco do que vivenciamos. Toda a ocupação para mim foi marcante. (MICHELE, 2018).

Os secundaristas entrevistados consideram as ocupações marcantes em suas vidas e julgam ter cumprido um papel cidadão na luta por direitos a uma educação pública e de qualidade. Ao mesmo tempo buscaram construir na escola um espaço versátil, que atendia as necessidades escolares e as necessidades sociais de interação, comunicação e expressão cultural. Podemos considerar a ação dos secundaristas como a humanização da escola, seguindo o pensamento freiriano:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. (FREIRE, 1967. p. 43).

Consideramos a ocupação uma experiência que contribui para o exercício da cidadania, formação da identidade coletiva e formação histórica a partir do reconhecimento da consciência histórica inerente aos estudantes, a capacidade de se orientar no tempo, notadamente em suas narrativas. A realidade vivida pelos estudantes durante as ocupações foi permeada de conhecimento, alegrias, conflitos, tensões e muito aprendizado com todas essas experiências. A escola reinventada por eles traduz o que os jovens estudantes esperam da escola e nos leva a refletir que a instituição pertence a eles e às suas necessidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados ao longo da investigação proposta neste trabalho nos orientaram a pensar de que forma a experiência dos jovens secundaristas como protagonistas das ocupações contribuiu para a formação histórica e a formação cidadã crítica, implicada no processo de vivenciamento com questões voltadas para as políticas públicas da educação, a autonomia para realização de atividades e a autogestão escolar estabelecida por eles. Primeiramente procuramos compreender o contexto sócio-político brasileiro durante o período de 2013 a 2016 para situarmos a crise que permeava o cenário brasileiro o que gerou controvérsias a respeito da legitimidade do governo federal em 2016 e a oposição a mudanças propostas para a área da educação. Além de evidenciarmos uma divisão social ideológica entre a população com declinação de um lado para tendências conservadoras reveladas através de discursos de ódio contra as minorias proferidas em redes sociais. Esse foi um dos enfrentamentos dos estudantes durante as ocupações, por terem sido hostilizados e desacreditados em vários momentos por classes conservadores que deslegitimavam o movimento secundarista.

O engajamento dos estudantes secundaristas jovens ituiutabanos da ocupação da EEGIP contra a PEC/55, a MP/746 e o Escola sem Partido nos permitiram uma reflexão acerca do lugar dos jovens no exercício cidadão, na luta pelo direito a uma educação pública, gratuita e de qualidade. Ao se posicionarem contrários ao desmantelamento da educação, como corte de verbas dispendidas para a área, nota-se o comprometimento com o processo de formação escolar para escolhas futuras no mercado de trabalho e no ingresso ao curso superior. Notamos nas narrativas dos colaboradores da pesquisa a preocupação com o futuro e o desejo de uma formação efetiva a fim de possibilitar uma concorrência amplamente mais justa para o ingresso no curso superior, bem como sua permanência na universidade.

Entendemos o envolvimento dos estudantes nas ocupações como um desejo de visibilidade para a juventude estudantil, por serem os principais envolvidos no processo de educação escolar. Demonstram o desejo de serem reconhecidos como sujeitos participantes na organização escolar. Consideramos que as atividades realizadas e o empenho dos secundaristas evidenciam o desejo de mudanças no cotidiano escolar, demonstram o desejo por uma escola que permita mais autonomia dos estudantes nas atividades desenvolvidas no cotidiano. Entendemos que há um desejo de se romper com métodos tradicionalistas de ensino e a inserção de práticas mais dinâmicas, criativas e coletivas na sala de aula. Isso nos leva a pensar que o problema, de acordo com as narrativas, não é o fato de terem que ir para a escola, mas sim ter que frequentar uma escola com padrões conservadores que impedem a manifestação das

expressões juvenis inerentes aos jovens estudantes. Nesse sentido, defendemos um ensino médio que possibilite aos jovens estudantes uma formação escolar plena e a possibilidade de liberdade de expressão das muitas culturas juvenis no espaço escolar para que possa contribuir com o processo de formação da identidade dos jovens. Como identificado nas narrativas, os secundaristas ressaltam os desafios de ser jovem, em particular de serem jovens estudantes do ensino médio, e que precisam conviver com inúmeras dúvidas e incertezas sobre o futuro devido às poucas condições financeiras que os impedem de garantir uma melhor qualificação para o mercado de trabalho e ingresso na universidade. Portanto, aderiram ao movimento estudantil com a esperança de garantir o direito a uma educação gratuita e de qualidade, mesmo que a longo prazo usufruam as próximas gerações.

As estratégias de mobilização dos secundaristas participantes da EEGIP, notadamente foram inspiradas em ocupações que já haviam acontecido no país e também no Chile. Nesse sentido, entendemos que os usos de experiências passadas utilizadas pelos estudantes fazem parte do processo de sua formação histórica, implicada no sentido de uma orientação temporal que vê nas experiências anteriores a oportunidade de se pensar em respostas para questões atuais visando um futuro melhor. A prática de pensar o mundo a partir dos processos que vão acontecendo ao longo do tempo é possível a partir do desenvolvimento da consciência histórica do indivíduo. Se no início da pesquisa tínhamos como hipótese a possibilidade de uma formação histórica dos estudantes durante a ocupação, a investigação realizada a partir de suas vozes nos permitiu identificar evidências que ao serem instigados a uma releitura de mundo, a partir do envolvimento em um processo de luta pelos direitos constitucionais, os estudantes precisam de uma série de informações acerca das pautas adotadas pelo movimento. Dessa forma, as questões históricas estão implícitas no processo da busca pelo conhecimento das razões das mudanças propostas e das possíveis consequências, caso se efetivem. Entendemos essa busca pelo conhecimento de forma autônoma como uma função cada vez mais necessária que permite ao jovem a compreensão da realidade da sociedade na qual estão inseridos para construir conceitos e desenvolver habilidades – leituras, elaboração do pensamento crítico, produção de argumentos que contribuam para a formação histórica e exercício de práticas cidadãs. Questionar os fatos, tentar mudar a realidade a partir de lutas que são heranças de grupos passados é forma de se orientar no tempo e perceber que nossas ações são necessárias e fundamentais para se obter a transformação que se almeja no meio em que vivemos. A ação dos jovens estudantes foi uma demonstração de exercício cidadão, e de como o título de eleitor é mais que um documento, é uma forma de eleger representantes políticos que cuidem dos

interesses do povo de forma justa, para que a oportunidade de se buscar melhores condições seja dada a todos e que a falência dos serviços públicos seja recuperada.

Como pesquisadores no âmbito da educação, acreditamos que nossa pesquisa no campo educacional pode contemplar o que os estudantes do ensino médio pensam sobre a escola, seus desejos de mudanças e a necessidade da visibilidade em assuntos direcionados a políticas públicas sociais voltadas para a educação. Dessa forma, destacar o conhecimento que trazem consigo a partir de suas próprias experiências, criatividade, expressões culturais e suas identidades. Os resultados dessa investigação nos permitem pensar sobre as necessidades de se renovar nossos métodos como profissionais docentes, repaginar nossas falhas e resistir à mera formação mercadológica que pode vir a mudar o cenário educacional e propiciar aos alunos uma formação humana voltada para a compreensão de nossa estrutura social, que ainda segue sob o controle do Estado.

Quando o conhecimento se torna o principal fator de produção em que a escolaridade indica totalmente o papel que o indivíduo irá exercer na sociedade, o campo da educação se torna um terreno movediço, um jogo de interesses em favor da dinâmica capitalista da sociedade. Cabe à comunidade escolar promover uma educação que proporcione um espaço que permita aos alunos do ensino médio uma participação mais efetiva em seu próprio processo de formação a partir de seus desejos, anseios, sua criatividade e suas várias representações culturais no espaço escolar. Nessa perspectiva, a finalidade da participação dos estudantes em movimentos que evidenciam a luta pelos direitos é formar cidadãos críticos e responsáveis, capazes de compreender a complexidade e tomar parte do debate democrático, bem como a partir da experiência, contribuir para sua formação histórica. Entendemos que essas experiências estejam ligadas às questões que interessam à sociedade em compreender e transformar a realidade política, social, cultural, religiosa e em outros aspectos, construir um mundo com um pouco mais de equidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2005. 447 p.

ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo, cultura e sociedade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 3. p. 59-92. Tradução de Maria Aparecida Baptista.

_____. Currículo, poder e lutas: com a palavra, os subalternos. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. Ideologia e Currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARROIO, Miguel. Repensar o Ensino Médio: por que? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla. (orgs.). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 53-74. 339 p. ISBN 978-85-423-0070-3

BARCA, Isabel. O pensamento histórico dos jovens – ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica. Braga (PT): Universidade do Minho, 2000.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. Magia e técnica, arte política. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BIANCHI, Alvaro. O que é um golpe de Estado? Disponível em: <<http://blogjunho.com.br/o-que-e-um-golpe-de-estado/>>. Acesso em: abr. 2017.

Bom MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pergunta a várias mãos: do número ao nome, do caso à pessoa, da solidão à partilha. São Paulo: Cortez, 2003, p. 31-66.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Secretaria Nacional da Juventude. Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p.

BRASIL, Rede Federal. Instituições da Rede Federal: de educação profissional, científica e tecnológica. 2016. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/instituicoes>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRASIL. Secretaria da Educação: consulta escolas. 201. Disponível em: <<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas-java/pages/paginas/infraestrutura/infraestruturaOutrosNiveis.jsf?windowId=f70>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRASIL. Defensoria Pública da União. Cartilha. Garantia de Direitos em Ocupações de Instituição de Ensino: Conheça e saiba proteger seus direitos. Brasília: Ascom, 2016. Disponível em: <http://www.dpu.def.br/images/stories/arquivos/PDF/cartilha_ocupacoes.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2018.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? Educação & Sociedade, [s.l.], v. 28, n. 101, p.1287-1302, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302007000400002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000400002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; CARRANO, Paulo. Formas e conteúdos da participação de jovens na vida pública. Proposta: Rio de Janeiro, v. 115, p. 66-71, 2008.

BUCCI, Eugênio. A forma bruta dos protestos: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, Cotidiano e Cultura(s): Uma aproximação. Educação & Sociedade. Campinas, SP, v. 23. n. 79, 2002.

CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; SPOSITO, Marília P. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. Perspectiva, UFSC, v. 35, p. 395-421, 2017.

_____. Jovens em três tempos: mobilizações no Brasil ontem e hoje. COMCIÊNCIA, UNICAMP, v. 1, p. 1, 2015.

_____; Alves, N. Jovens em tempos de web 2.0. Presença Pedagógica, UEM, v. 18, p. 74-79, 2012.

_____. A participação social e política no Brasil: considerações sobre estudos recentes. O Social em Questão, PUC RIO, v. 27, p. 83-100, 2012.

_____; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Educação, UFSM, v. 36, p. 23-56, 2011.

_____. Juventude e políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 24, p. 16-39, 2003.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea, 2011. (FGV de Bolso) (Locais do Kindle 813-818). Edição do Kindle.

_____. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. Revista de História Regional, S.I., v. 2, n. 15, p.264-278. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2380/1875>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

_____. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. Revista de História Regional. Ponta Grossa-PR, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.

CHAVES, Luciana Domingues. Produção do espaço urbano e mercado imobiliário [manuscrito]: a oferta de terrenos não edificados e imóveis residenciais urbanos em Ituiutaba-MG. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Geografia, Unidade Acadêmica Especial de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6775/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Luciana%20Domingues%20Chaves%20-%202016.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: grupo de pesquisa Narrativa e Educação de professores ILLEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CORREA, Dacísio. Estado, cidadania e espaço público: as contradições da trajetória humana. Ijuí: Unijuí, 2010. 456 p.

CRUZ, H.; PEIXOTO, M. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: Projeto História. São Paulo, n. 35, 2007, p. 1- 411, dez. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2221/1322>> Acesso em: 12 abr. 2018.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc. Campinas*, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13 out. 2018.

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, [s.l.], n. 24, p.40-52, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782003000300004>. Acesso em: 13 set. 2017.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 24, p. 40-51, 2003, p. 5-14.

_____; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 342 p. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

FRANCO, Isaura Melo; SOUZA, Sauloéber Tarcio de. A juventude estudantil representada na imprensa escrita de Ituiutaba-MG (anos de 1950 e 1960). *Emblemas - Revista do Departamento de História e Ciências Sociais - UFG/CAC*. v. 8, n.1, p.93-112. 2011.

FREIRE, Paulo. *Conscientização – Teoria e Prática da Libertação*. 3. ed. São Paulo, Editora Moraes, 1980.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações e protestos no Brasil: Correntes e contracorrentes na atualidade (Questões da nossa época)*. Cortez Editora, 2018. Edição do Kindle.

_____. *Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

González REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido. Disponível em:
http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Manoel_Luiz_Salgado_Guimaraes.pdf Acesso em: 29 set. 2011.

HARVEY, David et al. Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Tradução de Carlos N. Coutinho e Leandro Konder. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. 169 p.

KUENZER, Acacia Zeneida. Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais neoliberais e escola: uma qualidade de educação restrita e restritiva. In: Políticas educacionais neoliberais e escola pública. Organizadores José Carlos Libâneo e Raquel A. Marra da Madeira Freitas. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018. p. 45-89.

MARICATO, Ermínia. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.

_____; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDONÇA, Jacqueline Aparecida. A construção do pensamento histórico e das identidades juvenis: um estudo com jovens de 8ª séries do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. *Historia y Memoria de la Educación* 1, 2015 p. 23-58.

<https://doi.org/10.5944/hme.1.2015.14111>

NÓVOA, António; GANDIN, Luís Armando, ICLE, Gilberto, et. al. Pesquisa em Educação como Processo Dinâmico, Aberto e Imaginativo: uma entrevista com António Nóvoa. *Educação & Realidade* [en línea] 2011, 36 (Mayo-Agosto): [Fecha de consulta: 18 de enero de 2019] Disponível em: <<http://redalyc.org/articulo.oa?id=317227057004>> ISSN 0100-3143 Acesso em: 02 de dezembro de 2018.

_____. Se fosse brasileiro estaria indignado com a situação da educação. *Carta Educação*. 28 de mar. De 2017 Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/se-fosse-brasileiro-estaria-indignado-com-a-situacao-da-educacao/> Acesso em 19 de dez. de 2018.

PAIS, José Machado. Pesquisa acadêmica, vida cotidiana e juventude: desafios sociológicos. 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed: 2006.

_____. *Consciência histórica e identidade*. Oeiras: Celta, 1995.

PENSARES. Direção de Tomil Gonçalves. Realização de Leila Richers. Rio de Janeiro: Multirio, 2017. (26 min.), P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GRzUMDaaNEk>>. Acesso em: 03 maio 2018.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, S.i., v. 00, n. 02, p.163-2009, mar. 2009. Tradução: Valdei Araujo e Pedro S. P. Caldas. Disponível em:

<<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12/12>>. Acesso em: 03 maio, 2018.

_____. Jörn Rüsen e o Ensino de História. In: SCHMIDT, BARCA, MARTINS (Orgs.). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

_____. História Viva – teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2010.

_____. Razão Histórica – teoria da história: fundamentos da ciência da história. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Boaventura Souza; CHAUI, Marilene. Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Rogério Chaves. MATRIZ DISCIPLINAR DE JÖRN RÜSEN: uma reflexão sobre os princípios do conhecimento histórico. *Rev. Dossiê História e Literatura*. v. 8, n. 11, 2011.

Silva JUNIOR, Astrogildo Fernandes. Identidades e consciência histórica de jovens estudantes e professores de história: um estudo em escolas no meio rural e urbano. Tese (doutorado). Faculdade em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2012.

_____. Saberes e práticas de ensino de História em escolas rurais (um estudo no município de Araguari, MG, Brasil). Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2007.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, S.i., v. 00, n. 00, p.353-360, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/02.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2018.

SPOSITO, Marília Pontes (Org.). Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 13-42.

VICENTE, Martin Maximiliano; VERSUTI, Delmondes Christiane. Invasão ou ocupação? Questionamentos nas redes sociais sobre os termos utilizados nas manchetes da Folha Online relativos ao movimento Não Fechem Minha Escola, sob a ótica da Media Literacy Razón y Palabra, v. 21, n. 97, abril-junio, 2017, p. 459-474 Universidad de los Hemisferios Quito, Ecuador. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1995/199552192024.pdf>> Acesso em: 04 de setembro de 2019.

WAILSELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência: homicídios por armas de fogo, 2016. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR); Secretaria do Governo da Presidência da República, Secretaria nacional da Juventude (SNJ). Brasília: Flacso Brasil, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/participatorio/docs/livro_02_de_fevereiro_de_2017_atuali>. Acesso em: 04 maio, 2018.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? Educação & Sociedade, [s.l.], v. 28, n. 101, p.1287-1302, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302007000400002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000400002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 abr. 2018.

APÊNDICE I

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Slide 1

QUEM SOMOS???

Questões orientadoras que caracterizam os estudantes

- Nome
- Idade
- Escolaridade
- Foi ou é aluno trabalhador

Para você, o que é ser jovem?

Nesse momento o sujeito colaborador se apresenta.

Slide 2

Por que ocupei minha escola?

O que motivou você a ocupar a escola?

Slide 3

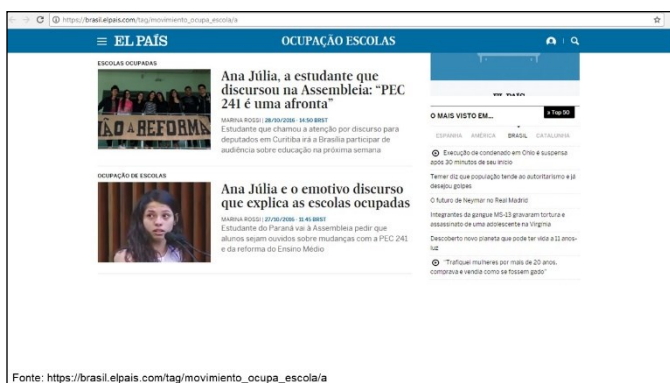
The screenshot shows a news article from EL PAÍS with the following content:

- Reforma do Ensino Médio reacende mobilização um ano após ocupações em São Paulo**
16/05/2018 | 16/05/2018 - 15:09:00
 Após barrar reorganização escolar de Alckmin, secundaristas discutem voltar a ocupar as escolas contra mudança proposta por Temer. No Paraná, passam de 200 os colégios ocupados.
- ESCOLAS OCUPADAS**
Secundaristas no Paraná ocupam 300 escolas contra reforma da gestão Temer
16/05/2018 | 16/05/2018 - 15:09:00
 Governador tenta mostrar comprometimento ao lidar com a crise após massacre de professores em 2015.
- MICHEL TEMER**
Especialistas preveem retrocesso na educação com ajustes de Temer
16/05/2018 | 16/05/2018
 Plano Nacional de Educação está comprometido com

Fonte: https://brasil.elpais.com/tag/movimiento_ocupa_escola/a

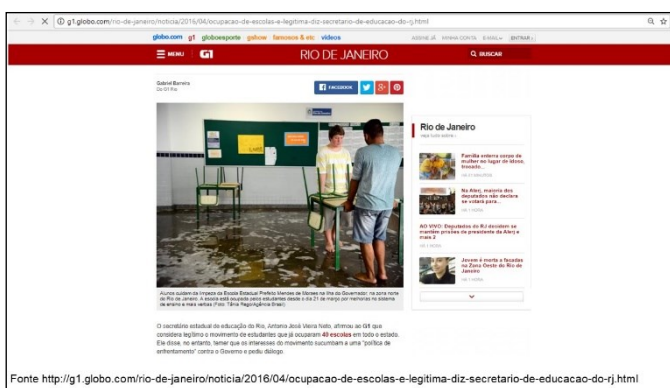
Notícias como essas remetem a vocês o quê, em relação a ocupação? Essa quantidade de escolas que foram ocupadas impactou vocês?

Slide 4



O que vocês acharam do discurso da Ana Júlia? Vocês tiveram as mesmas pautas para a ocupação na escola de vocês?

Slide 5



Essa reportagem remete a algo que se parece com a ocupação de vocês? O que acham dessa notícia?

Slide 6



Essa foi a primeira escola ocupada em Ituiutaba. Qual foi a relação de vocês com o pessoal da Escola Estadual Tônico Franco, já que vocês vieram a ocupar depois?

Slide 7



De acordo com a reportagem, vocês ocuparam a escola por causa da PEC 241, foi apenas por isso?

Slide 8



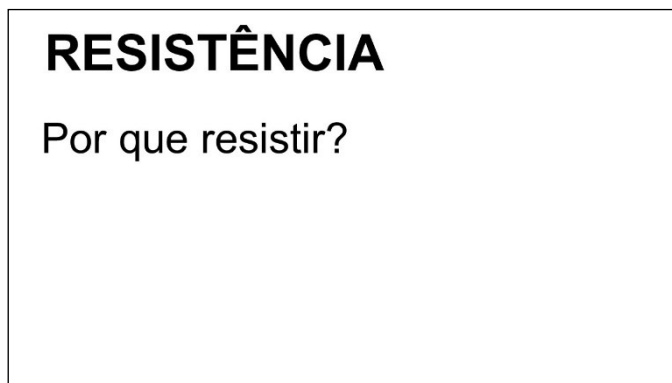
Gostaria que vocês falassem um pouco sobre o comprometimento da realização do ENEM, devido as ocupações e o fervor dos alunos que estavam em vias de fazer a prova.

Slide 9



A página do Facebook do “Realidade Ituiutabana” apresenta um cronograma de atividades que vocês realizavam durante as ocupações. Gostaria que vocês falassem sobre essas atividades.

Slide 10



Por que resistir?

Slide 11



Fonte: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/10/pais-e-alunos-reivindicam-contra-ocupacoes-de-escolas-em-uberlandia.html>

Slide 12

- Cerca de 20 pessoas foram ao Fórum de Uberlândia nesta segunda-feira (24), são pais e alunos que reivindicam a desocupação das escolas estaduais e o retorno das aulas. **O movimento começou no último dia 18.** Os estudantes protestam principalmente contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 e a Medida Provisória 746, **que prevê mudanças na educação do país.**
- As ocupações nas escolas estaduais de Uberlândia começaram na última terça-feira (18). De acordo com o superintendente Regional de Ensino de Uberlândia, Jakes Paulo dos Santos, 21 escolas estão ocupadas na cidade. Segundo a Superintendência Regional de Ensino **mais de 22 mil alunos estão sem aulas.** Alunos e ex-alunos se instalaram nas unidades. Durante o ato, eles usaram cartazes. Um grupo chegou a utilizar a cozinha da entidade para preparar alimento para os participantes.

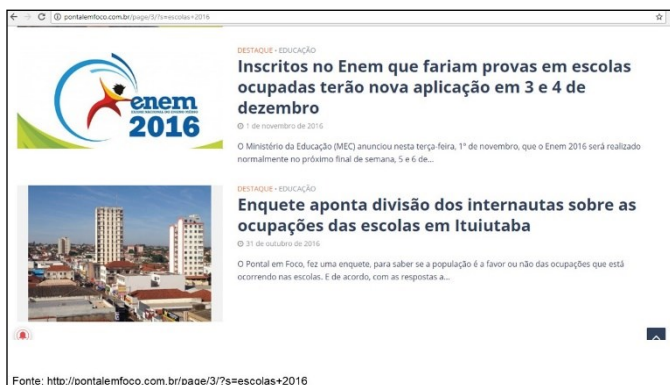
O slide 12 mostra o conteúdo da reportagem do slide 11. Qual a reação que vocês tiveram e/ou ainda têm, em relação a essas reportagens com teor negativo em relação ao movimento?

Slide 13



Essa reportagem fala da contraofensiva que os secundaristas de escolas ocupadas no Paraná sofreram com os participantes do Movimento Brasil Livre (MBL). Vocês sofreram algum tipo de ataque ofensivo durante as ocupações? Como vocês lidaram com isso?

Slide 14



O jornal local apresenta uma enquete feita sobre as ocupações de Ituiutaba. O que vocês acharam dos resultados? Isso mostrou que grande parte da cidade estava a favor ou contra atitude de vocês?

Slide 15



Aqui mostra a resistência de vocês que seguiam ocupando. E fala também que a Secretaria Regional de Educação estava negociando a desocupação com vocês. Como foi essa negociação?

Slide 16



Como vocês conseguiam lidar com os ataques ofensivos nas redes sociais?

APÊNDICE II

Entrevista contextualizada do colaborador Luís Fernando, realizada em dezembro de 2017.

Meu nome é Luís Fernando, tenho dezoito anos e estou terminando o terceiro ano do ensino médio. No período da ocupação eu trabalhava seis horas por dia. O tempo que eu não estava no trabalho, eu ficava no movimento de ocupação da escola. Eu acredito que esse é o papel do jovem. Ser jovem é a pessoa ter a sua mente aberta, é ser interessado no que está acontecendo, não só quesito idade, mas no quesito conhecimento, porque conhecimento cabe a todos.

A ideia da ocupação da escola iniciou quando as ocupações começaram em outros estados. As ocupações estavam alastrando e chegou a um determinado ponto em que os alunos do terceiro ano da nossa escola decidiram se reunir e pensar sobre a ideia. Em uma dessas reuniões eu acabei entrando na sala e tendo um interesse em saber o que estava acontecendo. Conversei com alguns professores que me disseram que seria um dos melhores movimentos ou uma das melhores coisas a se fazer, porque os únicos beneficiados para aquilo seríamos nós e atacaria toda a sociedade. Então era uma vantagem para os alunos e a sociedade aderirem àquele movimento. Porque a escola é um bem que tem em toda comunidade, é um bem necessário. Temos que lutar para não sucatear a escola. Esse foi um dos maiores motivos de termos ocupado a escola.

A reportagem é sobre a Reforma do ensino médio. Essa última reportagem registra que os especialistas preveem o retrocesso da educação e mostra bem o que foi a luta. A luta foi contra a reforma do ensino médio, contra a lei da mordaca, eles estão querendo tirar a Sociologia, Filosofia, Artes do currículo. Essas disciplinas ajudam o aluno a abrir a mente, faz o aluno entender o que é a política. Tirar isso para assim conseguir alienar cada vez mais e mais as pessoas. E vendo essas reportagens, se as pessoas conseguissem ver o que aconteceu o ano passado e fossem tudo contra o que está acontecendo agora, porque a reforma do ensino médio nem foi totalmente aprovada, mas se vê na televisão como já foi aprovada. Então, assim, eu acredito que se as pessoas conseguissem sair mais da televisão e procurar notícias de verdade, notícias reais do que está acontecendo, as coisas se tornariam mais fáceis e mais visíveis, então assim, eu acredito que seria bom para todos.

Eu acho que deveria ter mais escolas ocupadas no Brasil. Pela quantidade de pessoas que temos no país, pela quantidade de escolas que temos no país, pela quantidade de seres humanos que estão sob a gestão de um governo, que podemos dizer que é corrupto. Por isso acho que foram pouquíssimas pessoas, pouquíssimas escolas, pouquíssimas instituições que se

mobilizaram a favor do movimento que é de interesse de todos. Às vezes sentíamos sozinhos. Durante a ocupação, poucas pessoas iam lá ajudar, mas essas poucas pessoas acabavam sendo muito, porque mesmo nós sendo poucos, queríamos tentar fazer a diferença, queríamos estar ali para ver se mudávamos o todo.

Essa reportagem é sobre o discurso da estudante Ana Júlia. Ela destaca a PEC 241. Nós aprendemos sobre essa PEC com os professores que estavam apoiando a ocupação. Os professores apresentaram esse vídeo, muitos alunos ficaram emocionados vendo a coragem que ela teve de ir lá e falar tudo que ela pensava e sabia sobre o movimento. Ela foi de grande inspiração para muita gente que estava na ocupação, no Paraná onde podemos dizer o circo estava pegando fogo e o juiz lá era totalmente contra. Estava muito difícil para os estudantes. Principalmente quando morreu um adolescente lá na escola. Então, o que ela foi lá e falou na frente de todos aqueles deputados foi de grande auxílio para todo mundo. Isso não foi mostrado em grandes... é... mídias, mostrado o que realmente aconteceu, o que ela falou, como foi, mas eu acho que serviu para impactar diretamente na sociedade.

Essa reportagem fala do cotidiano das ocupações. Aqui em Ituiutaba, o pessoal que estava de fora, os que estavam contra o movimento falavam que estávamos “badernando” na escola, fazendo bagunça, que a escola estava um lixo só. Só que todos os dias nós tínhamos divisão de tarefas para organizar a escola, antes das nove horas da manhã para começar com os nossos projetos, que eram os “aulões” com os professores, era trabalho de tintura, diversas coisas que fazíamos, só que a escola tinha que ficar organizada. Nós dividíamos as tarefas para fazer a limpeza. Eu lembro que todo mundo fugia do banheiro, ninguém queria lavar o banheiro, só que fazíamos um sorteio para ver quem iria para o banheiro. Assim nós mantivemos a escola totalmente limpa e quando saímos de lá as faxineiras até entraram, e eu lembro de escutar elas comentando “Porque estamos aqui se a escola está limpa?” Nós deixamos a escola mais limpa do que quando entramos. Porque, quando nós ocupamos a escola foi no meio de semana. Eu lembro que eles só lavavam a escola aos sábados, então, quando ocupamos a escola estava totalmente suja, empoeirada, então limpamos tudo.

O Jornal do Pontal apresenta notícias sobre a Reforma do ensino médio e destaca que a Escola Estadual Tonico Franco foi a primeira a ser ocupada em Ituiutaba. Com a ocupação da escola Tonico Franco o boato correu a cidade muito rapidamente e chegou até nós. O Estadual, ele era considerado uma das melhores escolas. Os alunos que estavam cursando o terceiro ano era uma galera muito mente aberta, não eram alunos que tinham aquela condição mais alta, que estavam ali acomodados com tudo, era uma galera que batalhava, que lutava, que estava ali estudando para tentar entrar numa faculdade e sair do trabalho mais pesado. Eles conseguiram

entender que a ocupação era importante, era necessária. Quando viram os nossos colegas de outras escolas ocupando, pensaram “não podemos deixar eles com essa carga sozinhos, com essa luta sozinhos”. Fomos lá na escola ocupada, vimos como estava funcionando, voltamos, montamos assembleia. Passamos em diversas salas do ensino médio, que é uma galera que conhece mais, que entende mais as coisas, perguntando o que achava da ocupação, se ia ser necessária. Todos concordaram, mas na hora que ocupamos e falamos assim: “agora precisamos de ajuda para manter a organização”, foi menos de um terço das pessoas que concordaram com a ocupação e a outra metade foi lá para querer desocupar, sendo que queriam a ocupação na hora. Então assim, foi uma coisa bem complexa, complicada. A escola Tónico Franco foi de grande importância para nós. Os estudantes mantinham contato e se ajudavam, quando sobrava comida lá é... vinha para cá, quando sobrava aqui ia para lá, se tinha demais de um determinado alimento trocava entre as escolas. Formamos uma rede entre nós, para acabar se mantendo.

A nossa pauta não era só a PEC, era também contra a lei da mordaza, as minorias sociais, nós falávamos de feminismo nas aulas, falava de liberdade religiosa pois, diversas religiões são silenciadas, são deixadas de lado, nós estávamos tratando de tudo ali. O principal assunto podia até ser PEC 241, mas o que estava sendo tratado lá dentro era de tudo, desde a PEC 241, política, racismo, feminismo, diversas coisas eram tratadas lá dentro, diversos assuntos que podemos dizer polêmicos dentro da sociedade que não são conversados abertamente, estavam sendo conversados lá dentro de maneira bem clara. Então assim, não se pode dizer que foi só contra a PEC 241.

Um momento tenso das ocupações foi na época do ENEM. A turma dividiu. Fizemos uma assembleia porque metade queria desocupar, metade não queria. Lembro que os estudantes da UFU estavam em cima lá também, não queriam que desocupasse, e aí fizemos uma assembleia. Por outro lado, me recordo que uma professora de matemática que estava falando que as vagas da faculdade não iriam diminuir por causa do corte durante vinte anos. Ela disse assim “mais é um ciclo, os alunos saem e outros entram é... matemática básica”. Ela era totalmente contra a ocupação. Estava apenas preocupada com interesses próprios, queria que desocupássemos de qualquer jeito. E o pessoal que estava querendo desocupar eles queriam fazer ENEM só que eles não entendiam que poderiam fazer o ENEM e pode ser que eles conseguissem entrar, porém não pensavam que a universidade poderia estar sucateada, pode ser que haveria corte de gasto e o aluno ficar sem conseguir concluir o ensino superior. Então não faria sentido eles entrarem numa faculdade sucateada, uma universidade que não teria condições de fazer com que eles terminassem os cursos, era isso que eles não entendiam. Depois

de muita conversa, muita discussão, os nervos à flor da pele, decidimos que não íamos desocupar e quem quisesse sair do movimento, ficasse à vontade.

Durante as ocupações criamos uma página no *Facebook* para divulgar as atividades que realizávamos na escola. A página era atualizada diariamente, pois tinham pessoas que falavam que não estava tendo aula, que não estava tendo nada na escola e que a educação no Brasil já é sucateada, temos professores muito mal preparados. Eu me lembro que eu tive uma aula de Geografia com determinado professor que eu não me lembro o nome agora, mas a aula dele foi a melhor aula que eu tive durante o ano inteiro na escola, eu acho que eu acrescentei mais nesse dia do que durante o ano. Ele conseguiu fazer uma ligação com Isaac e Abel na guerra do Iraque mostrando que essas questões são antigas. Foi uma aula de geopolítica. A galera falava do direito de ir e vir, mas nós não estávamos impedindo ninguém de entrar na escola, quem quisesse entrar podia entrar, quem quisesse acrescentar podia acrescentar, estava tendo aula todos os dias e professores diferentes. Só que eles falavam que não podiam ter aula e nós falávamos, não, está tendo aula, não está tendo aula convencional com a qual você está acostumado, mas aula está tendo. A maioria das pessoas que iam lá eram da UFU, a maioria dos professores que davam aulas de História, Geografia, Português e Matemática eram da UFU. Também abordavam questões sobre o feminismo, religiões e questões raciais.

A ocupação foi uma forma de resistir. Eu venho de uma família classe baixa e as coisas nem sempre são fáceis. Eu imagino que a educação seja o único meio de eu conseguir chegar a algum lugar e ter uma vida mais fácil. Se eu estou numa escola sucateada que eu não consigo ter o ensino para conseguir competir com o aluno que vem de escola particular, que tem melhor ensino, que tem tudo que precisa ali sem fazer esforço algum, como que eu vou conseguir entrar numa competição para entrar numa universidade? A forma que considero melhor é a de lutar. Mesmo que as ocupações incomodaram, e isso é importante, infelizmente eu acho que não conseguimos o que queríamos, que era parar o Temer com aquelas reformas, por mais que não foi aprovado ainda, ele já mostra como se tivesse sido. Então assim, eu via a ocupação como uma maneira de tentar melhorar, porque sem educação não conseguimos chegar a lugar nenhum, continuamos pessoas ignorantes, pessoas ludibriadas, pessoas que são facilmente enganadas, sem conhecimento, sem entender de política. Porque política no Brasil você só vê corrupção. Optei por resistir pensando num futuro melhor.

Penso que nessas notas de reportagem negativas do G1 sobre a ocupação em Uberlândia, eles costumam colocar muitos números de alunos sem aulas para mostrar que o impacto negativo é maior que o positivo. Quando eles dizem que os alunos chegaram até a utilizar a cozinha da escola, fica parecendo que é algo ruim, como se a escola não fosse do aluno. Aquilo

é dele, é um espaço público. Pagamos impostos absurdos, então querendo ou não, aquele é o espaço do aluno. A respeito de notas assim, foram muitas que saíram, a maioria era contra as ocupações. Acredito que seja pela alienação das pessoas. Quem paga mais leva o crédito e nesse caso quem tinha dinheiro para pagar mais era quem não queria pessoas aderindo à faculdade, pessoas chegando no ensino superior. Porque infelizmente a lei do capitalismo é essa: quem tá embaixo sustenta quem está em cima e quem está em cima não quer que quem tá embaixo sobe. Então a galera que controla essas mídias, é que está em cima e para eles é mais favorável nos atacar do que nos colocar na frente.

Para nós aqui, a contraofensiva não foi igual à do Paraná. Eram mais as mídias sociais atacando, no caso as páginas sociais. A galera se mobilizava pelo *Facebook* para fazer movimentos na escola tentando nos amedrontar. Chamavam a polícia para lá falando que a gente estava usando drogas, que a escola estava virando prostíbulo. Então, assim, eles nos atacaram da maneira que podiam, apesar de que, se for para comparar as ocupações daqui com as do Paraná, o que passamos não foi nada pelo que eles passaram. Mas a pressão estava muito grande quando eu estava lá dentro, teve caso de pai de aluno começar a gritar comigo, colocar a mão no meu peito e eu sem poder fazer nada, eu não quis atacar. Só que na hora que ele foi falar comigo ele quis vir para cima. Mesmo sendo pouca coisa para nós aqui em Ituiutaba, nas escolas ocupadas aqui, a pressão para sairmos de dentro estava muito grande.

E nós só decidimos desocupar quando um advogado que se dizia estar a nosso favor mandou uma carta assinada pela juíza ou desembargador, eu não me recordo, dizendo que tínhamos que desocupar a escola, que a polícia ia entrar e tirar todo mundo. E mesmo assim, eu queria bater o pé e não sair, alguns alunos também queriam bater o pé e não sair, mas professores e alunos da UFU falaram para nós que eles achavam que já era a hora, que nós já tínhamos deixado a mensagem que queríamos e agora era deixar correr para ver o que aconteceria. Mas, o grande problema que deixou todo mundo muito chateado, todo mundo estressado na hora, foi realmente quando esse advogado que estava quando estávamos decidindo ocupar e tirando todas as dúvidas com ele, e ele mostrava estar do nosso lado. De repente chega uma carta assinada por ele, dizendo que tinha que desocupar, mostrando que ele estava totalmente contra, jogando totalmente contra. No papel estava dizendo que estávamos usando a escola para usar drogas, para várias coisas e estava assinado por ele. Então, assim, foi uma coisa que nos atacou que rebaixou a nossa perseverança. Nisso nós tínhamos, parece que eram quatro ou cinco dias para desocupar, ficamos ali, meio apreensivos, qualquer um que chegava lá dizendo que queria ajudar, que queria fazer manchete para alguma coisa, já ficávamos meio assim, por que sabíamos que não podíamos confiar em mais ninguém.

Quando mudou a data do ENEM foi um alívio para alguns que estavam ocupando e queriam fazer o ENEM, naquelas escolas, foi um alívio. Mas nós queríamos na verdade mesmo que o ENEM tivesse sido cancelado. Mas quando foi feito o ENEM em algumas escolas e outras não, acabou que foi até bom eles terem liberado uma nova data.

A Secretaria Regional de Educação não chegou bem a negociar nossa saída. Eles chegavam lá e queriam que nós saíssemos. A negociação era que tínhamos até determinado dia para desocupar e mandavam os menores de idade voltarem para casa. Passavam uns cinco minutos voltava todo mundo. E assim foi. Nessa questão de negociar não teve, eles só chegavam lá e queriam que saíssemos. Essa reportagem mostra que eles foram lá negociar porque é do interesse deles, colocar lá que eles apresentaram o papel bonitinho, que optaram por várias saídas para gente. Só que na realidade não foi assim. E eu me lembro, falando da UFU de novo, que o pessoal de lá estava com muito medo da polícia entrar, eles colocaram muitas cadeiras na parte de baixo do prédio e deixaram uma saída para trás livre, então assim, dava para ver que eles estavam com mais medo do que nós. Então assim, foi um “negócio” bem complicado lá também.

Lidar com as agressões verbais era bem complicado, porque nós sabemos que as redes sociais são responsáveis por 80% das informações que chegam, às vezes nem é verdade, mas se chegou ali as pessoas já começam a acreditar. Então, nós tentávamos mobilizar as pessoas pelas redes sociais, mas que acabava sendo muito difícil porque as informações que elas tinham eram completamente distorcidas. Eram completamente contra o movimento. Então tentávamos mostrar o que estava realmente acontecendo. O texto que a Vitória fez no *Facebook*, se eu não me engano, foi parar em centenas de páginas, porque era o que estava acontecendo, era o que mostrava a gente, mostrava o que queríamos mostrar para as pessoas lá. E ali na minha publicação, eu tentei por meio da minha mídia social também mostrar a ironia dos fatos para as pessoas tentarem entender o que estava acontecendo.

Muitas vezes era complicado. A minha madrinha me deu um telefonema, porque chegou no ouvido dela que eu estava participando dessas ocupações, e o que ela me disse foi que isso era um jogo político, que eu não estava sabendo do que ela sabia de lá onde ela estava, ela mora em Brasília. Falou que não sabíamos o que estava acontecendo e que as pessoas estavam me alienando, que não entendíamos o que estava acontecendo, que isso era jogo de política. Falou que eu não sabia nem da metade que ela sabia, pois se soubesse não estaria dentro da ocupação. Pedi para ela me explicar e ela falou que estava sem tempo e desligou o telefone. Mas não foi jogo político, porque estávamos jogando contra o governo e o governo estava jogando contra a gente, contra os estudantes, contra a sociedade no geral. Então, a mídia social no caso, a divisão

entre o poder público e a sociedade, os ataques contra a gente, estava sendo tudo pelas mídias sociais, a maioria delas. Eu lembro que uma colega falou que não era para ficarmos respondendo o pessoal do *Facebook*, que não adiantava, que aquilo lá era para se estressar atoa, porque não ia mudar a opinião. Então, *Facebook*, essas mídias que usam para comunicar e postar essas coisas foi de grande ajuda e também de grande importuno.

Era meio que isso, nós procurávamos informações sobre as PEC's, a reforma. Conseguíamos informações, debatíamos. Procurávamos entender, quando era um assunto mais complicado chamávamos alguém que entendia, geralmente era um professor de História ou Sociologia, ou às vezes Filosofia para explicar. Conversávamos com eles e conversávamos entre nós, para conseguir identificar pontos, prós e contras e era bem isso, eu acho, as informações que nós tínhamos, eram coisas que nós mesmos procurávamos.

A diferença da escola convencional para a escola que nós criamos é que a escola convencional é cheia de rótulos, você não pode isso, você não pode aquilo, você tem que ir vestido assim, você tem que ter comportamento x. A escola que nós reinventamos, você pode ir do jeito que você bem entender deixando respeito, o momento que você está lá é o que você escolhe e o conhecimento que você adquire por estar lá e sem rótulo, sem pressão, sem ninguém falando o que você deve ou não fazer é muito mais fácil porque você está ali só para aprender. Você está num lugar muito mais liberal, você está num lugar com uma paz muito maior, você está numa tranquilidade que você consegue captar bem mais o professor, o que ele quer te falar. Porque na escola que nós temos hoje, você está lá na sala com todo mundo bonitinho, vestido com a mesma roupa, igualzinho, sentado um atrás do outro escutando o professor falar, muitas vezes só de você estar ali naquele horário falando determinado assunto o aluno não dá muita bola, às vezes o professor também não está muito interessado. E na escola que reinventamos os alunos estavam ali em volta, eles iam estar ali se eles quisessem, se achassem interessante aquilo pra eles, então eu acho que esse foi um ponto, uma coisa que viu que dá resultado, porque eu aprendi muito, o meu senso crítico e o meu senso político cresceu bem mais depois da ocupação, eu aprendi muita coisa ali.

Depois de um ano das ocupações o que ficou foi o aprendizado, a experiência. É saber que às vezes você pode não conseguir, mas valeu a pena você tentar, porque se você não tentar já é uma batalha perdida. Durante as ocupações foi bem marcante o nervosismo, o *stress*, eu era bem irritado mesmo, eu era bem cabeça quente, muito mesmo. Então, assim, o meu diretor, o diretor da escola não interferia, só que ele queria ficar barrando muito os alunos e eu cheguei a bater de frente com ele em determinado momento e ele me chamou num canto e falou que não era daquele jeito, que eu estava muito exaltado e que ele achava que eu deveria ir para casa

esfriar a cabeça um pouco. Assim, conseguimos conversar numa boa. A gente estava lutando para liberar na época a chave da cozinha, a chave dos materiais esportivos e depois dessa conversa eu consegui que ele liberasse essas duas chaves. Aí ele me entendeu, eu entendi ele, foi bem isso. Foi um momento de tranquilidade

APÊNDICE III

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Quem é você? (nome, idade, escolaridade)
- Você foi aluno (a) trabalhador (a) durante o Ensino Médio?
- O que é ser jovem?
- Porque vocês decidiram ocupar a escola em que estudavam?
- Como vocês se organizavam durante a ocupação?
- Como funcionava a divisão de tarefas e a liderança dos ocupantes?
- Havia cronograma para as atividades pedagógicas? Como era o segmento? Os alunos e a comunidade participavam?
- O que vocês pensavam e pensam a respeito das imagens negativas que alguns jornais noticiaram a respeito das ocupações? Como se sentiram?
- Como o movimento de vocês se articulava com as redes sociais?
- Por que vocês resistiram com a ocupação mesmo depois do mandato de desocupação, mesmo sabendo que estava em véspera de ENEM?
- A atitude de ocupar a escola vem de uma criticidade em relação às decisões do governo em relação à Educação. A que vocês atribuem esse pensamento crítico? Família, TV, escola, etc...
- Qual é a diferença da escola convencional que vocês estudaram a vida inteira pra escola que vocês criaram durante a ocupação?

APÊNDICE IV

Entrevista contextualizada da colaboradora Maria Vitória, realizada em fevereiro de 2018.

Meu nome é Maria Vitória, tenho dezoito anos, eu vou começar o primeiro período de Medicina Veterinária. Não trabalhei durante o Ensino Médio. Sempre estudei, nunca precisei trabalhar.

Para mim, ser jovem é meio clichê, mas é uma loucura. É meio uma viagem porque é um momento em que você tem muitas experiências, é um momento bem intenso da vida que eu acho que você quer explorar ao máximo as coisas. Eu não sei, porque eu tenho muito essa coisa de não gostar de ficar presa, então enquanto jovem quero explorar tudo para depois quando eu ficar mais velha, eu ficar mais calma, mais “de boa”. Também é um drama, várias pressões. Nossa, é muita pressão! Ter que escolher faculdade aos dezoito anos. Arrumar um emprego aos vinte e três. Você pode escolher só uma faculdade e você quer fazer três faculdades e não pode fazer as três. Vários dramas. Por que eu não posso escolher três? Eu queria.

Ocupamos nossa escola justamente pelo motivo de que nós estávamos saindo do Ensino Médio e a nova proposta para o novo Ensino Médio, deixou muito a desejar, ela deixou vários espaços em branco, vários espaços vagos. Tipo, o aluno vai poder estudar um ano e meio todas as disciplinas, mas e depois? Acho que para um adolescente de dezesseis anos, quinze por aí, escolher qual disciplina ele quer levar para a vida inteira, qual área do conhecimento ele quer levar para a vida inteira é meio pesado. Eu convivi com diversos casos, não só durante o terceiro ano com pessoas do terceiro ano, mas antes disso, de pessoas que tinham um objetivo quando saiu do fundamental para o médio e quando chegou no final do médio, simplesmente mudaram. Eu vi gente mudar da área de Engenharia para fazer História, de Jornalismo para fazer Biologia, mudar totalmente a área do conhecimento e depois que ele tivesse mudado ele não ia poder voltar atrás. Tudo bem, eu entendo, que tem gente que tem mais afinidade com determinadas matérias, eu mesma sou mais voltada para biológicas e exatas, se bem que eu gosto muito de humanas, mas sabe, ficou meio assim, como que eu vou explicar? Não, não é sem nexos. É porque não é todo mundo que tem a mesma facilidade de aprender exatas que nem eu tenho, e realmente tem gente que fala que é um saco ter que estudar química, que não entendo nada de química e que não vai precisar disso na vida, realmente eu entendo, mas é uma coisa muito ampla, é muito ruim você querer restringir um grupo e vê que está faltando o resto. Então, acho que é mais uma coisa não só pensada na gente, a gente tá pensando, a gente ocupou a escola pensando em outro futuro, pensando nas próximas gerações que vão vir no Ensino Médio.

Porque o Ensino Médio é aquela fase maravilhosa e horrível da vida, você sofre e ao mesmo tempo é ótimo, você sofre até falar chega.

Acho que a escola é muito importante para a formação do pensamento crítico no adolescente, que nós estamos no processo de formação agora, então é um papel fundamental deles, mas a questão dessas disciplinas não vejo só pra um, só pra construção do pensamento crítico enquanto cidadão, eu vejo também muito pelo lado de que você vai estudar até um período e depois você vai escolher para que área quer ir. Ok, eu vou pra área de humanas ou eu vou pra área de matemática sendo que na faculdade independentemente do curso que você for fazer, pode ser um curso de humanas, você vai ver matemática. Eu acho que os únicos cursos que não têm matemática, acho que são Letras, ou até História, não sei, alguém me falou que tinha estatística em História, depende da disciplina. E quando esse aluno chegar na faculdade? Como que vai ser? E aquela parte que ele precisou da base, mas não teve no Ensino Médio? E a questão do ENEM e dos vestibulares, como ia ser? Eles vão ser reformulados? Era essa nossa dúvida, porque o governo lançou uma proposta que em teoria é maravilhosa, eu falo “que proposta bonita”, vendo assim as propagandas é lindo você falar pode escolher a área que quer estudar, eu fiquei me perguntando porque não foi antes, para ser eu.

No primeiro momento eu fiquei pensando porque isso não foi antes de eu poder escolher a área que queria estudar, porque eu ia estudar só biológicas, ia fazer um ano e meio fazendo tudo depois eu ia para biológicas, Biologia, Química, eu ia ficar feliz para o resto da vida! Mas, depois eu comecei a me apaixonar por humanas, mas aí eu não veria isso? Tanto é que eu quase fiz faculdade de Filosofia esse ano, num momento de louca, e eu não teria ido. Tipo é uma proposta bonita, mas na teoria, na prática como que vai ser?

A PEC propõe a redução na saúde e educação ia ser só o mínimo que eu acho que é quatorze ou doze por cento dos impostos, alguma porcentagem por aí. Eles iam aplicar só o mínimo, mas a reforma do Ensino Médio ia precisar de mais escolas para remanejar os alunos do Ensino Fundamental, mas se eles precisam construir mais, como vão construir mais escolas sendo que eles não podem investir mais? Sendo que tem um mínimo agora a ser investido e se passar desse mínimo tem consequências. Ficou muito vago, não bateu, é uma proposta linda só que com vários espaços e quando você entra no site do INEP para fazer perguntas, eles sempre mandam a mesma resposta para qualquer pergunta: “agora todo mundo vai ter a mesma base comum curricular, procurar saber com...”, eu esqueci qual era o órgão que eles mandavam saber, esqueci o nome, era sempre a mesma coisa, a mesma resposta pra tudo.

Eu acho que é além da questão de votarem para PEC, se vai investir o mínimo como vai ter Ensino Médio nas escolas o dia todo? Os alunos do fundamental que estudam em escola de

Ensino Médio como no TF (Tonico Franco) ou Polivalente, Estadual eles têm que ser remanejados, precisa construir escola, que nem eu falei, não tem dinheiro, além disso precisa contratar mais professores para dar as aulas de ensino técnico, mas como, sendo que não tem dinheiro? Aí tem a questão... tem que dar lanche para os alunos, mas como, sendo que tem que diminuir os gastos? Eles querem diminuir, mas colocando coisa que faz aumentar, que vai fazer aumentar ainda mais o gasto.

Nossa organização durante a ocupação começou com nossa divisão de tudo em blocos. Uma quantidade de pessoas vai ficar responsável pela cozinha, outras pessoas vão ficar responsáveis pela parte pedagógica, outras vão ficar responsáveis pela limpeza. Fomos dividindo por blocos e cada bloco tinha as pessoas responsáveis. Decidimos por não optar por um líder porque não queríamos ter essa visão de alguém comandando tudo, alguém mandando em tudo, então éramos todos líderes, independentemente da série. Acaba que sempre surge alguém que faz mais coisas, mas não tínhamos uma hierarquia. A proposta era ficar só até o ENEM.

Em relação às atividades pedagógicas havia o cronograma, eu era responsável, fui a única responsável por isso, fiquei com tudo. Organizei toda parte pedagógica, conversava com os professores do Estadual, mesmo os professores do cursinho da UFU e os professores do cursinho do Nacional e perguntava o que eles podiam dar de matéria, e o horário que eles podiam. Se eles queriam fazer uma oficina, algo diferente de uma aula tradicional, então, eles falavam o que eles queriam fazer, qual era a proposta deles, o horário e o dia que eles podiam e eu ia agendando. Ia fazendo um cronograma. Nós começávamos às sete da manhã no horário normal de aula e acabávamos às dez e meia da noite porque a gente pegava o horário normal das aulas na escola, que era das sete e meia da manhã às dez e meia da noite para o turno do noturno. Eu ia dividindo, enfiando umas coisinhas uma em cada lado, cada professor o jeito que podia. Os alunos participaram. Só que chegou um momento, que a ocupação começou a perder força e aí começou a dar pouca gente. O pessoal começou a não ficar mais interessado, muita gente reclamava a questão de não estar havendo aula para o fundamental, mas era mais difícil de arrumar mesmo, porque eu sempre tinha mais contato com professores do Ensino Médio, mas o que eu podia arrumar de aula para o ensino fundamental, arrumava. Aula de matemática básica, que era o que os meninos mais pediam, eu dava um jeito de arrumar. A parte de gramática também, eu sempre dava um jeito de arrumar. Nós fazíamos muito cinedebate à noite, principalmente com professores de humanas, mais História, Sociologia. E o cinedebate era muito bom, todo mundo elogiava, porque é algo que enriquecia muito. Ver como você pode aplicar a disciplina que você está vendo naquele filme, a gente conseguiu aplicar as teorias de

Karl Marx em “Mad Max”, aquele filme “Isso aqui vai virar Chile” aonde mostra a ocupação dos meninos do Chile por sete meses, nossa! era muito rico. Não era só aula. Fazíamos muita oficina, muita palestra com a Cida Satto, aquela maravilhosa. Nossa que mulher maravilhosa! As aulas de Geografia política com o Ronie, nossa! Os temas de redação do ENEM naquele ano foram intolerância e racismo. A professora de sociologia deu aula do tema na quinta-feira e a prova era no domingo. Nós também tentamos sair daquele padrão de cadeira enfileirada, porque ninguém merece, e fizemos mais roda porque em faculdade, pelo menos, eu que fiz cursinho na UFU sempre via o pessoal estudando em roda. É muito legal!

Nós ficávamos bem tristes com as notícias negativas do noticiário. Dava um peso no coração ver gente falando que éramos um bando de vagabundos, que tínhamos que trabalhar, que nós não tínhamos mais o que fazer, que lá dentro só estava rolando drogas, sexo e várias coisas. É muito ruim porque você está ali na maior boa vontade, você está dando seu melhor e ouve esse tanto de comentário negativo e o pior é que as pessoas que criticavam, falavam isso, não iam lá dentro pra ver. Quando eu ouvia alguém falando isso para mim, eu falava para ir lá, que as portas estavam abertas, que a escola estava aberta todo o dia das sete e meia às dez e meia no horário normal, falava que podia ir e assistir uma aula, estava aberta para todo mundo, e aí eles que não iam lá. Vocês vão criticar uma coisa sem saber, não tem sentido. Ouvíamos que a ocupação não ia adiantar nada. Em relação à organização aquela escola nunca foi tão limpa. Três horas da manhã a eu estava lavando a escola.

O envolvimento da ocupação com as redes sociais era bem forte, porque nós usávamos *Instagram*, tínhamos uma página no *Facebook* para divulgar os cronogramas para todo mundo ir, para quem quisesse, porque a escola estava aberta não só para os alunos, estava aberta pra quem quisesse ir, então nós usávamos muito, publicávamos. Se estivesse faltando alguma coisa que precisávamos de doação, postávamos na página do *Facebook*, os cronogramas todos os dias de manhã na página do *Facebook* também, sempre estávamos usando. Sempre tinham comentários negativos lá. Comentários preconceituosos. Surgiu um comentário, primeiro teve uma roda sobre feminismo, eu acho, a gente sempre publicava as fotos das aulas, das oficinas que estavam tendo e um garoto comentou se as aulas eram rodas de conversa sobre feminismo e que só estava faltando ter aula de capoeira. E nós já tínhamos e fizemos questão de comentar que já tinha tido essa aula. Teve muito comentário racista, tinha um comentário bem preconceituoso, diminuindo a cultura, nossa!

Eu resisti para sair da ocupação porque o primeiro mandato que teve era falso. Mandaram um mandato falso inicialmente para nós, era um que foi mandado para uma escola, acho que para o Polivalente de Uberlândia, não tenho certeza se é o Polivalente de Uberlândia,

e eles simplesmente copiaram o documento, mandaram para cá e aí o diretor da escola leu. Fizemos uma reunião com todo mundo, reuniu pais, alunos e ele começou a ler até que a gente descobriu que tinha uma brecha no documento que não se tratava de Ituiutaba, mas sim de Uberlândia. Chegaram ao ponto de mandar documento de Uberlândia falso para cá como se a gente não fosse descobrir. Tinha cada comentário. Não vou trabalhar com nomes, mas o vice-diretor da tarde, eu ouvia cada comentário dele. Sempre quando estava sozinha ele vinha me atacar psicologicamente, sempre com comentário machista, comentário pesado, comentário muito preconceituoso para o meu lado e era muito difícil. E tinham as brigas com alunos mesmo. Nós marcamos, acho que umas três reuniões, porque tinha a galera que era contra. Marcamos três reuniões para decidir se ia continuar ou não, as três reuniões eles perderam, porque todo mundo sempre votava, então ia continuar a ocupação. Foi um falso promotor público, pai de uma aluna, falou que era do serviço do Ministério Público. Chegou falando que queria entrar na escola, que era do Ministério Público e ele era pai. Mas ele era só pai de uma aluna mesmo. Eu lembro quando chegou o mandato, que o policial estava nos filmando, sendo que o pessoal do Conselho tinha falado que não podia, que eles não iam nos filmar porque éramos menores de idade e eu me lembro de falar que ele estava filmando. Aí ela deixou, sendo que no início falou que não podia, eu fiquei “como assim?”.

Acho que no final estava todo mundo estressado, estava todo mundo já esgotado e, aquela questão, se a gente ficasse ali depois do horário acho que a polícia tinha permissão para entrar e nos tirar a força e não queríamos violência, foi um movimento pacífico, foi um movimento de resistência pacífica, nós meio que queríamos dar uma de Gandhi, todo mundo, nada de violência, então optamos para sair. O pessoal do Tônico saiu oito horas da manhã e nós saímos às cinco da tarde, porque lavamos aquela escola todinha de cima abaixo, ficou brilhando, aquela escola nunca ficou tão limpa. Às cinco saímos porque não queríamos violência e estava todo mundo já muito esgotado. Nós doamos tudo que sobrou, doamos metade para Casa Lar e metade para Casa dos Idosos.

Minha formação crítica, eu acho que no meu caso veio tanto um pouco de casa quanto da escola, porque em casa eu tenho um pai bem de humanas, bem professor de História e uma mãe que trabalha com saúde, então tem essa questão mais de cidadania, na escola também, as disciplinas de humanas História, Filosofia, Sociologia eu acho que elas me ajudaram muito na formação do pensamento crítico. Sobre a disciplina de História, antes, mais no Ensino Fundamental falava que não sabia porque estudar História se todo mundo já tinha morrido, mas depois aprendi que estudamos História para não cometermos os mesmos erros do passado. Então, acho que a disciplina de História teve um papel fundamental no pensamento crítico para

não cometermos as mesmas coisas, para não ter um Holocausto novamente, o pior erro da humanidade, uma escravidão. Para fazermos as mesmas coisas, a disciplina de História é muito importante. De conteúdo da disciplina gosto de história do Brasil, sou apaixonada em história do Brasil. Acho também que a disciplina de História mostrou muito para nós que não tem como ser imparcial em um jornal. Você pode tentar ser o mais neutro possível, mas sempre vai ter mais “ladinho puxadinho”. É tentar procurar em mídias que sejam o mais parcial possível. Em geral é sempre mídias como BBC e a New York Times, porque se for pegar uma mídia daqui é complicado.

Um dia marcante para mim da ocupação foi o dia que soltaram foguete. Nossa que raiva! Soltou mais de uma vez, três e meia da manhã. Como a Amanda disse, chamamos a polícia, quando eles chegaram lá, eles riram. E no dia seguinte eles foram os meninos que soltaram foram comprar mais, porque tinha um, alguém, não me lembro, que trabalhava na loja onde os meninos foram comprar foguete, eles chegaram a falar que iam comprar de novo para soltar lá na escola, mas não chegou a estourar. Naquele dia todo mundo saiu correndo e eu continuei dormindo. Todo mundo acordou gritando, com aquele barulhão, eu só olhei, virei para o lado e voltei a dormir, eu estava muito cansada, eu estava muito esgotada.

A escola convencional para a escola da ocupação tem muita diferença! Toda diferença! Por onde começamos? Vamos começar com o básico, primeiro é que não tínhamos o padrão de cadeira enfileirada, sentávamos em roda e todo mundo se via, era melhor para ter contato com outros alunos. Segundo, que são as disciplinas que tivemos, porque fugiu daquele automático. Nós tínhamos aula? Tínhamos, aula normal, mas tínhamos muita roda de conversa, palestra, cinedebate, coisas que são muito importantes, não só pra gente passar no vestibular, mas coisas que são importantes pra vida. Então, teve muita diferença porque ali não construímos só conhecimento necessário para passar no ENEM, para passar no vestibular, nós construímos o conhecimento necessário além disso, porque nós víamos muita matéria para isso, tivemos muita aula específica voltada para o ENEM, mas tivemos também muita aula voltada para a vida, coisa que contribuiu muito, enriqueceu muito a gente.

APÊNDICE V

Entrevista contextualizada da colaboradora Amanda, realizada em fevereiro de 2018.

Meu nome é Amanda, eu estou pretendendo entrar no curso de História, eu nunca trabalhei, sempre estudei.

Ser jovem é bem complicado você quer fazer tudo e, às vezes, sua família não entende a sua necessidade, você bate de frente com eles e não sabe se isso é bom ou se é ruim. Tem hora que você só acalma e deixa levar. Tem hora que você deixa de fazer as coisas para não ter que bater de frente com os pais, ser jovem é bem complicado. Fazer faculdade, arrumar emprego aonde não tem e hoje todos pedem seis meses na carteira.

A ocupação nos ajudou a entender o que nos esperava depois daquele Ensino Médio, a pressão de entrar numa universidade, de arrumar um emprego, de entender uma vida adulta, de entender o universo, o que é político. Porque somos nós que escolhemos quem vai governar para nós e se não temos informações das áreas humanas que é de Geografia, História, Sociologia, Filosofia vamos colocar qualquer um ali e não é isso que queremos. Porque eles que vão lutar pela saúde, pelas escolas públicas, pelas universidades, eles que vão girar o dinheiro, eles que vão dividir as verbas para essas áreas. Não termos essas disciplinas nós não vamos saber para quem votar. Não vamos ter aquele conhecimento do que aconteceu no passado. E a escola, do programa escola sem partido que oprime os professores de não falar dos acontecimentos, dos golpes que aconteceram no Brasil, do que aconteceu no mundo em geral. Ia ficar muito vago o conhecimento para nós, não iríamos ter um pensamento crítico. E as escolas particulares iriam mudar o jeito deles ensinar? Porque o ensino da escola particular para o ensino público é totalmente diferente, lá eles têm uma carga horária maior, eles possuem livros melhores, eles possuem uma estrutura melhor. E como a Maria Vitória falou quando diminuir o gasto vai sobrecarregar, porque os meninos ficariam o dia inteiro no Ensino Médio, um curso técnico que nem sabe se ia funcionar, porque se nas matérias de Português, Matemática, Física, Química já faltam muitos professores, imagina para o curso técnico. Ia ficar muito estranho, ia ter muita gente que iria para a escola só por ir, não estudaria. E esse projeto não daria certo em relação ao curso técnico, porque se eles já estavam cortando verba. Iriam criar um curso técnico sem dinheiro? Não tem cabimento.

Os blocos criados para a organização da ocupação na escola, chegaram em um tempo que não estavam mais dando certo, porque tinha muita gente que no princípio da ocupação pensou que iam ficar uma semana, ou só até o ENEM. Passou o ENEM e nós não queríamos

desocupar, vimos que podíamos ir bem mais longe do que aquilo. Muita gente começou a ficar contra, quem antes era a favor. Muita gente pensou que ali era só um passa tempo, um descanso da escola, mas não era, era mais do que isso, era um movimento. E muitos começaram a ficar contra, saíram dos blocos, começou a ficar carregado as atividades dentro da escola. Nós tivemos que começar a dividir tudo de novo, alguém para ficar atento em fazer os cronogramas, fazer a limpeza. E lá tinha que limpar todos dias, porque todos os dias chegavam pessoas diferentes, algum repórter, algum professor de outra escola, algum pai que queria ver o que que estava acontecendo lá dentro. Sempre tinha que ficar limpo, porque sempre teria alguém que ia para nos criticar, se não estivesse limpo saía falando. Muitas vezes, ganhávamos elogio do Pontal em Foco que ia muito lá fazer entrevista conosco, ele elogiava a nossa organização, a gente não deixava a escola suja e nem cadeira fora do lugar.

E o fato é que naquele 2016 teve dois dias de ENEM, o primeiro tema de redação foi intolerância religiosa e o segundo sobre racismo e a professora de sociologia, no primeiro ENEM, um dia antes ela, do nada, deu uma aula sobre religião e ela acertou o tema. Ela acertou o tema e quando nós pegamos o caderno que vimos. Naquele dia ficou bem dividido, os meninos que não iam fazer o ENEM e os que iam fazer. E quando pegamos o caderno ficamos muito felizes, porque vimos que a ocupação estava servindo, que com certeza se tivesse aula normal, aquela aula chata, que era cadeira no lugar certinho, o aluno calado e o professor explicando, o professor daria só aquele conteúdo que está na carga horária, ele não ia expandir para outras coisas e ela acertou o tema, ficamos muito felizes.

Sobre notícias ruins das ocupações, ouvíamos muito falar que por ser uma cidade pequena, no interior de Minas Gerais, a mídia não nos ouviria, não nos dariam importância, mas teve sim o seu lado ruim da mídia e seu lado bom, porque ela ia lá. Eles só falavam uma coisa, que a ocupação era uma perda de tempo. Que não ia adiantar nada, mas eles não falavam que nós fazíamos vandalismo, que estávamos quebrando o patrimônio público, pois, estávamos cuidando daquela escola como se fosse a nossa casa. Nós passamos vinte e seis dias ali morando, dormíamos, fazíamos nossa alimentação, só não tomávamos banho ali porque não tinha jeito, mas ali era nossa casa, durante os vinte e seis dias. E graças a Deus não tivemos muita mídia contra nós não, pelo menos as pequenas aqui da cidade, só as grandes no caso dessa emissora, pode falar o nome da emissora? A Globo. A filiada que é daqui, a Integração, não foi lá nos ouvir, ela só pegava coisas geral só por cima. E quando saiu o mandato para desocuparmos a escola ela foi lá, ela deu a cara a tapa, quando tinha polícia, quando mostrava que eramos os errados da história, eles foram lá. Eles não foram nenhum dia lá para saber se precisávamos de algum alimento, de algum produto de limpeza, se estávamos passando por

algum tipo de necessidade, o quê que fazíamos ali, não foram. Eles só pegavam algo ruim que eles ouviam sei lá onde e transformava aquilo lá como uma bomba e era ao contrário, nós cuidávamos da escola muito bem. Eu acho que a escola nunca foi cuidada igual, esfregávamos até corredor.

Usávamos as redes sociais, a página, para postar o que fazíamos aqui dentro, para ficar como prova que não estávamos ali só para brincar. Porque, para você ter ideia, eu mesma não levantava seis horas da manhã para lavar um prato em casa, levantava para ir para escola e ali sim, eu levantava seis da manhã, eu tinha que lavar o prato, lavar a louça, tinha que cuidar da escola. E as redes sociais em nosso favor, sempre tinham os comentários negativos lá. Sobre as rodas de capoeira tiveram comentários racistas na rede social. Eu não me lembro bem os comentários. Como se a capoeira fosse voltada só para pessoas negras e não para pessoas brancas, como se não fosse uma cultura e fosse apenas para negros.

Quando resistimos na ocupação estávamos bem cansados já. Foi muito estresse, teve muita confusão entre professores que não apoiavam a gente, eles buscavam alunos que eram a favor do movimento e começava entrar na mente deles para que deixassem a escola, para não ajudar na ocupação. Tinham pais também que estavam bem revoltados e nós estávamos muito estressados, tanto que no dia que chegou o mandato não sabíamos nem o que fazer, só sabíamos chorar, só chorávamos. Um certo dia nos reunimos e falamos que não era para ficar conversando com ninguém se fosse da escola, de direção, professor, com ninguém sozinho, sempre era para chamar alguém como testemunha. Para não deixar entrar na mente, porque já estava ficando cansativo, tinha muito professor que começava a falar que não estava servindo nada aquilo que estávamos fazendo. Queriam que desocupássemos, foi bem cansativo. Foi até um falso promotor público lá, que era pai de uma aluna que estudava conosco. Foi bem cansativo. Quando chegou o mandato, foi polícia, foi o Conselho Tutelar, porque na época tinha alunos que eram menores e estavam ocupando, teve o povo da direção da escola e uma emissora que estava lá atoa mesmo. E tinha um policial que estava nos filmando, eu não sei porque. Você lembra desse episódio, Maria Vitória? Eu não sei o motivo pelo qual ele estava nos filmando é tanto que eu falei que eu ia filmar ele também, porque ali tinha menores de idade e ele não podia filmar, mesmo que na presença do Conselho. Nós ficamos tão revoltados com isso.

No final o Conselho Tutelar falou que podia ficar só os maiores de idade na ocupação e que nós tínhamos vinte e quatro horas para desocupar. O engraçado é que o mandato chegou na escola às cinco horas, eu lembro disso certinho, cinco horas e nós tivemos acesso ao papel para ler somente às oito e meia e tínhamos vinte e quatro horas a partir da hora que o papel chegou na escola, então a gente tinha que desocupar cinco horas da tarde. Ficamos muito revoltados

com isso, porque só tivemos acesso ao papel três horas e meia depois, eles entregaram quando não tinha como recorrermos a um advogado, recorrer a ninguém, já era tarde da noite. Só que estava muito cansativo, tanto que os meninos do Tônico Franco falaram que iam resistir e eu falei que não dava conta. Eu não dava conta mais de ir adiante, porque eu comecei ficar com medo, chegou num ponto que eu fiquei com medo. Chegamos a ter a ideia de ficarmos sentados no chão, falar que não iríamos sair da escola, sentar e deixar, mas estávamos com medo porque o policial estava nos filmando sem estarmos fazendo nada, eles já estavam filmando como se estivessem nos oprimindo, como se a gente tivesse feito uma coisa errada ali. E eu estava muito cansada, eu não ia conseguir ir adiante. E para mostrar que o nosso movimento era muito social, todo alimento que sobrou ali nós doamos.

A minha formação de conhecimento político não foi de casa não. Os meus pais não terminaram o ensino, então só fizeram o Ensino Fundamental II. Na verdade eu sempre tive essa formação mais na escola. Em História eu tive uma professora muito importante pra mim, ela me marcou muito, eu até viajava nas aulas dela porque ela era muito boa. Ela começou a me mostrar que eu não tenho que olhar só pra mim, que eu tenho que olhar para o universo todo e ver qual é a necessidade do outro para não reclamar da minha. Foi daí que eu comecei a gostar da política. Foi a Patrícia. Ela me ajudou muito, aí depois eu tive o Ticolino e veio a Dayane de Sociologia. Foi crescendo essa formação política em mim e hoje eu falo que sou totalmente da área de humanas, eu não gosto de outras matérias de jeito nenhum. Só do fato de aprender que aquilo que se vê no jornal não é tudo verdade, procurar saber mais sobre aquilo, foi muito importante. Porque antes eu via aquele jornal e pensava que era só um jornal chato, mas não era, tinha era muita mentira e você tem que ouvir para entende-los, pesquisar e ver onde está a verdade, onde que está a mentira, em quem você pode acreditar e em quem você não pode. E eu acho que é assim que todo cidadão tinha que ir para as urnas, procurar saber de todos os candidatos, para saber em quem votar.

O que me marcou na ocupação foi a violência que nós sofremos quando soltaram bombinhas durante o dia dentro da quadra. E uma vez, nós estávamos dormindo, à noite, era de madrugada mais ou menos umas três da manhã, quase quatro, soltaram um rojão dentro da quadra. E nesse dia estava chovendo e nós pensamos que tinha caído algum telhado na escola, porque a escola tem muita coisa para reformar, e tinha uma sala que chovia mais dentro do que fora. Pensamos que tinha sido até o telhado da sala que tivesse caído, todo mundo saiu correndo, desesperado, tinha gente que estava chorando, tinha gente que havia esquecido a senha do celular para ligar para a polícia. Então, entramos nessa sala e não era nela, um colega nosso foi para o rumo da quadra e quando chegou lá, a quadra estava totalmente tomada por fumaça.

Sentimos o cheiro e percebemos que era foguete. Ligamos pra polícia, mas a polícia não nos apoiava. Eles riram, só que pedimos tanto que eles só passaram lá ao redor da escola, mas não chegou nem a entrar lá para perguntar se estávamos bem ou não. E no outro dia quando amanheceu, fui andar ao redor da escola e achei um foguete que eles nem chegaram a estourar, estava intacto, todo molhado porque havia chovido muito. Pensamos que tinha estragado o telhado da quadra porque tinha um furo lá, só que depois perguntamos e o pessoal da escola falou que já tinha aquilo lá, então ficamos sossegados. Estávamos muito cansados, tinha gente que acordava bem “aluado” lá.

A escola da ocupação tem muita diferença da escola convencional. Na nossa resistência aprendemos fazer nossos próprios horários, não tinha aquele horário padrão. Não saíamos da escola às onze e meia, nós tínhamos aula até meio dia. Depois de meio dia tínhamos nosso almoço, e voltávamos a ter aula. Final de semana tinha aula de reconhecimento, não era aquela aula dentro de sala com o professor, mas com oficina que chegava um conhecimento legal para nós. Aula prática, tivemos aula prática de Geografia, quando estudamos solo, foi muito legal, porque estudamos solo no ensino normal e só vemos *slides*, com uma professora da UFU, que foi dar aula de solo para nós, foi uma aula prática. Íamos montar uma horta com ela, só que não deu tempo, deixaríamos uma horta pra escola. E o diretor também não era muito a nosso favor. Era para fazer a horta lá e tinha que ter autorização dele e sempre que íamos conversar com ele, fugia do assunto e nunca dava a posição se podia fazer ou não.

APÊNDICE VI

Entrevista contextualizada da colaboradora Michele, realizada em fevereiro de 2018.

O meu nome é Michele Vila Almeida, eu tenho 19 anos. Meu ensino médio foi na Escola Israel Pinheiro. Durante ele eu não trabalhava, no primeiro e segundo ano eu fazia um curso técnico, já no finalzinho do terceiro ano, quando começamos a ocupação eu já não estava mais dentro do curso, já havia concluído. Tinha terminado junto com uma galera que estava na ocupação também e que fazia junto comigo.

Ser jovem as vezes é ruim, porque não somos ouvidos. Parece que somos uma coisa sem opinião, que não temos o nosso querer. E eu acho que eu aprendi muito na ocupação, eu acho que foi isso, que nós conseguimos lutar, que nós conseguimos ser ouvidos.

É engraçado lembrar porque ocupei a escola, porque eu era contra. Quando eu vi o assunto sobre a PEC, sobre ocupar, tivemos mais ou menos duas semanas de palestra com pessoas que eram contra a PEC e pessoas que eram a favor, principalmente dos terceiros anos. Para os terceiros praticamente quase todo dia tinha gente lá dando palestra e explicando. E quando passou a lista, o Tiago que foi o principal envolvido, falando para gente ocupar, eu falei que não ia, perguntei o que eles iriam fazer e que não teria nada para fazermos lá. Então a Beatriz, uma amiga minha que fazia curso, me falou para ocuparmos e cada um teria uma função lá e como tínhamos feito curso de administração, ela me disse que eu era muito boa e podia cuidar da alimentação porque eu conseguia pedir doações, e eu cuidaria do entrar e sair. E eu aceitei, no outro dia eu já estava lá de manhã com eles. Pensava que ocupar era uma bobagem, mas depois passei a entender mais, principalmente para o futuro. Os meninos falavam que iriam deixar tudo para o ensino médio. E quem vai entrar? E meus filhos, se eu for ter, o que vai acontecer? E na faculdade se não arrumar o ensino, eu vou entrar e vai continuar a mesma coisa? Eu quero algo melhor para mim. E foi quando eu decidi e fiquei do primeiro dia até o último, quando falaram que tínhamos que ir embora choramos, porque ficamos tão pouco tempo.

Para nos organizarmos, fazíamos o cronograma. A Maria Vitória, era praticamente a pessoa que cuidava de convidar e como estava perto do ENEM, tentava trazer principalmente para os meninos do ensino médio. Tanto que todos os cronogramas, publicávamos, colocávamos que era aberto ao público. Foi quando teve uma assembleia e as mães perguntaram sobre o ensino fundamental, porque no Estadual à tarde funciona o ensino fundamental. Às vezes os professores mesmo da escola, principalmente do ensino médio a Daiane de Sociologia,

a Lucia de Português, a Carmem de Química, se dispuseram a nos ajudar e a Clarisse de Biologia. Elas se disponibilizaram nós só marcávamos os horários das aulas. Tanto que um fato muito interessante é que a Daiane um dia antes do ENEM na sexta-feira, deu uma aula sobre os dois temas das duas provas da redação do ENEM, tanto que quem foi falou para a Daiane que tirou nota muito boa, eles apoiaram. Do ensino fundamental foi apenas o Tico que falou que estava lá e daria as aulas, mas nós contamos com os meninos da UFU e os professores.

Tico era o professor de História. Os meninos da UFU colaboraram conosco. Já as atividades de organização do lugar eram divididas para quem estava dormindo lá. E os alimentos eram feitos pelos próprios alunos, os meninos que não sabiam cozinhar, ajudavam na limpeza. Então, colocávamos no cronograma e, por exemplo, das nove e meia até as onze horas para fazer a limpeza da escola.

Nós fazíamos os cronogramas. Colocávamos roda de conversa porque tinha gente que falava que estava muito só com aulas normais, tinha que mudar, nós conversávamos muito com os meninos. O Hebert, que era professor do Nacional, tem um grupo de Rugby que ele levava para lá para ensinar para os meninos, então nós tentávamos não deixar muito só com aulas tradicionais, porque era um espaço livre. Tivemos até a ideia do campeonato de futebol da ocupação, porque havia muitos alunos que participavam dos jogos estudantis da escola e praticamente iam para lá para jogar futebol. Então, pensamos em aproveitar isso. Às vezes nós colocávamos alguns horários para praticar esporte. Não podíamos usar nada da escola, então tínhamos que procurar e aí alguém arrumava a bola e também contamos com o apoio dos meninos da educação física da UEMG que ficaram lá com a gente. Então fazíamos isso para não ficar só na teoria.

Sobre as notícias ruins que falavam de nós era muito ruim. Porque falavam que éramos “vândalos”, que estávamos entrando na escola e destruindo. Tanto que o Pontal em Foco foi até lá para ver como estava o andamento. Nós falamos que só poderiam tirar fotos. Eles falaram que a escola estava bem cuidada. Na página da ocupação no *Facebook* tinha muito isso, muita gente falando que nós éramos “vândalos”. Ficávamos muito tristes, por isso sempre postamos textos informativos do que acontecia. Teve uma vez, na verdade foram duas vezes, que estávamos dormindo e a sala ao lado estava praticamente toda molhada, então jogaram um rojão dentro da quadra e a sala que nós estávamos dormindo era muito perto, então o barulho foi alto. Pensamos que tinham entrando lá, ou que a sala do lado tinha explodido. Isso também aconteceu com os meninos do Tonico Franco. Ficávamos com muito medo porque passava gente lá xingando, ficamos com medo de entrarem lá. Entramos em contato com a polícia, eles disseram que se alguém entrasse lá que poderíamos acionar eles. A Daiane nos orientou, porque no

Tonico Franco teve um caso em que eles jogaram garrafas de bebidas pelo muro da quadra. E o muro da nossa escola é baixo, então dava para pular. Fizeram isso para falar que os meninos do Tonico Franco estavam bebendo e usando drogas lá. Nos recolhemos, chamamos a polícia e relatamos o que aconteceu, mas é um sentimento muito triste porque não acontecia o que ficavam falando lá dentro da ocupação. Nós convidamos as pessoas para conhecer lá. A nossa escola fica perto de uma igreja, a São Francisco de Assis, eu frequento lá e o padre era contra, então eu chamei ele para ver como era o movimento e sempre quando precisávamos de alimento ele nos socorria, mandava pra gente. Muitas vezes era falta de ir lá conhecer. Nos debates tinham mães que eram contra, mas a partir do momento que tiveram conhecimento do que era, ficaram do nosso lado. Mas era um sentimento muito revoltante.

Em relação ao controle de quantidade de pessoas na ocupação, tínhamos um caderno, mas ficou com o Tiago, era o controle de quem entrava. No começo tinha muita gente participando, no primeiro dia foram muitos alunos. Lá tinha quatro salas de terceiro ano, eu era do terceiro C e fui a única que participou da ocupação nessa sala, ninguém foi pelo menos para saber o que estava acontecendo. E depois de quase um mês ocupados, muitos já não estavam indo. Tinha os que sempre dormiam lá, os que moravam perto e passavam o dia lá. Quando chegou o ENEM, que o Estadual era uma das escolas de aplicação da prova, inclusive eu ia fazer o ENEM lá, o Marcelo (diretor da escola) nos chamou para conversar e perguntar se iríamos sair para o ENEM acontecer e nós respondemos que não. Quando isso aconteceu, muita gente deixou de ir. Questionamos se eles iriam lutar só até o momento em que não se sentissem beneficiados. Olha se for contar na ocupação inteira se for contar com a lista, devem ter ido umas trezentas ou quatrocentas pessoas, que iam muito em horários diferentes.

Nas redes sociais tínhamos uma página no *Facebook* e os responsáveis eram o Tiago, eu e a Maria Vitória, sempre tentávamos postar quando um saía e tinha que resolver algo o outro ficava no lugar para postar alguma coisa, para mostrar para o público o que estava acontecendo. Nós postávamos os cronogramas antes para eles ficarem cientes. Também conversávamos muito pelo *WhatsApp*, pelos grupos, tinha o grupo dos terceiros anos e repassava para as outras salas. Usávamos muito rede social, principalmente o *Facebook*, era o lugar onde nós mais nos comunicávamos e divulgávamos o que estava se passando lá.

Nós resistimos, na verdade, se dependesse de nós, estávamos lá até hoje. Quando chegou a intimação que era para sairmos, eu não me lembro o dia que chegou, acho que era uma terça-feira se eu não me engano, não, foi numa segunda porque no outro dia nós limpamos a escola, foi polícia, foi o pessoal da Superintendência, que tinha ido lá. Pedimos para a diretora da Superintendência ir lá nos ouvir, para saber o que estava acontecendo. Depois eles chegaram

junto com o diretor e a vice'-diretora da escola, aí nesse momento só estava o Tiago lá que era maior de idade, e tinha os meninos do direito que estavam acompanhando. Pediram para sairmos e falaram porque, mas nós pedimos o papel que falava que tínhamos que sair e eles não queriam dar, eles falaram que só entregariam quando concordássemos em sair. Com isso, tinha policial nos filmando e do outro lado tinha carro de reportagem querendo entrar para saber o que aconteceu. Eles falaram que nós não queríamos acordo com eles, não queríamos conversar, e nós queríamos saber o que estava acontecendo, falaram que estávamos estragando a escola e isso não era verdade, tanto que até o diretor entregou para gente bem depois, depois que eles foram embora. Então, recolheram os meninos que eram menores de idade, falaram que eles não poderiam ficar lá. Depois foram os meninos da UEMG para ver o que tinha acontecido, também falaram que eles não poderiam ficar lá, ficou bem pouco, só umas quatro pessoas lá na escola. E no outro dia, foi no mesmo dia dos meninos do Tonico Franco, os meninos de lá, saíram de manhãzinha e nós saímos à tarde e no outro dia já tinha aula normal. Se tivessem dado o documento para vermos antes, porque não estava certo aquilo que eles escreveram lá, nós teríamos ficado lá. Por falar que não queríamos acordo, não queríamos conversar com eles sendo que estávamos lá só para ouvi-los.

Minha formação crítica eu atribuo ao ensino médio. A Daiane que era professora de Sociologia ela sempre trabalhava nisso. Tinha o Altair professor de História, na verdade a Daiane trabalhava praticamente junto com ele, com a Lúcia e com o Carlos Layala de Filosofia. Muitas vezes fazíamos debate dentro de sala, para focarmos nisso. Eu não tinha no ensino fundamental, meu senso crítico, acho que ele nasceu a partir daí, eu falo que eu entrei em um novo mundo quando eu entrei para o Ensino Médio. Mas foram nessas matérias que mais teve o acesso, porque eles mandavam pesquisarmos e como nos posicionávamos.

Eu acho que durante as ocupações eu estava exercendo o meu papel como cidadã. Eu tenho certeza. Porque é um direito meu e eu queria o melhor para mim e para toda a sociedade, mesmo que muitos não queriam aquilo. Nós estávamos lá porque queríamos melhorar a situação. A situação do Brasil já não está muito bem, imagina se acontecer realmente o que estão propondo? E não queríamos que isso acontecesse.

Eu falo que se fosse para nós pegarmos a escola que reinventamos na ocupação, daria tanta coisa. Minha irmã agora estuda no Estadual, ela está fazendo o ensino médio, muitas coisas que aconteceram na ocupação eles pegaram. Tinha um microfone e uma caixa de som que os meninos levaram e nós brincávamos de rádio lá nos intervalos, às vezes os meninos cantavam. E hoje na escola tem uma rádio. Nós tínhamos uma professora de Biologia que ela dá aulas de dança, ela ia lá. No sábado nós colocávamos no cronograma, coisas além das aulas

tradicionais, então colocávamos jogos, dança. Ano passado, quando eu tive contato com a escola, ficamos sabendo que agora no sábado eles também colocaram isso. Então os meninos que participam dessa modalidade de dança lá, eles foram apresentar em outras escolas. Tinham dois projetos que queríamos colocar na escola. Um, era junto com o pessoal da geografia da UFU, porque o Estadual tem uma área verde muito grande e estava com muito capim alto e pensamos em construir uma horta. Porque qualquer professor pode trabalhar. Professor de Biologia ou Geografia pode trabalhar lá, só que o diretor não aprovou, ele disse que daria muito trabalho, mesmo falando que nós mesmos que iríamos fazer, mas ele não aprovou. O outro projeto que queríamos desenvolver, era numa parede lisa enorme que tinha lá, queríamos trabalhar com artes nela. Pensamos em picar a parede usando o grafite, o professor de artes, o Alysson deu total apoio, conseguimos contato com os meninos que trabalham com isso e o Marcelo não aprovou. E hoje toda aquela área que pensamos, os meninos fazem esse trabalho nela, no sábado. Tem até o desenho daquelas asas que o povo fica tirando foto e os próprios alunos fizeram isso. Ficamos muito felizes em saber que nós planejamos, os professores que ficavam lá conosco trouxeram isso para a escola. Tanto que falamos entre nós que queríamos fazer o terceiro ano. Ficamos muito felizes porque a escola trouxe um pouco do que nós vivemos.

Toda a ocupação para mim foi marcante. Mais ou menos quando estávamos com uns doze dias ocupados, fizemos uma viagem com a Amanda para Belo Horizonte. E eu pensei que estaríamos lá, porque na verdade a mídia encobriu muito ao falar quantas escolas estavam ocupadas. E quando nós fomos para Belo Horizonte, andando lá nós fomos na escola principal de lá e estava ocupada, era quatro vezes maior que a daqui. Os meninos nos convidaram para ver como funcionava lá. Nós fomos para a praça central onde estava acontecendo a mobilização, tinha gente de tantos lugares, alunos de tantos lugares que estavam ocupados, na verdade eu tive maior acesso para saber o que eles também estavam passando. Porque a escola nos deixou sem nada, nós só usamos o espaço, não tínhamos uma panela para fazer comida, nós não tínhamos um prato para por comida, e soubemos que tinham alunos lá que também estavam na mesma situação que a nossa. Aí estava chegando e pensei que podíamos parar naquele momento. Se todos tivessem visto o que vimos lá, teriam certeza de não podíamos parar naquele momento e me deu mais motivação de continuar. E sabíamos que a escola e o movimento não estavam sozinhos e que muito mais gente estava batalhando também. Acho que até fiquei mais independente na minha formação, me tornei mais responsável e independente, porque lá tínhamos que cumprir os horários à risca.